



Sozinha em sua cabana à beira-mar, Emily percebia agora que seu amor por Rafe não tinha sido apenas uma fantasia de adolescente. Mas, aqueles anos que ela passou longe dele, tinham deixado marcas profundas na alma e no rosto de Rafe, hoje coberto de cicatrizes. E, por mais que Emily tentasse convencê-lo de que o amava loucamente, Rafe não acreditava. Para ele, o interesse de Emily não passava de piedade, misturada a uma intensa atração sexual. Como quebrar as barreiras que Rafe tinha construído em volta de si mesmo? Como apagar de sua alma e de seu olhar tristonho aquelas malditas marcas do passado?

Marcas do Passado

“Yesterday's Scars”

Carole Mortimer

Digitalização: Valéria
Revisão : Rita Cunha

CAPITULO I

— É tudo muito misterioso, não? — disse Linda. — E muito excitante! Emily fechou sua mala com força, amassando todas as roupas que tinha colocado dentro dela há apenas alguns minutos, depois de ter tido o trabalho de dobrá-las com cuidado.

— Não vejo nada de excitante ou misterioso nisso. Minha presença foi solicitada em casa, só isso!

— Certo, mas que casa! Eu me lembro das fotos que nos mostrou logo que chegou aqui: é um lugar fantástico! Não entendo como você teve coragem de se mudar para cá e morar neste apartamento minúsculo — continuou Linda, apontando para os três cômodos em que Emily vivia há três anos. — E difícil de acreditar... depois de ter morado naquela mansão! Eu jamais faria isso.

— Acho que faria, sim, se fosse Rafe o dono da mansão. Emily continuou ajeitando suas coisas, certificando-se de que toda a bagagem estava em ordem para ir para o aeroporto. O olhar de Linda ficou ainda mais sonhador.



— Rafe Savage! Há até um romance com esse nome. Que sorte a sua ter uma figura tão romântica como tutor.

— Ele não é meu tutor! Não tenho dois anos de idade, Linda, já tenho quase vinte e um. Rafe simplesmente tomou conta de mim desde que eu tinha dez anos. Mas ele não passa de um tirano. Não tinha o direito de me chamar para casa sabendo que tenho que ir à escola durante o período letivo.

— Você não é obrigada a ir, queridinha!

Emily estava cética. Com certeza Linda não conhecia Rafe Savage, do contrário não teria feito tal afirmação. Quando Rafe dava uma ordem, todos corriam para cumpri-la, inclusive ela.

— Eu tenho que ir. Ele só permitiu que eu viesse para os Estados Unidos com a condição de que eu voltasse depois de três anos, antes de completar vinte e um anos.

— Você não quer voltar para casa? — Linda estava pasma. — Deve ser incrível morar numa casa como aquela. Esse seu primo deve ser uma grande autoridade no lugar, não é?

Lembrou-se do comportamento arrogante de Rafe e do respeito e lealdade com que as pessoas de Cornwall costumavam tratá-lo.

— Sim, acho que é.

— Você nunca nos contou muito sobre sua família, mas sempre sentimos que você é diferente de nós. Fora, é claro, esse seu jeito tão nitidamente inglês de ser. O que a fez decidir vir para os Estados Unidos?

— Eu queria sair da casa dos Savage, e qualquer lugar na Inglaterra não me parecia longe o suficiente para me sentir livre de sua influência. Achei ótimo vir para cá; Jonathan é uma pessoa perfeita para se trabalhar, e as pessoas foram todas muito amáveis comigo. Na verdade, eu adorei os Estados Unidos e não queria voltar para casa.

Linda deu uma risada irônica.

— Não acho que sejam esses os verdadeiros motivos para você não querer sair daqui, Emily. Creio que Josh, o filho de Jonathan, tem algo a ver com isso...

Emily corou.

— Bem, nós estávamos só começando a nos conhecer melhor; não faz muito tempo que Jonathan nos apresentou.

— Talvez seja melhor mesmo você ir embora. Não creio que fosse gostar mais dele à medida que se conhecessem melhor. Eu nunca gostei dele. Sinto muito, Emily, mas ainda não engoli aquela história de ele ter passado Sandra para trás. Eles eram noivos, sabia?

— Sim, ele me contou.

— Ah, aposto que sim: contou o seu lado da história, claro. — Linda olhou para o relógio.

— É melhor levá-la logo ao aeroporto, que já está ficando tarde.

— Você não gosta mesmo de Josh, não é? Linda sacudiu os ombros em sinal de pouco caso.

— Trabalhando como enfermeira de Jonathan, eu tive mais tempo que você para observar Josh; eu o vi em ação inúmeras vezes. Se ele não tivesse estado na Europa nos últimos anos você também teria tido chance de saber muito mais sobre ele. Aquele companheiro maravilhoso em seu jantar de despedida não corresponde à imagem real de Josh. Mas eu não quero continuar falando sobre isso. Leve com você as lembranças agradáveis dele e esqueça o que acabei de dizer.

Suas despedidas no aeroporto foram rápidas; agora, os pensamentos de Emily estavam dirigidos para sua volta ao lar. Três anos é um bocado de tempo para ficar ausente de casa; as pessoas mudam, ela mesma havia mudado tremendamente. Pelo

menos esperava ter mudado bastante, caso contrário esses anos longe teriam sido uma total perda de tempo.

Sua chegada aos Estados Unidos tinha sido bem diferente desta sua partida. Na época Rafe a havia acompanhado, certificando-se de que estava bem acomodada, antes de retornar à sua propriedade em Cornwall: aos acres de terra que havia herdado e onde governava como um lorde. Como autoridade máxima da família, Rafe manejava e dominava cada um de seus membros com tal firmeza, que até então somente Emily havia ousado desafiá-lo. Tinha havido muitos problemas entre eles, uma vez que ela era a única pessoa que conseguia perturbar seus nervos.

Emily duvidava que desta vez viesse a ser diferente. Antes de partir, suas discussões costumavam ser quase insuportáveis; na verdade, essas discussões foram parte dos motivos que a impeliram a ir à América. E, para sua surpresa, Rafe não havia oferecido resistência à ideia. Ele mesmo fez os contatos para que conseguisse emprego e, quando finalmente foi aceita, ele viajou com ela, permanecendo lá por uns dias, até ter certeza de que estava tudo bem.

Já fazia três longos anos que não se viam. Teria ele mudado? Ela se lembrava de Rafe como uma figura alta, muito alta, com a pele bem morena e cabelos escuros e volumosos, características herdadas de seus ancestrais. Os Savage eram de origem espanhola. Emigraram para a Inglaterra há centenas de anos. Na verdade, Rafe não era realmente seu parente; seu pai havia se casado com uma tia verdadeira de Rafe quando Emily tinha dois anos de idade.

A primeira imagem que guardava desse homem alto e arrogante remontava aos seus cinco anos de idade quando, ao levar um tombo, se cortou e chorou copiosamente no colo de seu pai. Rafe, na época um rapaz de vinte e três anos, deu risada de suas lágrimas dizendo que ela já era uma mocinha, e que uma mocinha não chora por bobagens como pequenos cortes. Daquele momento em diante ela passou a detestá-lo.

Agora sua estada na América havia terminado e ela voltava à casa dos Savage, uma casa enorme com vista para o mar. Emily estava nervosa por ter que encontrar Rafe novamente, tão nervosa que, quando o avião aterrissou, estava pálida e apreensiva. Mas sua jornada ainda não havia terminado.

Tinha enviado um telegrama alguns dias atrás, informando sobre sua chegada, mas como não havia recebido resposta não sabia se estava sendo aguardada ou não. Esperava que sim, pois não lhe agradava a ideia de chegar à casa dos Savage sozinha. As terras ao redor da casa também pertenciam a eles e havia um homem na portaria para impedir a entrada de estranhos. Ninguém tinha permissão para entrar sem uma ordem explícita de Rafe. Que humilhante seria chegar lá e não ter permissão para entrar! Seria o tipo da humilhação que Rafe adoraria testemunhar.

Emily perdeu todos os seus temores quando avistou James esperando por ela no saguão do aeroporto. O querido e amável James, motorista da família de muitos e muitos anos, cuja mulher era cozinheira e faxineira dos Savage.

Emily o abraçou com força, em meio às lágrimas que escorriam pelo seu rosto e a intimidavam.

— E muito bom ver você, James, muito bom! Ele a afastou um pouco.

— Srta. Emily, eu não a teria reconhecido, está tão crescida!

— Tomo isso como um cumprimento. Obrigada, James — disse, rindo nervosamente e mordendo o lábio. — Então Rafe não veio com você?

James franziu as sobrancelhas.

— Você sabe que, numa situação normal, ele teria vindo pessoalmente. Mas como ele está machucado, não pode sair muito. Mas agora que a senhorita está de volta será tudo diferente! Ele sentiu muito a sua falta.

Emily duvidava muito dessa afirmação, mas não disse nada. Outra coisa tinha chamado muito mais sua atenção.

— Você disse que Rafe está machucado? O que quer dizer com isso?

James acomodou as malas de Emily no porta-malas do Mercedes, um dos muitos carros dos Savage. Ele não conseguiu disfarçar a surpresa com aquela indagação de Emily.

— Bem, ele sofreu um acidente e ficou gravemente ferido. Claro que ele não admite que sente dor, mas é o que se pode ver em seus olhos. Provavelmente a senhorita irá notar isso melhor que eu, já que esteve longe por tanto tempo.

Emily ouvia tudo, perplexa.

— Não consigo entender nada disso, James. Você está me dizendo que Rafe sofreu um grave acidente...

James abriu a porta do carro para que ela entrasse.

— Quer dizer que a senhorita não sabia? A srta. Célia não lhe escreveu contando?

— Não. Conte-me o que aconteceu com Rafe.

— O sr. Savage estava na lancha. Ninguém, muito menos ele, sabia que havia uma fenda no tanque de gasolina. Ele então acendeu um fósforo e foi tudo para os ares. Você sabe como o sr. Savage gosta de fumar aqueles seus charutos; era inevitável que isso acontecesse, assim que subisse a bordo. Felizmente, ele foi jogado longe, mas o lado esquerdo de seu rosto ficou seriamente queimado e ele teve um osso quebrado do lado esquerdo da bacia, o que o deixou manco de uma forma horrível.

Emily empalideceu com a informação. Rafe mutilado e com cicatrizes! Não conseguia pensar nessa possibilidade. Está certo que eles costumavam brigar muito, mas ela nunca pode negar que ele era um belo homem! Estava arrasada.

— Quando... quando isso aconteceu, James?

— Há cerca de um ano.

— Há um ano? E eu... eu... ninguém me contou nada? James fechou a porta do carro atrás dela e acomodou-se no banco da frente.

— Isso é muito estranho, pois tenho certeza de que, quando o sr. Savage estava muito mal, ele chamou pela senhorita. A srta. Célia prometeu que iria lhe escrever.

James se sentiu um pouco constrangido ao perceber quetinha faiado demais.

— Ela deve ter decidido que seria melhor não preocupá-la.

— Sim... — disse Emily, duvidando.

Célia! Uma víbora num paraíso seria uma boa descrição da irmã de Rafe. Célia, com seus debochados e irritantes olhos azuis, cabelos negros e longos, e um corpo pequeno e perfeito; ela mandava nos empregados dos Savage com a arrogância de todas as mulheres Savage que existiram antes dela. Não lhe falou do acidente de Rafe de propósito; Emily tinha certeza de que fora de propósito!

Nunca tinham se dado bem e, quando a mãe de Rafe morreu, Emily sabia que não poderia mais ficar na casa dos Savage. Célia tinha se casado aos vinte anos, mas ficou viúva dois anos depois. Seu marido morreu num acidente de carro. Voltou então a morar com sua mãe e irmão. Quatro anos atrás a sra. Savage, única aliada de Emily, havia morrido e desde então Célia assumira o comando da casa.

Mas Emily nunca imaginou que ela fosse chegar ao extremo de esconder dela um fato tão importante como o acidente de Rafe; não acreditava que ela pudesse ir tão longe! Aos vinte e sete anos, doze anos mais nova que Rafe, Célia era uma das mulheres mais bonitas que Emily conhecia e ela estranhava que não tivesse se casado novamente. Pudera, como poderia sentir falta de um casamento, uma vez que gozava da posição privilegiada de dona da casa dos Savage? Como Célia era só seis anos mais velha que Emily, teria até sido possível que se tornassem boas amigas, mas isso não aconteceu.

Célia sempre se ressentiu do fato de Rafe ter decidido tomar conta de Emily por ocasião da morte de seu pai, e vivia declarando a quem quisesse ouvir que Emily não era uma verdadeira Savage, que não pertencia à família. Emily achava que ela devia estar certa, mas para onde poderia ir uma criança de dez anos?

— De qualquer forma, estou feliz por estar de volta, James.

— E, por incrível que pareça, disse isso com muita sinceridade. Desde o momento em que o motorista lhe contou sobre o acidente, Emily só conseguia pensar em Rafe, no que iria significar para ela encontrá-lo de novo. Ele sempre lhe pareceu tão bonito, másculo, e agora toda essa virilidade estava arruinada.

Mal podia esperar para chegar em casa, deixando que James carregasse sua bagagem enquanto corria para dentro da casa. Célia passava casualmente pelo hall de entrada, bela e fria como sempre.

— Rafe não está em casa? — perguntou Emily, quase sem respiração.

— Eu vou muito bem, obrigada, Emily! — disse com um sorriso cínico.

— Oh... oh, sim! — Emily corou. — Mas Rafe está em casa? Célia umedeceu os lábios muito pintados e respondeu:

— Bem, ele não marcou nada em especial para recebê-la, se é isso o que quer saber. Afinal de contas, não se trata da volta da filha pródiga. Rafe está por aí pela fazenda, como faz todos os dias.

Emily não conseguiu esconder sua decepção. Pelo jeito nada havia mudado; percebia claramente o mesmo desprezo de Célia e a mesma indiferença de Rafe. Nunca soube definir qual desses sentimentos era mais difícil de ser suportado.

— O quarto em que você costumava ficar foi preparado: peça a James que leve suas malas para lá. Estarei fora pelo resto da tarde, por isso faça o que tiver vontade. Só não perturbe Rafe quando ele chegar.

— Não tinha a menor intenção de perturbá-lo. — Antes que Célia saísse do cómodo, perguntou: — Por que você não me contou sobre o acidente de Rafe?

— Contar-lhe o que, Emily? Que ele estava mutilado e não era mais o homem de suas fantasias infantis, e sim um homem amargo que não queria ser incomodado com sua tola adoração? Rafe não viu nenhum motivo para pedir que você voltasse — continuou Célia cruelmente. — Ele não a queria por perto perturbando-o, esforçando-se para lhe mostrar quanto era devotada. Você não é bem-vinda aqui, Emily!

Emily tentou se controlar diante da rispidez das palavras de Célia. Em três anos de ausência havia se esquecido de como ela costumava ser cruel, e agora estava sendo lembrada disso à força.

— Vou para o meu quarto

— Para o quarto de hóspedes — corrigiu Célia.

Emily engoliu em seco.

— Sim, para o quarto de hóspedes.

Enquanto subia para o quarto, concluiu que durante sua ausência o ressentimento de Célia havia aumentado, não diminuído. O quarto a que havia se referido era o que Emily ocupara nos últimos onze anos. Mas o que mais havia magoado era o fato de Rafe não estar em casa para recebê-la.

A vista da janela era magnífica: o mar batendo na costa e, bem distante uma floresta. Tinha sido nela que, aos quatorze anos, Emily construiu uma pequena cabana para brincar. Rafe a ajudou, claro, mas sempre foi considerado como um lugar só seu, privado e íntimo. Passava muitas horas lá dentro, nos meses de verão.

Em Trathen, o pequeno vilarejo, viviam somente cinquenta famílias, além dos Savage. Cada família tinha seu próprio pedaço de terra, mas os Savage eram os maiores

proprietários. A mansão da família se impunha no alto do penhasco, dominando toda a paisagem.

Emily adorava os verões que passava lá. Como tinha os cabelos loiros, era de se esperar que ficasse vermelha ao sol, mas não. Sua tez era morena, e no verão conseguia um bronzado bem escuro.

Os cabelos loiros vinham da mãe, que Emily nem havia conhecido, uma vez que morrera quando ela nasceu. Ela quase se parecia uma Savage, não fosse os cabelos claros.

Emily sorriu para James quando ele trouxe sua bagagem para o quarto, e levantou-se para dar um forte abraço em sua esposa, Sara, que o ajudava a carregar as malas.

— Oh, Sara! Você está mais gordinha que nunca!

A cozinheira correspondeu ao seu abraço.

— E você está mais magra do que nunca! — As duas riram uma da outra, uma vez que a diferença de peso entre elas sempre fora motivo para brincadeiras.

Sara era a cozinheira gorducha e bonachona das histórias infantis, contrastando com a magreza de Emily. E, embora brincando, Sara tinha dito uma verdade: Emily estava mais magra. Nos Estados Unidos recebia um salário como secretária de um médico, mas ele dava apenas para as despesas básicas. Rafe havia insistido para que ela aceitasse uma mesada, mas Emily não concordou. Queria ser como qualquer moça que trabalhasse fora, e se isso implicava em passar a maior parte do tempo sem dinheiro, ela também passaria por isso. Às vezes, não tinha dinheiro suficiente para se alimentar bem. Mas Emily preferia assim, ignorando que seu tutor era um homem rico o suficiente para comprar tudo o que ela quisesse. Com o passar dos anos, acostumou-se a viver com muito pouco, para não alimentar a irritação de Célia mais do que necessário.

Era muito estranho que Rafe não estivesse em casa para esperá-la. Ele deveria saber seu horário de chegada, caso contrário não teria mandado James esperá-la no aeroporto. Onde estaria ele? Pela fazenda, disse Célia. Mas ele poderia ter gasto cinco minutos de seu precioso tempo para recebê-la! Teria havido uma grande briga se fosse ela quem agisse com tão pouco caso numa situação semelhante. De qualquer forma, essa omissão de Rafe a tinha magoado.

Emily pôs um dos vestidos que havia comprado para a viagem. Nenhuma das roupas que tinha usado em Cornowall no verão de três anos atrás lhe servia mais, uma vez que havia diminuído as medidas em alguns lugares e aumentado um pouco em outros. Suas camisetas coloridas, por exemplo, estavam justíssimas.

Escolheu um vestido branco, que contrastava com sua pele morena e com os cabelos claros e deixava à mostra suas belas pernas; completou o traje com sandálias brancas.

Levantou os cabelos, prendendo-os com uma fita no topo da cabeça, o que lhe permitia sentir a carícia leve da brisa marítima no pescoço. A América era extremamente quente, mas ela sabia que Cornwall, no verão, às vezes podia ser ainda mais quente e úmido.

A porta da frente permanecia aberta quando ela desceu e, como parecia não haver ninguém por perto, saiu para sentir melhor o sol. Dirigiu-se à velha cabana da floresta e rezou para que as lembranças não fossem muito dolorosas. O caminho para o mar era íngreme e perigoso, pois seus degraus de pedras às vezes costumavam quebrar e despencar. Seus movimentos eram rápidos e precisos. Rafe sempre a alertara sobre o perigo desse atalho. Sugerira que fosse pelo outro cantinho, pela parte de trás da casa, que era mais seguro. Mas Rafe não estava ali agora para ver o que ela estava fazendo e esse caminho era mais curto.

Emily tinha se esquecido de quanto adorava aquele lugar: o mar, a areia, o brilho do sol... Tirou as sandálias, enfiando os pés na areia e sentindo-a penetrar macia pelos vãos dos dedos. Caminhou sozinha pela margem, sentindo a água. Estava só, mas paradoxalmente não se sentia assim; era impossível se sentir sozinha naquele paraíso. A beleza natural à sua volta era toda a companhia de que precisava.

Lamentava agora não ter trazido seu biquini, não era bom ficar admirando toda aquela beleza sem participar dela. Tinha mergulhado naquele lugar muitas vezes, também contrariando as ordens de Rafe, pois as águas eram perigosas para um banhista solitário. Costumava mergulhar principalmente quando Rafe viajava a negócios; mas não faria isso hoje, pois ele poderia surgir a qualquer momento.

A cabana já estava ficando velha, e Emily sentiu um certo medo de entrar. Ao mesmo tempo em que os verões podiam ser muito quentes, os invernos podiam ser igualmente muito intensos; a chuva e a umidade poderiam ter destruído seu pequeno refúgio durante a sua ausência. E também não sabia que tipo de lembranças a aguardavam ali.

Virou a maçaneta da porta; nunca estava trancada, uma vez que não havia nada lá para ser roubado. Era uma cabana de um só cômodo onde havia uma cama, um tapete rústico e arranjos com painéis antigos. De vez em quando Rafe a deixava passar uns dias na cabana.

Abriu os olhos devagar, esperando encontrar tudo destruído, mas a cabana estava exatamente do jeito que ela lembrava. Nada fora do lugar, nada destruído. Caminhou pelo cômodo juntando lembranças de sua infância, maravilhada com a preservação de tudo. Talvez a cabana estivesse protegida por estar sob as árvores; ela não conseguia pensar em outra explicação.

A foto sua com Rafe permanecia sobre a mesinha que ficava atrás da cama, uma foto dos tempos mais felizes que passaram juntos. Emily sentou-se no colchão com a foto nas mãos. Ela tinha acabado de ganhar uma partida contra Rafe e tinham pedido à um amigo que tirasse uma foto de sua vitória.

Emily olhava para a fotografia, amarelada pelo tempo: Rafe pousava a mão sobre seus ombros e ela ria, feliz. Tinha catorze anos na época e a harmonia entre eles não tinha durado muito mais tempo.

Colocou a foto sobre a mesa novamente e ficou ansiosa para sair. Sua reação àquele lugar não tinha sido tão violenta como esperava. Sem dúvida a cabana ainda iria lhe servir de refúgio algumas vezes mais, mas agora tudo o que ela queria era sair dali.

As aulas estavam para terminar e Trisha, uma garota que dava aulas para as crianças do lugarejo e dos arredores, tinha sido uma boa amiga de Emily antes de ir para a universidade, dois anos antes de Emily viajar para os Estados Unidos.

As aulas estavam para terminar e Trisha, uma garota que dava aulas para crianças do vilarejo e arredores, tinha sido uma boa amiga de Emily antes de ir para a universidade, dois anos antes de Emily viajar para os Estados Unidos.

Tendo vivido ali toda a sua vida, Trisha tinha voltado há alguns meses, na época das férias, preferindo dar aulas para os filhos dos amigos e assim morar novamente com sua própria família. A essa altura o dia escolar já devia ter terminado e Trisha devia estar preparando a sala de aula para o dia seguinte.

A escola ficava num pequeno prédio situado a cerca de um quilômetro e meio da casa dos Savage; a idade das crianças variava entre cinco e nove anos. Depois dessa idade elas eram mandadas para uma escola maior, numa cidade a quinze quilômetros; mas, muito frequentemente, iam para um internato, não voltando mais para casa.

Não havia nem trabalho nem entretenimento para todos. Tinham só um pequeno clube de campo com algumas quadras de esporte e, aos sábados, um baile, mas nada

parecido com as sofisticadas opções de lazer das cidades grandes. Portanto, a população permanecia sempre a mesma, de trezentos a quatrocentos habitantes, e era desse jeito que Rafe gostava de Cornwall.

Rafe! Não importava para onde se dirigiam os pensamentos de Emily, sempre lhe vinha a imagem dele, que ainda era seu tutor. Segundo a vontade de seu pai, ela estaria sob a tutela de Rafe até que completasse vinte e um anos, mesmo que a idade legal fosse dezoito. Mas, dentro de uma semana ela iria completar vinte e um anos, e então passaria a ser dona de seu nariz, sem ter que se submeter a ordens como se ainda fosse uma criança.

Como ela esperava, Trisha estava sentada à mesa em sua sala de aula, corrigindo os exercícios nos cadernos dos alunos. Emily entrou quieta na sala para surpreendê-la. Não havia escrito informando sobre sua volta; tudo tinha acontecido tão depressa que mesmo que quisesse escrever não teria tido tempo.

— Olá! — disse ela em voz alta.

Trisha levantou os olhos, assustada. Seu rosto se iluminou num sorriso quando reconheceu Emily.

— Oh, Emily! — Estendeu os braços em sua direção, refletindo nos olhos verdes toda a sua excitação. — Quando voltou?

— Acabo de chegar. Literalmente. Foi só o tempo de tomar um banho e mudar de roupa antes de vir vê-la. — E visitar a cabana, mas ela não queria falar sobre isso.

— Estou lisonjeada. Deus do céu, como senti sua falta!

— E eu a sua. Adorava receber suas cartas. Fiquei tão feliz em saber que tinha passado em todos os exames. E que tal dar aulas na escola que você mesma frequentou como aluna?

— No começo foi um pouco estranho, mas estou gostando. Lembra-se de que eu lhe contei que as autoridades estavam tentando fechar a escola? Mas Rafe persuadiu-os a manter a escola funcionando pelo menos por mais um ano.

— Isso é que é resistência...

Emily sabia que as autoridades estavam tentando fechar as escolas menores por considerá-las inviáveis. Mas sabia também que Rafe achava que as crianças deveriam permanecer no vilarejo pelo maior tempo possível. E, conhecendo-o como o conhecia, estava certa de que ele iria conseguir que a escola fosse mantida.

— Rafe tem sido muito prestativo.

— E Célia?

O rosto de Trisha ficou vermelho.

— Célia é... Célia!

— Desculpe... isso não é pergunta que se faça. Você vai me perdoar, mas é que estive com ela há pouco.

— Entendo. Mas que coisa horrível foi acontecer com Rafe, não? — Trisha efetivamente mudava de assunto. O ressentimento de Célia contra Emily era de conhecimento público, e muitas vezes discutiu isso com Trisha, geralmente quando fugia da casa dos Savage em prantos, depois de seus desentendimentos com Célia. — A gente fica chocada quando olha para ele.

— Sim... — concordou Emily. Não ia confessar que ainda não o tinha visto.

Trisha continuou:

— Ainda me lembro da primeira vez que o vi quando voltei. Ele estava horrível, Emily! Seu rosto! No princípio eu pensei que seu belo semblante havia sido arruinado, mas agora as cicatrizes estão sumindo, e acho que até acrescentaram algo a ele. Ele sempre foi muito bonito, mas agora está ainda mais.

Emily não conseguia imaginar como é que cicatrizes poderiam acrescentar algo à beleza de um homem, mas não discutiu com Trisha. Para fazê-lo teria que confessar que nem mesmo sabia qual a gravidade dos ferimentos de Rafe e que, até aquela manhã, nem mesmo sabia que ele tinha sofrido um acidente.

Ainda não se conformava com o fato de Célia ter-lhe omitido tal coisa; ele poderia ter morrido e ela nem ficaria sabendo. Rafe tinha sofrido queimaduras; ninguém precisava lhe contar o quanto essas queimaduras podem ser horríveis... e como são doloridas! Aquela pele macia e morena de Rafe cheia de cicatrizes e desfigurada... Não conseguia suportar a ideia.

— Eu teria vindo para cá se tivesse sido chamada — disse friamente. — Eu não sabia da gravidade de seus ferimentos.

— Talvez tenha sido melhor não ter vindo. Minha mãe me contou que Célia estava agindo como uma tirana, dando ordens absurdas aos colonos e empregados; metade deles estava ameaçando largar as ferramentas e parar de trabalhar.

— Alguém deveria ter contado isso a Rafe. Trisha começou a limpar o quadro-negro.

— Impossível. Para vê-lo era preciso passar por Célia, e ela não permitia que ninguém chegasse perto dele se desconfiasse que poderia lhe passar alguma informação. Todos tentaram, mas foram impedidos educada mas firmemente sob a alegação de que o patrão não queria ser importunado.

— E eu que pensava que todos tinham me abandonado... — disse lentamente uma voz atrás delas.

O rosto de Trisha ficou vermelho enquanto olhava encabulada para o homem que estava alguns metros atrás de Emily.

— Rafe! — Emily estremeceu.

— Eu mesmo. Sabia que iria encontrá-la aqui, Emily — disse ele. — Você não vai se virar e me dizer olá?

Emily estava tremendo desde que reconhecera sua voz, sua voz inconfundível. Aquele homem alto, atraente e arrogante estava bem atrás dela e ela não conseguia se mexer. Suas pernas estavam bambas e ela simplesmente não conseguia se mover!

Como encará-lo novamente, lembrando-se de tudo o que tinha havido entre eles? Não o via há três anos; seria um estranho para ela agora, um estranho cheio de cicatrizes que a havia insultado e adulado por quase vinte e um anos.

Mas ela tinha que encará-lo, tinha que mostrar a Rafe e a si mesma que não tinha medo dele. Na verdade, Emily nunca o havia compreendido bem. Ele era muito profundo para que, em sua inocência juvenil, pudesse entendê-lo. Mas três longos anos haviam se passado desde a última vez em que se encontraram e ela havia crescido bastante.

Agora tinha que encará-lo, nem que fosse só para provar a si mesma que conseguiria.

CAPITULO II

Emily foi virando lentamente, procurando com o olhar fixo aquele rosto marcado. Havia uma cicatriz profunda que ia da testa ao maxilar, passando muito perto dos olhos, que não pareciam feridos, e continuava pelo pescoço até desaparecer debaixo da gola da camisa.

As cicatrizes lhe davam um ar misterioso. Ao mesmo tempo em que ficava imaginando o quanto Rafe deveria ter sofrido na época, tinha que concordar com Trisha: realmente elas acrescentaram algo à sua beleza. Estava mais provocante do que nunca!

Embora mais magro e com o cabelo mais longo, continuava sóbrio e arrogante. Seus olhos azuis ainda denotavam um certo ar de gozação ou desdém, e o sorriso cínico estava ainda mais pronunciado.

Ele chegou perto dela, com os braços cruzados no peito, como se quisesse exibir seu corpo musculoso. Emily sentiu-se ainda mais tensa sob o efeito daquele olhar. Ah, então Rafe a estava provocando, como sempre! Mas agora ela não era mais aquela adolescente inexperiente que ele imaginava!

— Olá, Rafe — cumprimentou-o calmamente. Os lábios de Rafe esboçaram um sorriso.

— Não é um jeito muito afetuoso de cumprimentar alguém que você não vê há três anos... Não é capaz de algo mais que isso?

— O que quer que faça? — disse irritada, esquecendo-se momentaneamente de sua atitude anterior. — Quer que me ajoelhe a seus pés?

Ele deu uma gargalhada sonora e, mesmo contra sua vontade, Emily tinha que admitir que era atraente.

— Continua a mesma gatinha indomável!

Agora ele já estava bem próximo a Emily e ela podia sentir o cheiro de sua loção de barbear misturada com o cheiro de charuto.

— Acho que um beijo seria mais coerente, levando-se em conta nossa amizade — disse, insinuante.

Emily estava confusa. Nada havia mudado. Rafe ainda a confundia e perturbava. Tinha vontade de se jogar sobre ele e esquecer o resto.

Ela já havia pensado e repensado sobre essa paixão louca que sempre sentiu por Rafe; e estaria certa de que Josh e os outros homens com quem convivera nos últimos anos tinham acabado com essas tolas fantasias de infância. Mas, não! Um minuto ali em frente a Rafe, sentindo sua arrogância, sua postura máscula, foi o suficiente para saber que tudo continuava como sempre. A não ser o fato de que Rafe parecia mais retraído, mais distante, se é que isso era possível.

— Não há amizade entre nós.

Eles haviam se esquecido de Trisha, que tinha saído da sala assim que surgiu uma oportunidade.

— Talvez tenha razão. — Rafe passou os dedos no rosto, no lado onde havia as cicatrizes. — Não estou nenhuma maravilha, não?

Aquilo era uma afirmação, não uma pergunta, e seus olhos pareceram mais sombrios.

— Nunca pensei que você fosse sentir esse tipo de auto-piedade.

Ele lhe lançou um sorriso.

— E não estou mesmo sentindo. Por favor, não tente aplicar sua psicologia amadora em mim, Emily Stanford, guarde esse papo para quem realmente precisa. Já me acostumei a ver um monstro no espelho, todos os dias, quando faço a barba.

— Eu soube que você sofreu uma fratura e estaria mancando.

— E manco mesmo, quando estou cansado. Só me falta uma curva nas costas para poder me candidatar ao papel de "o corcunda de Notre Dame".

— Não seja ridículo! Claro que você não está feio.

— Como já disse, Emily, guarde esse tipo de papo para quem precisa disso, ou acredita nisso. Agora que já falamos o suficiente sobre o assunto, vamos falar sobre algo menos pessoal. A sua visita será curta?

— Depende de você, não?

— Dentro de uma semana eu não poderei mais fazer você ficar ou partir. Mas vamos sair daqui. Eu nunca gostei de escolas quando era criança.

— Acredito, aliás você tem cara mesmo de cabulador de aulas.

- Ah, cabulei muitas aulas na vida. Preferia ir nadar a ficar mofando numa sala de aula.
- E mesmo assim você não quer que fechem esta escola. Saíram pela parte de trás do prédio, seguindo agora pelo caminho mais longo e mais seguro.
- Você já está bem informada, pelo pouco tempo que está aqui! Eu quero manter a escola aberta porque acho que as crianças devem ficar por aqui o maior tempo possível, para o próprio bem delas.
- Eu concordo com você, Rafe, embora acredite que nem todos prefiram ficar.
- E importante que aprendam a amar a beleza natural deste lugar. Se alguns deles amarem este lugar como eu amo, será suficiente. Eu não vou viver para sempre, e você acha que Célia iria ter algum escrúpulo em relação à escola? Possivelmente iria vender ao primeiro comprador, entre os vários que vivem nos procurando. Então é preciso que haja bastante gente interessada em lutar, para evitar que isso aconteça.
- Você acha mesmo que Célia faria isso?
- Tenho certeza. Não sou cego, Emily, conheço a irmã que tenho. Se a fazenda for herdada por ela, será imediatamente vendida. Mas não pretendo morrer tão cedo... para o esapontamento de algumas pessoas — disse ele, olhando para ela cinicamente.
- Rafe! Jamais desejaria sua morte. Como pode pensar tal coisa?
- Não recebi uma linha de você depois do acidente. É natural que tivesse chegado a essa conclusão.
- Mas você também não me enviou nem uma linha.
- Era só o que faltava! Como poderia ter lhe escrito se me encontrava na terapia intensiva do hospital local, delirando? Não imaginava que você estivesse aguardando um convite pessoal.
- Mas eu...
- A carta de Célia não foi suficiente? Deus do céu, eu sei que nós sempre tivemos nossas diferenças, mas não pensei que você não gostasse de mim a esse ponto.
- Mas eu...
- Você o quê? Estava ocupada? Seu emprego é tão importante que teve medo de perdê-lo? Ah, eu entendo tudo isso, Emily, tive muito tempo para pensar no assunto, enquanto estava no leito do hospital. Quando a gente não pode se mover, tudo o que resta a fazer é pensar, e eu pensei muito em você, no quanto devia estar se divertindo para não ter nem se dado ao trabalho de perguntar como eu estava passando.
- Nada disso é verdade, Rafe — protestou. — Não foi assim que as coisas aconteceram.
- Como elas aconteceram não importa mais. Nenhum dos motivos que você der justificará essa sua atitude. Só espero que, assim que completar vinte e um anos e puder receber sua herança, você por favor suma da minha frente.
- Rafe lançou-lhe um último olhar acusador, antes de virar as costas e ir embora.
- Os passos de Emily a levaram automaticamente para o lugar onde sempre ia quando estava deprimida: a casa dos Martson. A família de Trisha sempre a recebeu muito bem, sem ficar bisbilhotando sobre os motivos que a tinham feito fugir para lá.
- Sylvia Martson olhou para cima da revista que estava lendo e correu para abraçar Emily, que considerava como uma segunda filha. Sempre dizia que gostaria de ter um filho para que se casasse com Emily e a tornasse um membro da família, de verdade. Para ela, Emily ainda era uma garotinha, mesmo tendo vivido sozinha por três anos.
- Trisha nos contou que havia voltado e estava lá na escola conversando com Rafe — disse ela.
- Estava sim, mas ele já voltou para casa. Pelo menos imagino que tenha voltado.

- Ah, sim, entendo.
- A senhora sempre entende, não é mesmo? Ah, tia Sylvia, já começou tudo de novo!
- suspirou Emily, jogando-se no sofá.
- Dê um tempo, Emily, dê um tempo a Rafe.
- Tempo! Não me sobra muito não, já que Rafe me deu o prazo de uma semana para sumir de sua vida para sempre.

Sylvia estava perplexa. Sempre houve brigas entre Emily e Rafe, mas nunca um conflito aberto. As brigas sérias sempre partiam de Célia. Pobre Célia! Odiava uma garota que poderia ser sua grande amiga, só bastava que permitisse isso.-

- Estou certa de que foi um mal-entendi do. Rafe é seu tutor, ele não pode simplesmente eliminá-la de sua vida.
 - Já eliminou, e dentro de uma semana ele não será mais meu tutor.
 - Mas por que ele quer que você vá embora de uma vez? Não consigo entender. Célia tem alguma coisa a ver com isso? Será que andou aprontando das suas?
 - Infelizmente, sim.
- Emily desabafou com Sylvia contando-lhe em detalhes tudo o que tinha acontecido.
- Aquela mulher é um monstro! Ela merecia uma boa lição pelas maldades que faz. Como teve coragem?

- É o que fico me perguntando o tempo todo. Ela me odeia, tia Sylvia, me odeia muito...
- Não é bem a você que ela odeia, Emily, ela odiaria qualquer pessoa que estivesse na sua posição, na época. Você chegou num momento em que Célia achava que a atenção de todos os homens devia estar voltada para ela. Aos dezesseis anos ela se achava a mulher mais linda do mundo, e queria que todos também pensassem assim, inclusive Rafe. Mas todos os momentos livres dele eram dedicados a você, e Célia achava que era ela quem merecia essa atenção.
- Mas Rafe é irmão dela!
- Mais uma razão, para que ele a mimasse. Mas, na época, ele achava que era você que merecia um carinho especial, era a você que ele dirigia seu afeto. Portanto foi a você e não a Célia que Rafe se dedicou mais. Ela pretendia mostrar a todos como seu irmão belo e fiel a amava, como se orgulhava de sua beleza. Mas aí chegou você, uma pequena criatura desamparada, com uns olhos enormes e carentes e o coração cheio de amor para dar a alguém. Célia então se sentiu totalmente rejeitada, deixada de lado, e passou a detestá-la por todos esses anos.
- Eu não percebi isso! Nunca solicitei a atenção de Rafe, você sabe.
- Mas nem precisava. Bastava olhar para você para sentir quanto estava carente, precisando de amor, vindo de quem quer que fosse. E Rafe lhe deu esse amor.

Trisha entrou na sala usando uma camiseta verde, do mesmo tom de seus olhos, e shorts branco. Parecia pronta para sair.

- Que tal uma partida de tênis, Emily?
- Bem, não estou com muita vontade... Trisha sentou-se na poltrona em frente a Emily.
- Tudo bem. Eu irei outra hora.

Agora Emily se sentia cruel. Não era justo transferir seus problemas a uma família feliz como aquela.

- Está bem, então vamos! Por que não? Será bom me exercitar.

Não era um grande clube. Havia quadras de tênis, piscina, um salão de jogos e um bar. Três delas já estavam ocupadas quando elas chegaram. Os jovens que estavam jogando, velhos conhecidos, não perderam tempo e vieram cumprimentá-las. Os pais de alguns deles trabalhavam na fazenda de Rafe, mas eles nunca trataram Emily de uma forma especial por isso.

Havia dois rapazes que Emily não conhecia, e Trisha tratou logo de informá-la que eram os irmãos Mark e Carl Logan que estavam na casa dos Delaney. Ambos altos e simpáticos, poderiam passar por gêmeos. Emily imaginou que a diferença de idade entre eles deveria ser de, no máximo, dois anos.

— Você vai jogar tênis? — perguntou Mark a Trisha.

Ela concordou entusiasticamente, apressando-se a fazer as apresentações.

Trisha vinha observando Mark Logan nos últimos dias e aquela era uma boa oportunidade de conversar diretamente com ele. Mark era o rapaz mais atraente que ela já tinha visto por ali em muitos anos, sem contar Rafe, é claro. Ninguém se comparava a Rafe Savage. Aliás, todas as moças do lugar curtiavam certa idolatria por Rafe. Só que ele nunca as encorajava.

— Gostaria de desafiá-los por três seis? — perguntou Carl a Emily.

— Não sei se estou em forma para aguentar três seis, não jogo há muito tempo. Mas posso tentar, se você quiser. Só espero que seja um bom jogador.

Ele realmente era um bom jogador, pois a dupla ganhou o primeiro e o terceiro seis, mas não com muita facilidade. Os quatro estavam cansadíssimos, retomando a respiração normal no barzinho da piscina, enquanto aguardavam a limonada que tinham pedido.

— Você está em excelente forma Emily! — disse Carl. Aquelas palavras deixaram Emily lisonjeada. Era mais do que agradável ouvi-lo, depois de tudo o que acontecera antes.

— Estou um pouco enferrujada. Se você não fosse um jogador tão bom, nós com certeza teríamos perdido.

— Quando vocês dois terminarem os cumprimentos mútuos por esta vitória, que tiveram por sorte, eu sugiro combinarmos de ir ao baile juntos amanhã à noite — disse Mark, brincando...

— Seria ótimo — apressou-se Trisha. — Não seria, Emily? Emily olhou para ela um pouco hesitante, não sabia se devia ir combinando programas sem primeiro consultar Rafe. Ele não costumava ir a esses bailes com muita frequência, mas quando o fazia gostava de ter Emily como companhia. Mas isso era antes do acidente. E, de certa forma, Rafe havia pedido para Emily manter distância de sua pessoa enquanto estivesse em Cornwall.

— Sim, seria ótimo — concordou.

Era óbvio que Trisha aprovara a ideia de todo o coração. Ela não parava de falar de Mark Logan no caminho de volta à sua casa. Os irmãos Logan eram uma dupla muito atraente, sem dúvida, mas de alguma forma eram muito parecidos com Josh e os outros rapazes que Emily havia conhecido na América.

Talvez Josh tivesse significado um pouco mais para ela, mas não sabia, não tivera tempo de descobrir. Tinha lamentado um pouco mais por ter tido que deixá-lo do que qualquer outro rapaz na América, mas desde que chegara em Cornwall não conseguia pensar em ninguém, a não ser em Rafe. Emily tinha um pressentimento de que Carl Logan poderia se tornar seu namorado se ela quisesse, mas não tinha certeza se queria.

— Janta conosco?

— Seria ótimo, Trisha, mas acho que é melhor voltar para casa. Não há dúvida de que Célia adoraria minha ausência, mas imagine a confusão que faria por eu não estar presente no jantar em minha primeira noite em casa. Ah, meu Deus, eu tinha me esquecido de todas essas intrigas! E como se eu nunca tivesse saído daqui.

— Tudo bem. Vejo você amanhã.

Emily não se apressou para voltar para casa, sabendo que lá seria recebida de uma forma tão fria quanto fora naquela manhã. Decidiu seguir o conselho de tia Sylvia. Iria contar a Rafe que Célia não lhe havia escrito informando sobre o acidente, mas de certa forma isso ia reforçar o ódio de Célia, e no momento, ela não se sentia estruturada para assumir as consequências desse seu gesto.

— Então você está de volta? — disse Célia, surpreendendo Emily quando ela subia os degraus da escada apressadamente, a caminho de seu quarto. — Rafe pediu para *não* ser incomodado no momento.

— Já nos encontramos.

Ela percebeu, pela expressão de seu rosto, que Célia estava surpresa com a informação.

— Ah, sim. Ele já não é mais aquele colírio para os olhos, não é mesmo, Emily?

Emily realmente tinha levado um choque ao ver Rafe pela primeira vez, mas tinha sido um choque momentâneo; em poucos minutos já estava acostumada com seu novo rosto. Em poucos dias iria se esquecer de que algum dia ele tinha sido diferente. E, além do mais, dentro de uma semana ela estaria longe dali.

— Já vi casos piores que o dele.

— Pode ser que tenha visto, mas aposto que em ninguém que significasse o que Rafe significa para você.

— O que você está querendo dizer? Célia lançou-lhe um olhar de pena.

— Rafe e eu sempre nos divertíamos com o fato de que você estava apaixonada por ele quando morava aqui. Era muito engraçado o seu esforço em tentar monopolizar todas as atenções dele.

— Você está mentindo. Rafe não é, assim. E é claro que eu nunca estive apaixonada por ele.

— Hoje em dia provavelmente você já não está mais, não agora que ele parece saído de um filme de terror. Que superficial você é, Emily! Por causa de umas cicatrizes sua grande paixão se acaba!

— Se Rafe me acha um estorvo, então por que mandou me chamar?

— Ele não mandou! — Célia lançou-lhe um olhar de satisfação. — Fui eu que mandei aquele telegrama pedindo sua presença.

— Você? Um pouco tarde, não acha?

— O que quer dizer? — Célia pareceu bastante perturbada.

— Quero dizer que Rafe esperava que você me mandasse uma carta há um ano, quando o acidente aconteceu, e na verdade ele ainda pensa que você mandou mesmo essa carta. Agora me diga, por que ele acredita nisso? Por que você lhe disse que havia escrito quando na verdade não o fez? Seria por isso?

— Você pensa que é muito esperta, não é? Rafe não precisou de você na época e não precisa de você agora. O único motivo de você estar aqui é para que ele possa finalmente se livrar da responsabilidade de tomar conta de você, que sempre significou um peso na vida dele. Depois de seu aniversário, esperamos não vê-la nunca mais!

— Já sei disso. Mas você não precisaria ter me feito vir até a Inglaterra só para me dizer isso, uma carta bastaria. Estava muito bem na América, poderia ter evitado essa viagem.

— Conheço você muito bem, Emily. Sei que não acreditaria numa carta, teria que ouvir diretamente de Rafe. E pelo jeito já ouviu, não?

— Sim — respondeu, relutante.

— Então espero que siga o conselho dele. Você foi uma intrusa em nossas vidas por muito tempo, e quanto mais rápido sumir, melhor

— Não se preocupe. Não pretendo permanecer num lugar onde minha presença não é desejada.

— Então por que permaneceu em nossas vidas por tanto tempo? Certamente você deveria ter percebido que, quando Rafe a mandou para a América, seria o fim de todos os nossos vínculos... Mas, não! Insistiu em ficar mandando cartinhas para Rafe, só para que ele não a esquecesse. Por que isso, Emily? Onze anos não foram suficientes? Queria mais?

— Você é mórbida, vulgar e baixa, Célia. Mas não se preocupe, vou sumir da sua vida imediatamente! Talvez Rafe permita que James me leve ao aeroporto amanhã, quero acabar logo com isso.

— Rafe quer que você fique até seu aniversário, portanto obedeça. Mas fique longe deíe!

— Não pretendo mesmo me aproximar.

— Deus do céu, vocês duas de novo!

Não tinham percebido a aproximação de Rafe, que parecia irritado.

— Vocês não percebem que suas vozes estão ecoando por toda a casa? Se vocês querem ficar se agredindo como duas crianças idiotas, pelo menos façam isso em voz baixa! Célia aproximou-se, serena e sorridente, com uma tranquilidade assustadora.

— Não estávamos brigando, Rafe. Falávamos alto só porque Emily já estava na metade da escada e eu aqui embaixo.

— Não pense que sou bobo, Célia! Emily chegou há algumas horas e vocês já estão quase se atracando. E você, Emily, venha até aqui que precisamos conversar!

— Agora?

— Imediatamente.

Emily desceu as escadas e seguiu Rafe até o escritório. Estava exatamente como sempre fora: as paredes cobertas com estantes, uma escrivaninha bem grande e algumas cadeiras de couro.

Rafe se sentou bem em frente a ela, com os primeiros botões da camisa desabotoados, e uma cicatriz bem visível.

— E então? — Ela o provocava com o olhar.

— Não me trate desta forma, Emily.

— E por que não? Por acaso a grossura é um privilégio dos Savage? Se for, me perdoe.

— Desculpe-me, mas devo lembrá-la de que você também é uma Savage.

— Ah, não sou, não! Sou uma Stanford.

— Só de nome. Seu temperamento é puramente Savage.

— Tipo furioso, você quer dizer.

— Exatamente.

Naquele momento ele estava sendo o velho Rafe, nunca muito caloroso, mas sempre gentil com ela. Naquele momento lembrou-se de quanto ele fora paciente com ela, a vida toda.

— Ah, Rafe, eu senti muita saudade de você.

— Você poderia ter voltado a qualquer momento, esta ainda é a sua casa.

— Mas você nunca me escreveu, Rafe, só cartões de Natal e de aniversário.

— E você sempre escrevia, eu sei. Você se divertia na América?

— Um pouco, ou melhor, bastante. Foi muito interessante.

— E os namorados? Não deixou ninguém triste com sua partida?

Por um momento pensou em Josh, mas apenas por um momento. Provavelmente a essa altura ela já devia ter sido substituída. Ele não era do tipo que se fixa com uma garota e, além do mais, só tinham saído juntos algumas vezes.

- Não, ninguém. Agora que estou de volta vou ver se consigo encontrar um emprego em Londres. Não vejo nenhum motivo para voltar para a América; Jonathan já deve ter colocado alguém em meu lugar.
- Então por que não procura um emprego por aqui mesmo? Você poderia continuar vivendo em Cornwall.
- Mas... você me mandou embora!
- E daí? Por acaso você só faz o que eu mando?
- Quase sempre. Acho mais fácil fazer o que você manda.
- Então você pretende ir embora?
- Pensei que fosse isso que você quisesse. Não foi o que me disse hoje de manhã?
- Eu sei, mas acho que fui um pouco precipitado. Você tem todo o direito de ficar aqui, afinal este foi o seu lar por oito anos. Além disso, eu poderia precisar de sua ajuda.
- Poderia? Como?
- Eu nunca gostei de lidar com os papéis e a parte burocrática da fazenda. Você poderia tomar conta dessa parte.
- Mas Célia disse que... Bem não importa.
- Nunca compreendi por que vocês duas sempre se deram tão mal.
- Nem Emily compreendia até poucas horas atrás, quando teve aquela conversa esclarecedora com Sylvia.
- É uma diferença de caráter, Rafe, às vezes acontece... mas não é tão, importante.
- Acho que é importante, se suas discussões podem ser ouvidas pela casa toda.
- Escute, Rafe, eu posso muito bem ir para Londres, não quero ficar num lugar onde sou apenas tolerada. Eu também tenho um pouco daquele orgulho que os Savage têm em abundância.
- Já notei. — A conversa agora já estava bem mais bem-humorada. — Mas fique até seu aniversário, pelo menos. E pense naquilo que eu sugeri.
- Está bem, vou pensar.
- Que tal se Célia preparasse uma reunião para amanhã à noite, tipo festa de boas-vindas? Você poderia convidar alguns amigos.
- Não, amanhã não será possível. Eu já combinei um programa para amanhã.
- Sentiu-se culpada ao dizer isso, mas não entendeu bem por quê.
- Você esteve no clube esta tarde?
- Sim, com Trisha. Nós encontramos Carl e Mark Logan e eles nos convidaram para sair, e naquele momento me pareceu uma boa ideia — disse ela.
- Você não tem que explicar todas as suas ações para mim, Emily. A reunião poderá ser marcada para uma outra noite. Agora, se você me dá licença, vou tomar um banho e me trocar para o jantar.
- Emily subiu para o seu quarto. Os jantares eram sempre muito formais na casa dos Savage e ela queria se apresentar muito bem vestida em sua primeira noite ali.
- Colocou um vestido de *chiffon* verde-esmeralda, que deixava os ombros bronzeados à mostra e realçava a luminosidade de seus cabelos cor de mel. Emily dirigiu-se ao salão onde costumavam tomar um drinque antes do jantar.
- Pelo que vejo, seu gosto para roupas melhorou... Antigamente só usava aquelas roupinhas de algodão — observou Célia.
- Não no jantar — respondeu Emily vagamente, não conseguindo tirar os olhos de Rafe, que as observava de longe com um olhar enigmático. Ele estava tão atraente com uma calça preta e um *blazer* branco, que fez com que seu coração disparasse só de olhá-lo.
- Aquelas calças de veludo que costumava usar para jantar eram horríveis também, tão masculinas...

Rafe se aproximou e deu uma risada debochada.

— Seria muito difícil uma roupa parecer masculina em Emily. Ela é muito feminina e tem um corpo belíssimo.

— Verdade? Não sabia que você tinha observado tantos detalhes em Emily, Rafe — respondeu Célia.

Rafe lançou um olhar glacial à irmã.

— Então, agora você sabe.

— Entendo... E então, Emily, quando pretende partir?

— Célia! — Rafe bateu com o copo sobre o balcão do bar. Você está sendo extremamente mal-educada!

— Tudo bem, Rafe, eu... — interveio Emily.

— Não preciso de sua ajuda, queridinha, sou perfeitamente capaz de dar minhas próprias explicações, quando achar que devo.

— Acho que você deve dá-las agora, Célia. — Rafe estava muito nervoso. — Sua indelicadeza é inexplicável.

— Não acho que minha pergunta tenha sido indelicada, só queria saber quando Emily pretendia partir.

— Ela não vai partir...

— O que quer dizer, Rafe? Por que não?

Emily também se fazia a mesma pergunta, pois não havia dito que iria ficar.

— Ela não vai partir porque eu pedi que ficasse.

— Você o quê?

— Eu pedi a Emily que ficasse e ela concordou.

Célia virou-se para Emily e, furiosa, passou a agredi-la.

— Sua fingida, mentirosa, falsa! Disse-me que ia embora. Não demorou muito para começar a adular Rafe de novo, e influenciá-lo. Imagino que pretenda pagar sua estada com serviços prestados...

— Você vai pedir desculpas a Emily por esse insulto! Célia virou-se e foi saindo em direção à porta, batendo os pés.

— Não pedirei desculpas a ela! E não se preocupem, eu não vou ficar aqui para atrapalhar o primeiro jantar de vocês depois de três anos. Talvez mereçam isso.

Célia bateu a porta atrás de si, deixando-os a sós.

CAPITULO III

Emily estava desfigurada, sob o impacto dos insultos de Célia, que a magoaram e deprimiram profundamente. Como ela pôde dizer tudo aquilo e ainda mais na frente de Rafe! Agora Emily tentava voltar ao seu estado normal, olhando para Rafe. Sua imaginação tomava rumos estranhos, que ela não queria, talvez os mesmos que levaram Célia a dizer aquelas coisas. Imaginava-se protegida nos braços de Rafe e sendo amada por ele. Mas fez um esforço e conseguiu não pensar mais nisso.

— Garanto-lhe que farei com que Célia se desculpe, assim que voltar — disse Rafe com firmeza.

As palavras dele não a reconfortaram, pois sabia que, se Rafe forçasse Célia a lhe pedir desculpas, o ressentimento dela iria aumentar ainda mais, se é que isso era possível.

— Não tem importância, e no fundo ela tem um argumento que faz sentido. Quando eu era criança, era natural que fosse dependente, mas agora acho que já posso fazer alguma coisa pelo meu próprio sustento.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que não posso aceitar mais a sua caridade. Rafe mudou de expressão. Seu rosto se contraiu, nervoso.

— Nunca foi caridade, e você sabe disso!

— Você teve o cuidado de nunca deixar que parecesse caridade, mas agora percebo o peso que devo ter sido todos esses anos, tanto emocional como financeiramente. Célia foi honesta o suficiente para mostrar essa realidade.

— E eu não? E isso o que está dizendo?

— Você sabe que não foi isso o que eu quis dizer. Estou só justificando a atitude de Célia, entendendo o motivo de seu ressentimento. Eu não sou nem parente legítima de vocês...

— Entendo.

Emily sempre soube que a maior parte da família Savage não aprovou o casamento de seu pai com Marisa Savage, mas Rafe não estava incluído nessa maioria.

— Então, se for para eu ficar, eu quero pagar pelo meu sustento e estada.

— De que forma?

— Trabalhando como sua auxiliar de escritório, claro.

— É o que imaginava. Que vergonhoso!

— Rafe!

— Estou brincando, Emily, só brincando.

Sara entrou na sala para avisar que o jantar estava pronto, fazendo questão de servi-lo ela mesma, em homenagem à volta de Emily.

Durante o jantar conversaram sobre generalidades, Rafe querendo saber mais sobre as experiências que Emily tivera na América. Depois do cafezinho estavam completamente relaxados, à vontade um com o outro. Emily contou-lhe sobre os pequenos enganos que cometia logo que começou a trabalhar com Jonathan.

— Tenho certeza de que Jonathan compreendia...

— Você o conhece?

— Muito superficialmente.

— Eu não sabia disso...

— E por que deveria? Como disse, nosso conhecimento era muito superficial. Conheço melhor o filho dele, Josh.

— Então você conhece Josh também... Por que não me contou?

— Porque não havia nada para contar, éramos apenas conhecidos.

Rafe estava chateado com o rumo da conversa, e parecia arrependido por ter tocado no assunto.

— Sim, mas... Bem, você nunca mencionou isso em todos esses anos. Parece estranho, como se ninguém tivesse falado nada de propósito.

Emily se levantou e, caminhando pela sala, começou a pensar. Ligando os fatos, não gostou da conclusão a que estava chegando.

— Rafe... vocês não me contaram nada de propósito?

— Que imaginação fértil você tem! Eu nunca lhe contei que conhecia Jonathan porque não o conheço; pelo menos não o conheço bem.

— Mas o suficiente para pelo menos Jonathan tê-lo mencionado.

— Provavelmente ele também não achou que era importante. E pare de fazer tempestade em copo d'água, controle sua imaginação. Isso não influenciou Jonathan a lhe dar o emprego.

— Honestamente, você não espera que eu acredite nisso.

— Acredite no que quiser. Eu vou para o escritório trabalhar um pouco, com licença.

— A essa hora da noite?

— Como já lhe disse, não é fácil conseguir conciliar todo o tipo de trabalho que há para ser feito na fazenda. A parte de escritório toma praticamente todas as minhas noites.

— Quer alguma ajuda? — perguntou automaticamente, ainda pensando nas últimas revelações; elas tinham que ter alguma coisa a ver com o fato de Jonathan tê-la admitido como sua secretária. E afinal tinha sido Rafe quem conseguiu o emprego.

— Dispensou sua ajuda neste seu primeiro dia aqui. Você teve um dia intenso, fora a viagem e tudo mais. Deveria ir dormir cedo, Emily.

Quando se viu sozinha na sala, Emily achou que o melhor que tinha a fazer era seguir o conselho de Rafe. Estava, de fato, exausta. O jogo de ténis não estava no programa, mas naquela hora ainda não estava sentindo o cansaço da viagem.

Antes de dormir Emily foi até o terraço do quarto e ficou apreciando a paisagem. Nada se igualava à beleza daquela vista noturna da praia dos Savage.

Deixou as portas que davam para o terraço abertas; estava um pouco frio, mas não o suficiente para impedir que ela dormisse sentindo a brisa que vinha do mar.

Emily dormiu até tarde. Rafe havia deixado ordens para que não a acordassem. Mas ela o foi, e de uma forma bem brusca, com o barulho da porta do quarto batendo com força na parede. Emily esfregou os olhos rapidamente para tentar entender o que estava acontecendo. Era Célia, que se aproximou de sua cama, furiosa.

— Sabe que eu tive que parar Sara no meio do corredor porque ela vinha trazendo uma bandeja com café para você? Isso aqui não é um hotel, ora essa!

Nesse momento era de um café mesmo que Emily estava precisando, para enfrentar aquela mulher logo de manhã.

— Eu sei que não é, Célia, e não fui eu quem pediu para ela me trazer café.

— Ah, eu sei, você nunca tem que pedir nada, todos correm para servi-la. Mas você vai perceber que as coisas estão diferentes, agora que sou eu a patroa aqui.

— Você já era a patroa quando eu morava aqui.

— E foi por esse motivo que você foi para a América, não foi?

Emily afastou a roupa de cama e levantou-se, espreguiçando-se lentamente como um gato sob a luz do sol.

— Estou feliz por ter voltado no verão, nessa época não há lugar mais bonito no mundo.

— Aproveite bem, que será seu último verão aqui. Mas não respondeu a minha pergunta.

Emily pegou uma escova na gaveta da penteadeira e começou a desembaraçar os cabelos. Escovava com bastante força para dar vazão à sua raiva.

— Sobre minha ida para a América? Um dia teria que acontecer, certo? Então por que não naquela época? Além disso lá me parecia um ótimo lugar para morar, como muitos outros.

— Estranho que tenha sentido necessidade de ir embora justamente naquela época, logo que eu assumi o comando da casa.

— Garanto-lhe que minha decisão não teve nada a ver com esse fato.

Se Célia soubesse o verdadeiro motivo de sua partida... Mas não saberia nunca, seria um segredo que Emily iria guardar por toda a sua vida.

— Mas se não quiser acreditar, Célia, quem sou eu para discordar de você?

— Então quer dizer que você preferiu não contar a Rafe sobre minha pequena omissão...

— Pequena omissão?

— De não ter lhe contado sobre o acidente.

— Então você admite que foi de propósito?

Célia disfarçou e foi até a penteadeira onde pegou a escova de cabelos que Emily havia deixado lá.

— Bonita essa escova... filetada a ouro! Deve ser cara!

— Ganhei de presente. Mas então quer dizer que foi de propósito que você não me contou sobre o acidente?

— Não, não é bem isso. Simplesmente achei que não era de sua conta, afinal você nem pertence à família.

— E o que a faz pensar que não contei a Rafe? Tivemos bastante tempo para conversar ontem a noite.

— Ah, eu tenho certeza de que havia muitas outras coisas sobre as quais você preferiu falar ontem. Não entendo, você torna tudo mais fácil para mim, sempre foi assim. Você nunca contava a Rafe que eu puxava seu cabelo, que eu beliscava você, e agora também não contou sobre a carta que eu não mandei.

— Como sabe que não contei?

— Porque, se tivesse contado, Rafe teria chamado minha atenção. Mas não fez isso. A não ser ontem à noite, quando queria me obrigar a lhe pedir desculpas, o que eu não tenho a menor intenção de fazer, aliás. Mas tenho certeza de que você não contará isso a Rafe tampouco.

— Poderia lhe contar hoje sobre sua pequena omissão.

— Tarde demais. Tudo o que eu teria que fazer seria dizer a Rafe que você está mentindo para se justificar, e ele acreditaria. Você teria chance se tivesse lhe contado assim que chegou, e não no dia seguinte. Não, Emily, seria sua palavra contra a minha e, comparando nossas posições, acho que minha palavra vale mais.

Célia saiu do quarto com um sorriso triunfante, batendo a porta atrás de si. Emily sentou-se em frente ao espelho e começou a sentir-se mal. Célia conseguia sempre perturbá-la. Por que tinha engolido isso, por que não tinha falado poucas e boas para Célia? Apoiou a cabeça nas mãos. Não tinha reagido às agressões de Célia por covardia, porque não queria partir e deixar Rafe.

Com todos esses pensamentos na cabeça, Emily teve que se concentrar para tomar um banho e se vestir. O banho a ajudou a se recompor e criar coragem para ir até a cozinha tomar o café que Célia não tinha permitido que tomasse na cama.

— Café e torradas? — perguntou Sara com um sorriso maternal.

Acomodou-se à mesa, no mesmo lugar onde costumava tomar seu café da manhã quando era criança. Sara foi sempre algo mais que uma simples empregada, dando a Emily o carinho maternal que lhe faltava; por isso sempre que Rafe permitia, ela fazia suas refeições na cozinha.

O café estava ótimo, exatamente do jeito que ela estava imaginando.

— Onde está Rafe, Sara?

— Pela fazenda, já saiu há algumas horas.

— Ele trabalha demais; dormiu tarde ontem e já está trabalhando desde cedo.

— Já disse isso a ele muitas vezes nos últimos seis meses. Ele está trabalhando como louco desde que saiu do hospital, mesmo tendo sido avisado pelos médicos para não se exceder. Mas Rafe não escuta ninguém, insiste em continuar fazendo o trabalho de três homens.

— Mas alguém deveria impedi-lo, vai acabar se matando de tanto trabalhar.

— Agora que você chegou tenho esperança de que consiga persuadi-lo a fazer as coisas de outra forma.

— Acho que não tenho jeito de fazer isso.

— Tem, sim, se fizer do jeito certo. Não digo chegar e ir logo dizendo o que ele deve ou não fazer, isso só iria piorar as coisas. Mas poderia convidá-lo para sair um pouco, divertir-se, aproveitar mais a vida.

— Não acho que conseguiria. Em todo o caso, vou começar a trabalhar com ele no escritório, e isso deverá aliviar um pouco a carga de serviço.

— Ah, que bom! Assim quem sabe ele não vá mais precisar ficar acordado até altas horas, Célia também poderia dar uma mãozinha, mas ela só pensa em se divertir com seus amigos. E que amigos! Sempre aprontando as suas. Na semana passada tomaram banho de mar nus, imagine!

Emily riu da ingenuidade de Sara. Já estava acostumada a ver as pessoas tomarem banho nus em várias praias mais retiradas nos Estados Unidos. Mas podia imaginar quanto isso chocaria Sara. Pegou sua xícara e colocou sobre a pia.

— Vou dar uma olhada no escritório para ver se encontro alguma coisa para fazer.

— Boa ideia, assim você já pode ir começando e fazer uma surpresa para Rafe.

— Rafe volta para o almoço?

— Não tenho ideia, às vezes vem, às vezes não.

— Deve ser chato para você ficar sem saber se prepara ou não a refeição de Rafe.

— Eu dou um jeito.

— Aposto que sim. Bem, estarei no escritório, se precisar de mim é só me chamar.

O escritório estava um verdadeiro caos, cartas empilhadas sobre a mesa, algumas abertas, outras fechadas, dando a impressão de que a correspondência não vinha sendo classificada há dias. Pobre Rafe, devia estar trabalhando demais mesmo para deixar que sua correspondência chegasse a esse ponto. Emily imaginou que tudo aquilo devia estar escondido nas gavetas quando tinha estado lá no dia anterior.

Sentou-se à mesa de Rafe e ficou surpresa ao ver uma foto sua num retrato. Claro que havia também uma foto de Célia, mas mesmo assim estava surpresa.

A foto tinha sido tirada no dia de seu aniversário, quando completara dezoito anos, uma data que ela queria apagar da lembrança. Tinha certeza de que Rafe também pensava assim, mas pelo jeito estava enganada.

Fez força para pensar em outra coisa, e não nas lembranças que aquela foto evocava. Classificou as cartas, separando circulares da correspondência externa e lendo cuidadosamente as que tratavam de assuntos mais importantes e urgentes. Essas ela colocou numa pasta em ordem cronológica; pretendia discutir sobre elas com Rafe à noite e datilografar as respostas no dia seguinte.

— Que diabos está fazendo?

Emily olhou, assustada. Estava tão entretida no trabalho que nem notara a presença de Rafe.

— Bem, eu... estava classificando a correspondência.

— Não ocorreu que eu poderia não querer que mexesse nos meus papéis?

— Mas você me pediu para ajudá-lo nisso.

Emily se sentia totalmente perturbada com a presença de Rafe, como não se sentia com nenhum outro homem. Ali, parado, com a camisa meio aberta, tão másculo! Uma coisa era certa: com cicatrizes ou sem cicatrizes, Rafe era Rafe, e significava muito para ela.

— Eu pedi que ajudasse, é verdade. Mas não imaginava que invadissem meu escritório na minha ausência.

— Essa não é a primeira vez que insinua que eu estou bisbilhotando suas coisas e lendo suas cartas escondida. Eu não, estou interessada nisso, só pensei que, como não tinha nada para fazer, poderia começar a trabalhar imediatamente.

— E não lhe ocorreu que algumas dessas cartas poderiam ser pessoais?

— Claro que sim, mas não sou tão inexperiente. Todas as que me pareceram pessoais eu separei nessa pasta, pode verificar.

— Obrigado.

— Obrigado! Então você entra aqui me fazendo acusações como se eu fosse uma idiota, só porque finalmente decidiu aceitar a ajuda de alguém pela primeira vez na vida... E

não fique assim nervoso só porque permitiu que as coisas chegassem a esse ponto e ficassem nessa bagunça.

— Mas não há nenhuma bagunça aqui! Você sabe há quanto tempo essas cartas estão aqui?

— Há algumas semanas, talvez mais.

— Há três dias, Emily, três dias!

— Mas então isso requer um trabalho de período integral!

— Exatamente. Agora você entende por que eu preciso tanto de uma secretária.

— Mas era o serviço de uma secretária que eu estava fazendo quando entrou aqui.

— Mas eu não quero que fique aqui sozinha.

— Você não confia em mim, não é?

— Nada disso. Eu simplesmente acho que seria mais sensato se nós vissemos a correspondência juntos à noite e no dia seguinte você mandasse as respostas e atendesse aos telefonemas sobre os assuntos da fazenda. Ele a observou com um olhar irônico.

— Isso só tomará uma hora ou duas antes do jantar. Não se preocupe, Emily, eu não pretendo deixar que o trabalho interfira na sua vida social, nos seus compromissos. É que durante o dia não me sobra tempo.

Emily pensou que essa era uma boa oportunidade para seguir o conselho de Sara, uma vez que o assunto tinha surgido naturalmente.

— Ah, eu estava pensando que você podia vir comigo ao clube de vez em quando.

— Não sou chofer de táxi, Emily. Se quiser ir a algum lugar, peça a James que leve você, é ele o motorista.

— Mas eu queria que você me levasse, eu não o vejo há tanto tempo, temos tanta coisa para conversar...

— Não temos nada para conversar, Emily. Não tínhamos há três anos e não temos agora. Acho que você deveria procurar pessoas da sua idade para entretê-la.

— Mas eu...

— Não, Emily, não! — disse com firmeza.

— Você não tem tempo para mim, não é?

— É mais ou menos isso.

— Mais ou menos isso! E tem coragem de me dizer na minha cara. Ah, eu não deveria ter voltado nunca! Na América pelo menos eu tinha amigos, tinha Josh.

— Josh Richardson?

— Exatamente.

— Então você o conhece bem?

— Sim, nós nos conhecemos muito bem.

Emily tentou insinuar alguma coisa de propósito, embora, comparado a Rafe, Josh não significasse nada para ela.

— Ah, entendo. Então você mentiu quando disse que não tinha deixado ninguém triste com sua partida.

— Não menti, não. Ora, Rafe, pare de ficar provocando discussões comigo.

— Não estou discutindo, Emily. E sobre seu arrependimento por ter voltado... Se quiser ir embora, vá. Afinal, foi mesmo uma surpresa a sua chegada, não nos mandou uma carta sequer explicando os motivos, só aquele telegrama. Pela rapidez com que veio, esperava que estivesse, no mínimo, grávida. Mas pelo visto não está — disse ele, observando atentamente seu corpo.

Então Célia tinha preparado tudo, deixando parecer que tinha vindo sem ser convidada. Mas isso não daria a Rafe o direito de insultá-la.

— Como você sabe que não estou grávida? Até o terceiro ou quarto mês não se nota.

— Bem, você está?

— Pode ser... — mentia.
— E poderia ser um filho de Josh?
— Quem sabe?
— E acha que ele se casaria com você se estivesse grávida? Rafe estava levando a conversa a sério. Que tipo de garota ele imaginava que ela tinha se tornado nos últimos anos?
— Bem, baseada no passado de Josh eu diria que não.
— Ah, então ele costumava agir assim, é?
— Assim como?
— Deixava as garotas grávidas e depois se negava a assumir a responsabilidade? Emily estava ficando cansada e decepcionada com aquela conversa. Como Rafe conseguia falar tão desinteressadamente sobre o fato de ela estar ou não grávida?
— Não estou grávida, Rafe.

Como poderia estar, se nunca se sentiu atraída por nenhum homem o suficiente para se entregar, a não ser por Rafe agora ali parado à sua frente, frio e indiferente?

— Tem certeza, Emily?
— Claro, droga...
— O almoço está pronto — interrompeu Sara;
— Não tenho fome. Sinto muito, Sara, desculpe-me— Emily disse e subiu para o seu quarto correndo.

Assim que entrou, ouviu a porta se abrir. Era Rafe.

— Por que você fez isso?
— Você sabe por quê.
— Não, não sei.
— Porque você me acusou de ser... de ser fácil!
— Não fiz nada disso. Só lhe perguntei o motivo de ter voltado de uma hora para a outra, aliás uma pergunta que você ainda não me respondeu. Foi você quem persistiu naquela ideia de gravidez.

Na verdade Emily queria testá-lo, ver se essa ideia iria irritá-lo, enciumá-lo, mas não aconteceu nem uma coisa nem outra.

— Então vamos esquecer este assunto, não é nem mesmo uma possibilidade. A respeito de minha volta, você me fez prometer que voltaria dentro de três anos.
— Você ainda tinha três meses.
— Sinto muito se voltei três meses antes do combinado. Mas posso ir embora de novo, se é isso que você quer.
— Já conversamos sobre isso e acho que já está mais do que provado que preciso de uma secretária.
— E isso é tudo o que eu sou para você, uma secretária?
— O que que você acha?
— Acho que eu poderia ir embora agora, que você não ligaria a mínima...
— Você não entenderia o que eu sinto.

Em seus olhos havia uma expressão de tristeza e solidão.

— Então me conte, Rafe, converse comigo.
— Já conversamos tudo o que tínhamos que conversar há três anos. Seu almoço está pronto, não deixe Sara esperando.
— Já disse que não tenho fome.
— Então fique aí se punindo, trancada no quarto. Para mim tanto faz que você coma ou não.

Ela foi até o terraço, ignorando a presença de Rafe, e pensou na cabana, seu refúgio. Sim, iria para lá.

Uma nova excitação tomou conta de Emily quando saiu da casa, a sensação de poder fazer alguma coisa sem medo de ser reprimida. A cabana era sua, ninguém poderia disputá-la com ela, e lá poderia fazer o que bem entendesse.

Embora bem conservada, a cabana precisava de uma limpeza. Emily abriu as janelas para entrar ar puro e começou a limpá-la, o que naquele momento estava funcionando como uma terapia. A vida nunca tinha sido fácil na casa dos Savage, mas também não poderia dizer que era monótona. Mas ela não gostava de viver daquela forma, sempre em atrito. Tinha suportado aquele clima por oito anos e já era o suficiente.

Mas não queria ir embora. Já tinha sido muito difícil partir pela primeira vez, e não conseguiria fazê-lo de novo. Não podia nem pensar nessa ideia, não iria embora a não ser a pedido de Rafe.

Em poucas horas a cabana estava limpa e habitável, mas Emily estava faminta, não tinha comido nada desde o café da manhã. Foi então até a cozinha, à procura de Sara, com um sorriso de desculpas.

— Então, já se acalmou? — perguntou Sara com ar de reprovação. — Imagine sair correndo do escritório daquele jeito! Você consegue deixar o sr. Rafe muito mal-humorado, menina.

— Consigo? — disse ela com um olhar inocente. Comeu então um pedaço de bolo que estava na mesa.

Sara deu-lhe um tapinha na mão.

— Pare de beliscar! Eu lhe preparo algo mais substancioso para comer. Devia ter almoçado quando a comida estava pronta para você. O sr. Rafe não abriu a boca durante o almoço.

— Bem, seria difícil ele conversar sozinho. Sara.

— Ele não estava só, a srta. Célia estava com ele.

Emily então se sentiu muito satisfeita por não ter almoçado. Comeu o lanche que Sara lhe preparou, muito calmamente. Lembrou-se de que precisava pensar no que vestir à noite para sair com Carl. Não estava nem mesmo certa se queria ir, mas não podia atrapalhar o programa de Trisha. Afinal, tinham combinado que seria um programa a quatro.

— Imagino que o jantar já está arruinado — comentou Sara.

— Duvido! — Emily ia se retirando da cozinha com uma gargalhada, quando percebeu a presença de Rafe.

— Imagino que tenha vindo pedir comida a Sara. Você não é mais criança, Emily, precisa aprender a comer com os adultos.

— Sim, Rafe.

Ele começou a rir.

— Não fique tão chateada, menininha. Sempre vou discutir com você, mesmo que não me responda. Por isso não se poupe da satisfação de também argumentar comigo.

— É sempre você quem provoca — argumentou ela.

— Nem sempre.

— Na maioria das vezes.

— Pode ser... Você está pronta para começarmos a trabalhar?

— Agora? — Não conseguiu disfarçar sua decepção, pois estava querendo tomar um longo banho de imersão, fazer as unhas e preparar a maquiagem com bastante tempo. Se fosse ao escritório com Rafe não teria tempo para nada disso.

— Há algo errado, Emily?

— Bem, eu...

— Não me esqueci de que tem um programa. Não nos demoraremos muito.

Ela o seguiu, meio desapontada, mas afinal tinha se proposto a ajudá-lo. Além disso, se ele lhe ditasse algumas cartas hoje, teria o que fazer no dia seguinte, que pelo jeito seria um monótono domingo.

— Como está sua taquigrafia?

— Acho que está em forma.

— Ótimo. — A fim de não perder tempo. Rafe começou logo a responder às cartas mais importantes. As circulares e impressos ele pôs de lado.

Entre uma carta e outra eles faziam uma pausa para que Rafe se inteirasse do assunto da próxima, e nessa parada Emily ficava observando-o. Ele parecia cansado, com a expressão marcada e alguns fios de cabelos brancos. Tinha o hábito de passar os dedos na cicatriz, como se a todo momento lembrasse da dor que havia sentido.

Rafe terminou de ditar a última carta e parecia muito entretido com seus pensamentos, pois passava os dedos pela cicatriz da testa até o queixo.

— Isso o incomoda?

— O que me incomoda?

Ela percebeu que devia estar olhando demais para o rosto de Rafe, e ele havia notado! Não era hora para mencionar o acidente. Na última vez que tinham falado sobre ele, Rafe tinha deixado bem claro que não queria que se intrometesse nisso,

— Bem, estava só imaginando...

Ele levantou-se, interrompendo-a e empurrando a cadeira para trás com força.

— Você estava só imaginando como eu me sentia no meio da noite, quando minhas cicatrizes repuxavam como se fossem agulhas espetadas no rosto e os ossos da bacia se encontravam, provocando uma dor que quase me levava à loucura? Era isso o que estava imaginando, não era?

— Ora, Rafe, eu...

— Não era?

— Não, eu... — Não conseguiu falar e nem evitar as lágrimas.

— Sua pequena mentirosa! Saia daqui. Saia daqui!

— Mas, Rafe!

— Se não sair, não respondo pelas consequências. Saia, Emily, saia...

CAPITULO IV

Emily estava tremendo quando entrou no quarto. A reação de Rafe tinha sido muito mais violenta do que esperava; agora estava apavorada.

Mas pelo menos ele tinha dado uma ideia da extensão de sua dor, do sofrimento pelo qual tinha passado sem que ninguém percebesse. Provavelmente nunca tinha ocorrido a Célia perguntar como ele estava se sentindo, ou qualquer coisa que pudesse requerer sua ajuda. Emily decidiu nunca mais tocar nesse assunto, a não ser que partisse dele mesmo.

Agora tudo o que queria era tentar esquecer a dor de Rafe, como sempre tentava esquecer sua frieza e indiferença em outras situações. Já era tarde e ela tinha que correr para estar pronta às oito horas, quando Carl viria apanhá-la. Talvez não tivesse nem tempo para jantar, por isso entrou depressa no chuveiro.

Tentava ainda secar o esmalte quando tocaram a campainha. Provavelmente era Carl, e imaginou que Rafe ou Célia teriam que entretê-lo até que ela descesse. Emily estava esbelta, uma figura quase frágil naquele vestido preto colante. De corte simples, o vestido tinha como enfeite um bordado discreto na altura do decote. Emily tinha demorado muito tempo para se decidir por ele. Queria parecer mais adulta e sofisticada, pois a maioria das pessoas que ia encontrar naquela noite não via há três

anos. Além disso, pretendia provar a Rafe que já era adulta e que queria ser tratada como tal.

Finalmente estava pronta, e já passavam dez minutos das oito horas. Seus cabelos loiros caíam suavemente sobre os ombros. Rafe estava sozinho com Carl. Célia provavelmente já tinha saído.

Emily não pôde deixar de compará-los: um tão loiro e o outro tão moreno. Mas não era só a diferença de tipo físico e sim de expressão. A arrogância de Rafe, por exemplo, o distinguia de qualquer outro homem. Carl tinha um tipo mais jovial, enquanto Rafe dominava o ambiente com seu jeito autoritário. Não era só a idade que fazia com que Rafe parecesse mais sofisticado, mas sobretudo sua altivez.

Emily caminhou graciosamente até Carl.

— Desculpe o atraso, mas estou certa de que Rafe lhe fez boa companhia.

Ela se arriscava. Não estava certa de nada, pois sabia que, se Rafe não tivesse simpatisado com Carl, deixaria isso muito claro.

— Também acabo de chegar. Célia estava aqui até há alguns minutos — Rafe disse.

— Ah, sim? — disse ela, encarando Carl, que não parecia perturbado. Talvez Célia tivesse se comportado bem uma vez na vida.

Os olhos de Carl percorreram o corpo de Emily.

— Mas valeu a pena o atraso!

Emily corou e percebeu que Rafe a estava observando bastante...

— Você é muito gentil, Carl, mas acho melhor nos apressarmos agora. Trisha deve estar imaginando que deve ter acontecido alguma coisa.

Na verdade, Trisha nem devia estar notando sua ausência, na companhia de Mark. Devia, sim, estar muito feliz por estar sozinha com ele.

— Você ainda não jantou, Emily.

Ela olhou para Rafe, indignada; toda sua pose para parecer sofisticada tinha sido inútil. Sentia-se agora como se tivesse dois anos de idade.

— Estou ótima, Rafe, não tenho fome.

— Este argumento não vai funcionar pela segunda vez. Sara está muito preocupada com você.

— Tenho certeza de que não está.

Emily tentava encerrar a conversa, sentindo-se uma perfeita tola na frente de Carl.

— Eu comi bastante às quatro da tarde.

— Sara me disse que foi apenas uma salada e isso não alimenta.

Emily colocou a mão no braço de Carl, dirigindo-se para a porta da saída.

— Não quero comer — mentiu, pois na verdade estava esfomeada.

— Espero que você não traga Emily para casa muito tarde. Ela chegou ontem e deve estar ainda muito cansada da viagem.

— Como queira, sr. Savage.

— Então, boa noite. Divirtam-se!

Emily esperou até que entrassem no carro para explodir.

— Que homem neurótico! Tratando-me como se eu fosse uma criança.

— Achei uma preocupação natural, Emily, uma vez que ele tem razão. Você deve estar muito cansada. Deveria ter me ocorrido isso antes.

— Agora não comece você! Eu estou perfeitamente bem. Isso não era verdade. Ela estava começando a se sentir fraca. Tinha se excedido nas últimas horas, sabia disso, mas Rafe não tinha que lhe dizer isso.

— E ainda pediu para você me levar para casa cedo! Não fazia isso desde que eu era uma colegial.

— É natural que ele seja um pouco protetor, depois de terem ficado anos longe um do outro.

— Protetor! Ele foi muito atrevido, isso sim. Quando chegaram ao clube, Emily já estava um pouco mais calma. Sentia-se orgulhosa por estar saindo com alguém tão boa pinta como Carl, principalmente naquela noite, em que encontraria velhos conhecidos. Trisha e Mark estavam sentados numa mesa com vários outros casais, mas havia duas cadeiras reservadas para eles.

— Você está linda, Emily — comentou Trisha.

Carl e Mark foram até o bar buscar algumas bebidas. Emily tinha notado que o bar estava lotado, portanto iriam demorar um pouco. Havia muitas pessoas no clube naquela noite, pessoas de todas as idades. Os pais de Trisha, inclusive. Emily acenou para eles.

— Como vai indo com Mark? Sua roupa está lindíssima. — Obrigada. Nós fomos nadar esta tarde. Carl queria que você viesse também, mas eu liguei para sua casa e Rafe disse que você estava descansando.

— Ah, ele disse, é?

— Talvez tenha pensado que ela estava realmente descansando, afinal não tinha avisado ninguém que estava na cabana.

— Você explicou por que estava telefonando?

— Falei que íamos à piscina, mas não quis insistir. Embora Emily parecesse calma, na verdade estava muito chateada; não poderia mais permitir que Rafe interferisse tanto em sua vida novamente.

— Você já se decidiu sobre o que fazer, agora que está de volta?

— Rafe me convidou para ser sua secretária.

— Aposto que Célia não gostou da ideia. Mas aceitou? Emily fez que sim com a cabeça.

— Sorte sua!

— Cá estamos! — Carl colocou os drinques na mesa.

— Está se sentindo disposta para dançar?

— Não sou nenhuma inválida, sabia? — disse, rindo. — Rafe exagera as coisas, Carl.

— Entendo. Sabe, sua prima Célia é muito bonita.

— Muito... — concordou com um olhar distante.

— Ela estava fazendo muito charme para mim lá na sua casa.

— Célia consegue ser muito charmosa. Principalmente quando quer alguma coisa, pensou Emily, imaginando o que ela poderia querer de Carl. Ele não era o tipo de rapaz com quem ela costumava sair. Carl provavelmente se sentiria tão chocado quanto Sara com a história do banho de mar sem roupa.

— Ela virá aqui esta noite?

Emily começou a sentir um pouco de ciúme pelo interesse de Carl por Célia.

— Por que você não a convidou? Tenho certeza de que aceitaria.

Essa era uma ideia que nunca tinha ocorrido a Emily: perder um namorado para Célia. E ela não estava gostando da ideia, mesmo que Carl significasse muito pouco para ela. Célia devia ter feito charme demais para deixá-lo assim tão excitado, e isso a fez ficar desconfiada.

A noite já não estava mais agradando Emily. Depois de Rafe tê-la tratado como criança, esperava readquirir sua autoconfiança no baile. Mas parecia que não era Carl que iria levantar seu moral.

Disfarçou a fome com o drinque que Carl lhe serviu assim que voltaram à mesa. Tomou um drinque após o outro e, quando eram quase dez horas, já estava quase bêbada. Não que não estivesse acostumada a beber, bebia um pouco nas festas em que ia na América, mas aquela noite era diferente. Tinha sido muito agredida e queria

recuperar seu bom humor. Os homens à sua volta contribuíam bastante, cobrindo-a de atenções. Dançou com todos, até que finalmente voltou a dançar com Carl.

— Parece estar se divertindo muito — disse ele friamente.

— Muito! E como se nunca tivesse estado ausente.

— Já notei isso — disse, com ar aborrecido.

— Você não está com ciúme, está?

— Não estou com ciúme, estou... Ei, olhe: seus parentes chegaram.

Emily não se deu ao trabalho de se virar para olhar.

— Que legal para você, agora pode paquerar Célia.

— Não, é só mais um homem para roubar a sua atenção.

— Homem? Que homem?

— Seu primo Rafe. Ele acaba de entrar com uma ruiva encantadora.

Emily virou-se em tempo de ver Rafe e sua acompanhante dirigindo-se para uma mesa. Carl estava certo, era uma ruiva lindíssima. Ela estava segurando no braço de Rafe de uma forma muito íntima e Emily não gostou. Isso transpareceu em sua expressão.

— O que há de errado?

— Nada, é que eu não sabia que ele viria aqui hoje. Voltaram para a mesa, e novamente

Emily se tornou a alma da festa. Falava excitadamente e bebia todos os drinques que lhe ofereciam. Embora fingisse não notar Rafe, estava muito consciente de sua presença, e ouvia a risada de sua companheira. Isso a deixava nervosa.

Rafe dançava pouco, mas quando o fazia ficava bem longe de Emily, que dançava com os mais variados parceiros. Mas, no momento em que ela dançava com Peter, um colega de infância, Rafe estava perto o suficiente para ouvir a conversa.

— Nem acredito em como você está bonita!

— Você diz coisas excitantes, Peter.

— Você mudou muito... Nos velhos tempos não permitiria que eu lhe dissesse isso.

— Talvez fosse porque eu tinha quinze anos e usava aparelho nos dentes.

— Mas, mesmo assim, já era bonita.

— Desculpe, mas pode me emprestar sua parceira por uns minutos? Quero que ela conheça uma amiga minha.

— Claro, sr. Savage, prazer em vê-lo.

— Obrigado, Peter, com licença. — Rafe pegou Emily pelo braço e atravessou o salão.

— Onde estamos indo?

— Lá fora, para você tomar um pouco de ar e se recompor. Se eu soubesse que você ia se comportar como uma idiota não teria permitido que saísse de casa. Imagine, permitindo que um estranho... — disse quando chegaram no terraço.

— Ele não é um estranho!

— Que um estranho a agarrasse daquela forma. Ele estava quase fazendo amor com você ali, na frente de todo mundo.

— Não exagere! Estávamos só dançando.

— Dançando! Não seria tão grave se ele fosse o rapaz com quem saiu esta noite, mas é o décimo com quem a vejo.

— Dançando... — resmungou Emily com voz pastosa, que denunciava seu estado.

— Estou furioso, se quer saber. Está se expondo...

— E a sua pessoa, é esse o problema, não é? Estou comprometendo o nome Savage; todas as pessoas que estão aqui sabem que você é meu tutor, e é com isso que está preocupado.

— Não é verdade, estou preocupado com você, nunca a vi agindo desta forma.

— Nunca mesmo? Parece que me lembro de uma ocasião em que agi de uma forma ainda pior. Mas é proibido falar a respeito, não é?

Rafe virou-se de costas para ela, visivelmente perturbado.

— Esqueça, Emily!

— Esqueça... Faça de conta que não aconteceu nada. não é? Mas não vou esquecer não, eu...

— Rafe, querido, estive procurando-o por toda a parte — a ruiva interrompeu com voz sensual.

Emily pôde então observar de perto a bela moça que acompanhava Rafe. Ela tinha os cabelos longos e sedosos, combinando com um vestido amarelo pálido. Sua maquilagem era perfeita. Emily esperava dela um tratamento hostil, afinal tinha tirado Rafe de sua companhia. Mas isso não aconteceu, ela a tratou com uma amigável curiosidade. Por incrível que pareça, isso fez com que Emily se sentisse ainda pior.

— Emily não estava se sentindo bem... Eu a trouxe aqui fora para tomar um pouco de ar.

— Que desagradável... E como está se sentindo agora?

— Bem melhor, obrigada.

E estava mesmo, a não ser por aquela dor de estômago, por não ter comido nada.

— Muito prazer, meu nome é Janine Clarke.

— Emily Stanford.

— Ah, eu sei quem é. Rafe me falou muito sobre você.

— Falou, é?

— Sim. Mas aposto que ele nunca falou de mim para você,

— Janine está morando na casa do velho Russel. Você não acredita nas mudanças que ela fez por lá, parece outro lugar.

Então Rafe costumava visitar aquela mulher bonita em sua própria casa! Emily passou a olhar para Janine de uma outra forma, tentando imaginar qual seria o grau de intimidade entre eles.

— Você mora lá há muito tempo?

— Há quase um ano: Rafe tem me ajudado muito para me adaptar, me sentir em casa, entende?

— Então você se mudou para cá logo após o acidente — disse Emily, tentando estabelecer alguma relação com o fato.

— Sim, mas nos conhecemos há anos.

— Então você também conhece Célia.

— Conheci Célia primeiro, fomos colegas de escola.

O que mais ela poderia dizer? Sempre soube que Rafe tinha muitas namoradas, era muito atraente para não tê-las. Mas essa era a primeira que Emily conhecia. Embora preferisse não ter gostado de Janine, tinha que admitir que ela era gentil e agradável. Esperava que fosse chata e possessiva, aquele tipo de pessoa que detestaria à primeira vista. Mas talvez estivesse se comportando bem só para agradar Rafe.

— Talvez fosse melhor voltar para casa, Emily. — As palavras de Rafe já não soavam mais como uma ordem.

— Mas ainda são só dez e meia e não estou cansada. Já estou me sentindo bem de novo.

— Não lhe disse que ela era teimosa? — disse Rafe a Janine.

— Não estou sendo teimosa. Rafe, só não gosto de ser tratada como uma criança.

— Então não deveria agir como tal...

Agora era Janine quem estava se sentindo deslocada.

— Talvez seja melhor eu esperar por você lá dentro, Rafe.

- Não será preciso, srta. Clarke, eu e Rafe já nos dissemos tudo o que tínhamos para nos dizer.
- Por favor, Emily, tenho certeza de que Rafe não pretendia... — Janine tentava contemporizar.
- Pretendia, sim. E Emily sabe exatamente o que eu quis dizer — Rafe falou asperamente.
- Sim, é claro, mas, em todo o caso, obrigada pela preocupação, srta. Clarke. — Emily não conseguia esconder sua irritação.
- Ela não precisa de sua atenção, Janine poupe-se.
- Não preciso, mesmo. Vivendo com os Savage a gente tem que aprender a não precisar de ninguém, senão não sobrevive.
- Você sobreviveu, Emily.
- Sim, mas não sem algumas cicatrizes.
- Você está sujeita a isso numa batalha.
- Mas não são bem cicatrizes de batalha. Agora, com licença, tenho que procurar Carl.
- E aproveite para pedir a ele que a leve para casa.
- Eu irei para casa quando achar que devo.
- Você é quem sabe. Eu já estou indo embora. Boa noite! — disse Rafe asperamente, tomando o braço de Janine e dirigindo-se para a porta de saída.
- Emily estava se sentindo péssima, louca para ir embora também, não queria mais ficar naquele baile. Não conseguiu avistar Carl no salão, mas Trisha e Mark acabavam de voltar para a mesa. O rosto de Trisha irradiava felicidade.
- Vocês viram Carl?
- Está com... ele está no bar — disse Mark.
- Sente-se aqui conosco que ele deverá voltar logo. Emily sentia que suas pernas não aguentariam por muito mais tempo. Depois de dez minutos, ainda não havia nem sinal de Carl, e a conversa na mesa estava muito desinteressante, principalmente por ela estar desanimada.
- De repente, Emily avistou Carl do outro lado do salão. Estava com Célia, os dois abraçados e trocando carinhos.
- Desculpe-me por não ter lhe contado, Emily, mas sabia qual seria sua reação. Mas não tire conclusões precipitadas, foi Célia quem veio até nossa mesa e convidou Carl para um drinque.
- O que ele aceitou mais que depressa...
- Ora, tenha paciência, Emily, afinal você não lhe deu a mínima atenção desde o começo da noite — disse Mark.
- Você tem razão. Quando Célia chegou?
- Há uns quarenta minutos. Ela veio com aquele pessoal que está ali no bar. Havia mais ou menos umas dez pessoas encostadas no balcão, rindo e falando alto. Deviam estar se divertindo, mas perturbavam os outros. Alguns casais mais velhos já tinham até ido embora, prevendo encrencas.
- Sara tinha me dito mesmo que ela estava saindo com uma turma muito louca.
- São muito loucos, mesmo. Todos de famílias ricas da região. Sentem-se donos do mundo.
- Você está começando a falar como Sara. Ela não gosta nem um pouco deles.
- Sinto muito, mas eles também não se esforçam para serem agradáveis — completou Trisha.
- Acho que vou embora agora, já tive mais que o suficiente para um dia.
- Vou chamar Carl — apressou-se Mark.
- Não, não quero incomodá-lo, posso perfeitamente tomar um táxi.

— De jeito algum! Eu também estou pronta para ir embora e poderíamos deixar Emily na casa dela, certo, Mark?

— Claro — concordou ele, puxando a cadeira para que Trisha se levantasse.

— Ah, não se preocupem. Posso ir sozinha para casa, de táxi ou a pé mesmo, é tão perto.

— Não será preciso, sua casa fica no nosso caminho.

A casa estava escura quando chegaram. Só a luz do hall estava acesa. Parecia que Rafe ainda não havia chegado e, caso tivesse, devia ter ido para a cama. Mas era pouco provável, com certeza ainda estava com Janine Clarke.

— Obrigada pela carona.

— Não há de quê. Ligo para você amanhã para irmos nadar, que tal?

— Acho que não vai dar, tenho algum trabalho para fazer, o serviço está atrasado. Mas ligue assim mesmo.

Emily hesitou, não estava querendo entrar em casa. Depois de tudo o que tinha lhe acontecido, não se sentia à vontade para simplesmente ir para a cama e dormir. Estava faminta e por isso se decidiu a comer.

A geladeira estava lotada, mas, como não pretendia cozinhar, optou por um sanduíche de presunto e um copo de leite. Sentiu-se muito melhor depois de ter comido. Lavou o copo e o prato antes de sair da cozinha, mas não queria ir ainda para a cama. Lembrou-se de que a cabana estava limpa e habitável agora, com roupa de cama e tudo o que precisaria para se arrumar no dia seguinte. Iria caminhando pela praia até lá, ninguém notaria sua ausência.

A brisa leve do mar arejou seus pensamentos. Tirou os sapatos e caminhou com os pés mergulhados na água. A lua refletida no mar calmo deixava tudo mais claro. A noite não tinha sido o sucesso que esperava. Na verdade tinha sido um fracasso. Embora detestasse admiti-lo, Rafe estava certo, ela tinha feito um papel de tola, tinha se comportado de uma forma que nunca pensaria ser capaz. Não podia acusar Carl pelo seu interesse por Célia, pois tinha começado antes do baile. Além do mais, tinha descontado nele toda a raiva que sentira de Rafe pela discussão que tiveram antes de sair de casa.

Não estava certa de que era uma boa ideia dormir ali, mas não teria coragem de caminhar tudo aquilo de volta. Por muitos e muitos anos Emily tinha tido uma vida calma, mas não tivera um momento de tranquilidade desde que voltara à Inglaterra. Espreguiçou-se, deixando as decisões para serem tomadas no dia seguinte. Mas teria que tomar uma decisão, e de preferência logo. Ficaria arruinada se continuasse ali. Estava mais quente na cabana. Sentia-se mais que pronta para cair na cama. Não havia luz elétrica, por isso acendeu as velas que tinha se lembrado de trazer à tarde. Já estava deitada na cama, com o lençol cobrindo seu corpo nu, quando ouviu um barulho de passos na areia e que, aos poucos, se aproximavam da cabana. Quem estaria ali? Quase ninguém sabia da existência daquela cabana, e ninguém sabia que ela estava ali! Rafe sempre a alertara para o perigo de ir lá sozinha, e parece que aquele era o momento de provar que ele estava certo. E que momento! Com ela nua, sentada na cama!

Enrolou-se no lençol, procurando os fósforos para acender as velas. Estava uma escuridão total, e isso deixava a situação ainda mais assustadora. Estava com a caixa de fósforos na mão, pronta para acendê-los, quando um homem abriu a porta e entrou. Emily acendeu o fósforo com desespero e tentou iluminar o homem.

— Rafe! — suspirou, aliviada. — Deus do céu, você me apavorou!

O rosto dele estava tenso.

— Você merecia uma boa surra pelo que fez.

CAPÍTULO V

— Rafe! — disse ela, bocejando.

Ele bateu a porta atrás de si. Ainda usava o blazer azul-marinho e a calça azul-clara com que fora ao baile. Isso queria dizer que ele acabara de chegar da casa de Janine Clarke. Devia ser uma hora da manhã. Ela não precisava de muita imaginação para adivinhar o que teria acontecido naquelas quase três horas desde que saíra do baile. — Não me venha agora com desculpas. Você sabe a extensão dos problemas que me causou?

— Problemas? Que tipo de problemas?

— O tipo de problemas que só você sabe causar. Olhe para você: nua, e ainda por cima enrolada num lençol. E aposto como nem está ligando para isso.

— Bem, se você sair eu posso me vestir.

— Não vou sair coisa nenhuma.

— Mas não posso me vestir na sua frente.

— Por que não? Eu já vi você nua antes.

— E daí?

— Está bem. Pelo jeito você fez uma boa limpeza por aqui.

— Não foi preciso muito trabalho para isso, fiquei surpresa por ver como a cabana estava bem conservada. Agora me diga: por que estava me procurando?

— Não vai mesmo se vestir?

— Não!

— Bem, eu estava procurando você, porque não sabia se tinha ficado ferida ou não.

— E porque deveria?

— Porque houve uma briga no baile e muitas pessoas foram parar no hospital. Como fui ao seu quarto e você não estava, acabei indo ao hospital para ver se estava lá. Você não estava e ninguém soube me dar notícias suas. Comecei então a procurá-la em todos os lugares. Deveria ter adivinhado que estaria aqui.

— Sinto muito. Por que você foi ao meu quarto?

— Já disse, para procurá-la.

— Mas por quê?

— Por que se preocupa agora? Você não estava lá e agora não importa.

— Houve alguém seriamente ferido na briga?

Emily estava perturbada com a proximidade de Rafe; podia sentir seu cheiro, ouvir sua respiração.

— Não, nada sério. Célia estava envolvida, foi assim que fiquei sabendo.

— Ela está bem?

— Sim. Parece que um de seus amigos a insultou, muita bebida, eu imagino, e o seu Carl tomou as dores dela e partiu em sua defesa. Célia achou tudo muito incrível!

— Ele não é o meu Carl, Rafe.

— Fico feliz em saber. Célia já estava aplicando seus truques nele.

— Não foi culpa dela. Nós não estávamos bem desde o começo do baile.

— E mais Célia, encorajando-o. Foi por isso que você agiu daquela forma no baile? Deixando todos aqueles rapazes a tocarem, abraçarem...

— Eles não me tocaram, tudo o que fiz foi dançar com eles.

— E eu não gostei nada.

— Você... não gostou?

— Não! — Seu tom de voz baixou de repente. — Você disse que queria conversar, contar as coisas. Então eu também achei que deveríamos conversar, por isso fui até seu quarto. Só havia um jeito de esclarecer isso que existe entre nós: conversando.

— O que você quer dizer?

— Agora que a encontrei, não quero dizer mais nada. Oh, meu Deus! Por que você foi voltar?

— Eu tinha que voltar! Eu tinha...

E era verdade. Não tinha sido o telegrama de Célia que a tinha feito voltar; ela teria vindo, mais cedo ou mais tarde.

— Eu sei. E por um lado estou feliz que tenha voltado. Mas está tão difícil ficar do seu lado e ter que me manter afastado de você.

— Não faça isso, Rafe, não se afaste... — Seus olhos imploravam.

Ele se aproximou mais ainda e a beijou na boca, empurrando seu corpo para a cama. Emily se insinuava, com as mãos acariciando sua nuca, passando pelos cabelos encaracolados de Rafe.

Procurou a boca de Rafe sofregamente, enquanto as mãos dele passeavam pelo seu corpo, levando-a ao auge da excitação. Sussurrava seu nome, agora que ele roçava os lábios em seu pescoço. Não podia haver prazer maior!

— Era isso o que queria o tempo todo, não?

Emily não queria conversar, tudo o que queria era prolongar aquele momento ao máximo. Virou-se para a vela, a única iluminação que tinham, e a apagou.

— Por que você fez isso? — perguntou Rafe rispidamente. — Estava muito claro, e eu estava envergonhada...

— Envergonhada! — resmungou, enquanto pegava a caixa de fósforos. — Não se sentiu envergonhada na última vez em que estivemos juntos.

— Não seja cruel, Rafe. Naquela ocasião eu nem sabia o que estava fazendo.

— Não, porque você estava bêbada, mas não o suficiente para impedir que você se entregasse a mim sem restrições. Era isso o que você queria, não era? Tudo como naquela vez...

— Mas não, eu...

— Não negue, Emily. Mas, como vê, não pode ser tudo como naquela vez. Apagar as velas não vai fazer sumir as cicatrizes. E não vai alterar o fato de que nós não devemos mais ficar a sós. Por que você pensa que eu a mandei embora? Com certeza não foi para que voltasse e retomasse as coisas que tinha deixado inacabadas.

— Você me mandou embora?

— Bem, é claro que você não podia continuar aqui, não depois do que houve entre nós.

— Então você simplesmente se livrou de mim.

— Não era uma questão de se livrar de você, o problema era que poderia acontecer de novo, como acaba de acontecer.

— Não exatamente... — Emily corou.

— Não. Mas só por causa disso — disse, passando a mão no rosto.

— O que quer dizer?

— Simplesmente que não estamos fazendo amor agora porque você não aguentou olhar para mim.

— Isso não é verdade!

— Não? Então talvez o sentimento que havia entre nós tenha se acabado. Seja qual for o motivo que você escolha para se justificar, nós dois sabemos qual é a verdade. Eu vou sair agora, mas quero você de volta para casa dentro de uma hora.

— Mas...

— Dentro de uma hora, Emily! — repetiu com firmeza, batendo a porta com força.

Assim que a porta se fechou, Emily encostou a cabeça no travesseiro, sentindo as lágrimas molharem seu rosto. Ela sabia que isso iria acontecer mais cedo ou mais tarde, essa explosão de sentimentos entre eles, mas não esperava que fosse acabar tão

desastrosamente. E Rafe tinha dito que a havia mandado embora há três anos! Isso a tinha deixado muito chocada.

Sempre pensou que a decisão de partir tinha sido dela, mas estava enganada. Agora que podia refletir com mais maturidade começava a ver melhor as coisas. De fato sua partida tinha sido muito brusca e sem muito empenho de sua parte. E ainda havia o detalhe de Rafe conhecer Jonathan. Tudo isso agora fazia sentido e provava a Emily que Rafe tinha dito a verdade. E pensar que o motivo para que a quisesse longe dele tinha sido uma noite semelhante a essa, só que com outro desfecho! Tinha sido na noite de seu aniversário de dezoito anos, uma noite em que Emily tinha bebido muito, flertado com todo mundo, e tentado provocar Rafe insistentemente. Ela vinha dando vazão a sua feminilidade e sensualidade já há alguns meses antes disso, e Rafe era seu referencial.

Naquela festa tinha levado seus impulsos às últimas consequências, flertando com todos os rapazes, de tal forma que os fundia na imagem de um só homem. Rafe ficou muito nervoso e a afastou da sala.

O seu sucesso com os rapazes era uma coisa completamente nova, e ela não estava nem um pouco disposta a dormir àquela hora. Conseguiu então fugir para a cabana e foi lá que encontrou Rafe. O que aconteceu em seguida foi o ato mais espontâneo de toda a sua vida. Ela nunca imaginara que fazer amor fosse aquilo. Mas Rafe teve o cuidado de lhe proporcionar todo o prazer possível, acariciando seu corpo sensualmente até que chegasse a atingir o orgasmo.

Não houve sentimento de culpa entre eles e ela passou a maior parte do dia seguinte descansando em seus braços. Mas depois disso, ela voltou à realidade. Toda a amizade que havia entre eles teria que ser testada nas semanas que se seguiram. Só havia uma solução viável: partir. E Rafe não se opôs a isso. Agora finalmente entendia o porquê; ele queria se ver livre dela. Era como se a estivesse censurando por tudo o que havia acontecido entre eles, embora no fundo Emily soubesse que tais coisas só acontecem quando há concordância de ambas as partes. Era verdade que ela o tinha encorajado, mas Rafe não fez nenhum esforço para resistir. Agora Emily tinha que voltar; já tinha se passado metade do prazo de uma hora que Rafe havia fixado. Vestiu-se rapidamente e foi para casa, direto para seu quarto.

Rafe não foi verificar se ela tinha chegado. Agora tentaria evitar situações semelhantes e não deixaria que as coisas chegassem àquele ponto outra vez. Não voltaria a perder o controle e não iria permitir que Rafe a deixasse deprimida outra vez.

Na manhã seguinte Emily tomou um café da manhã reforçado, pois acordou com fome. Não tinha visto ninguém desde a hora que se levantou, nem Célia nem Rafe, mas talvez isso se devesse às circunstâncias... Ela também não se sentia com coragem para enfrentar nenhum dos dois, mas por motivos completamente diferentes.

Sara ficou rodeando Emily enquanto comia, censurando-a por não ter jantado na noite anterior. Emily se esforçou para brincar e rir com a empregada como sempre fazia, mas estava muito longe de se sentir em seu estado normal. Esse foi o motivo que a levou a decidir passar a manhã no escritório, datilografando cartas; isso a manteria longe de todos.

Mas, pelo jeito, Célia tinha outras ideias. Ela entrou no escritório perto das onze e meia, comendo uma maçã.

— Olá! Como está se sentindo hoje, Emily?

— Muito bem. Não seria eu quem deveria estar fazendo essa pergunta?

— Por quê? Não há nada de errado comigo.

— Ah, claro que não. Afinal não foi você quem se envolveu numa briga...

Célia deu uma sonora gargalhada.

— Não, não fui eu, foi Carl. Você não imagina como ele foi magnífico, Emily. Partiu em minha defesa como uma criança furiosa.

— E acabou se machucando com tanto esforço.

— Não, ele não ficou ferido.

Célia deu a volta pela mesa para ver o que Emily estava fazendo, ainda mastigando a maçã. Quando viu do que se tratava, olhou para o lado, desinteressada.

— Carl estava muito mais em forma para brigar do que qualquer outro da minha turma. Se não me engano, três deles foram parar no hospital. Carl provavelmente deve estar em casa, cuidando ele mesmo de alguns poucos ferimentos.

— Não imagino que tenha ocorrido a você fazer uma avaliação da briga.

— E porque deveria?

— Porque ele se machucou defendendo você.

— Defendendo minha honra! Pena que ele não percebeu que não havia muito para ser defendido. Mas talvez eu telefone para ele, pois não quero desiludi-lo.

— Acho que seria meio difícil ele se desiludir, pois parece que se apaixonou por você.

— E mesmo, parece que sim. Você não sente ciúme, Emily, nem um pouquinho?

Emily relia a carta que acabara de datilografar, conferindo para ver se não havia erros.

— Nem um pouquinho, Célia. Por quê? Você acha que eu deveria?

— Não particularmente. Até que eu gostei de Carl, sabe, pelo menos é coisa nova. Eu acho muito excitante esse tipo de homem forte e de poucas palavras.

— Não importa o fato de que assim que deixar de achá-lo tão excitante você vai abandoná-lo, não é?

— Mas acho que ainda vai durar um pouco, ele é muito homem. Sabe, eu cheguei em casa só às três da manhã, ficamos juntos até essa hora.

— Você sente necessidade de ficar dissertando sobre suas conquistas, Célia?

— Não estou dissertando, estou só recomendando... Pensei que talvez você o quisesse de volta quando terminássemos.

— Dê o fora Célia, você me aborrece muito!

— E seus falsos preconceitos também me aborrecem. Não me venha com esse jeitinho puro de quem não faz essas coisas que eu conheço você muito bem.

— Se eu faço essas coisas, não tenho necessidade de ficar falando sobre elas, como você.

Célia saiu do escritório, jogando o resto da maçã no cesto.

— É o que eu imaginava, você é toda melindrosa. Emily a ignorava, continuando a datilografar suas cartas.

Assim que Célia saiu, fechando a porta do escritório, Emily parou de datilografar e passou a corrigir os erros que havia feito naqueles minutos de raiva que passara ao lado de Célia.

Deus, como ela podia ser tão Invejosa? E vulgar também! Não tinha o menor pudor em confessar que havia feito amor com um homem que havia conhecido há algumas horas. E obviamente não devia estar nem um pouco preocupada com o que Carl pudesse estar sentindo.

Era tão diferente do que Emily sentia por Rafe, que nem conseguia estabelecer uma relação. Ela tinha se entregado uma única vez na vida e ao homem que sempre tinha amado e ainda amava. Sim, ela amava Rafe, e sabia que ele jamais seria seu.

Rafe tinha deixado isso muito claro no dia seguinte àquele em que haviam feito amor, afirmando que tudo não tinha passado de um engano provocado pelo excesso de bebida. Isso a tinha chocado, pois para ela fora um ato de amor verdadeiro.

— No que está pensando?

Emily voltou de seus devaneios ao ouvir a voz de Rafe; ele tinha o costume de surpreendê-la em situações como essa.

— Nada de especial.

— Ah, entendo. Então seus pensamentos não tinham nada a ver com o que Célia acabou de me dizer?

— O quê?

— Ela me disse que você estava muito preocupada com seu amiguinho Carl, até que ela a informou de que ele estava bem. Imaginei que a briga de ontem devia tê-la deixado preocupada.

Emily estava muito perturbada com a presença de Rafe, seu coração disparando forte ao senti-lo tão próximo. Mas, sem dúvida, a briga da noite anterior não a estava preocupando nem um pouco, e sim o que quase tinha acontecido entre eles, depois do baile. Tentou assumir a postura mais natural que conseguiu.

— Não estava preocupada com Carl, mas acho que Célia deveria estar.

— Você acha? Mas ela deve estar, pois disse que vai telefonar para ele agora. E você não deveria deixá-la notar que está enciumada, Emily. Sabe como Célia...

— Não estou nem um pouco enciumada! Não me incomoda o fato de ela estar saindo com Carl.

— Se você garante...

— Garanto!

— A luz do seu quarto estava acesa ontem à noite. Não conseguiu dormir?

— Como sabe que a luz estava acesa? Nem sabia se eu tinha voltado da cabana!

— Eu sabia, sim, que tinha voltado. Estava no escritório quando ouvi você entrando. E a luz do seu quarto ainda estava acesa quando eu subi, mais ou menos às quatro da manhã.

— Mas o seu quarto nem fica perto do meu!

— Talvez eu tenha me aproximado de seu quarto para dar continuidade ao que havíamos começado...

— Mas não o fez.

— Claro que não! Porque, se eu entrasse em seu quarto, provavelmente seria isso mesmo que aconteceria. Mas não queria que isso se repetisse, queria conversar com você friamente, com muita lógica, para que isso nunca mais aconteça.

— Mas talvez venha a acontecer novamente. Sempre houve algo no ar, uma atração entre nós.

— Mas temos que admitir que não passa disso: uma atração. Porque, se houvesse alguma coisa mais, você teria voltado correndo há um ano, preocupada com minha saúde, e não o fez. E eu também não teria permitido que você se afastasse de minha vida por anos, se a amasse. Não teria condições de ficar longe de você.

— Mas você me chamou quando estava doente. James me contou.

— E o que isso prova? Você faz parte da minha família, Emily, e eu estava alucinado. E provavelmente a Emily que eu chamava era aquela menininha tímida de dez anos de idade, e não aquela garota sensual de dezoito, que se negava a sair da minha cama.

— Rafe! — Sua voz mostrava a dor que se refletia também em seus olhos.

— Por que negar a verdade? O que houve entre nós naquela noite foi bonito. Talvez tenha sido exatamente este o problema. Se tivesse sido algo sórdido, como seria melhor que tivesse sido, nós poderíamos simplesmente apagar a lembrança de nossas vidas. Mas foi bom demais para eliminarmos da memória.

— Não sei, não tive outras experiências para poder comparar.

— Difícil acreditar, já que ontem você disse que poderia estar grávida de Josh.

— Eu menti.

— Você não tinha motivos para fazer isso.

Mas Emily tinha! Queria magoá-lo, provocá-lo, mas a reação de Rafe não tinha sido a que ela esperava.

— Não o incomoda o fato de ter sido o primeiro homem a me possuir?

Rafe mudou de expressão, estava frio.

— Eu não fiz isso, Emily, foi você quem provocou. Um homem pode se conter até um certo limite, mas você ultrapassou esse limite. Você passou a noite dançando na minha frente, me provocando. Seu comportamento naquela noite foi o que fez com que as coisas chegassem onde chegaram.

Tinha sido também o limite de Emily, pois nenhum outro homem havia provocado antes qualquer tipo de sentimento ou sensação nela. E, fosse qual fosse a ideia que passava pela cabeça de Rafe, na verdade ele tinha sido o único homem em sua vida.

Emily fingiu estar prestando atenção numa das cartas que havia escrito.

— Mas não vamos fazer uma tempestade em copo d'água, Rafe, toda garota tem que começar de alguma forma, algum dia. Devo até me sentir privilegiada por ter sido você, uma pessoa tão experiente. — Emily deu uma risada forçada. — Imagine que desastroso teria sido se fosse alguém tão ingênuo como eu.

— Pare de agir dessa forma, Emily!

— Então pare de criar problemas com algo que aconteceu há três anos. Vamos nos dar por satisfeitos por não ter havido consequências da experiência.

— Consequências... — Rafe percebeu do que Emily estava falando. — Eu me certifiquei disso antes de deixá-la partir.

— E se eu tivesse ficado grávida? O que aconteceria?

— Eu teria me casado com você.

Era o que Emily imaginava, por isso tinha rezado para que estivesse. Mas não estava, e Rafe a mandou embora. Emily respirou fundo e sorriu cínica.

— Ainda bem que eu não estava, hein? Pode imaginar algo mais desastroso do que nós dois casados?

— É, é verdade — disse, mexendo nos papéis que estavam sobre a mesa. Depois mudou de assunto: — Você não precisa ficar trabalhando hoje, eu mesmo faço uma pausa aos domingos. Vá com mais calma, Emily, você tem se agitado muito nos últimos dias. Um vôo como o que você fez tem efeitos prolongados. Vamos lá, arrume-se e vá para a praia.

— Autoritário como sempre! Não estou sofrendo os efeitos do vôo, Rafe... Parece que você se esquece de que sou muito mais nova do que você.

- — Dezoito anos — respondeu com pouco caso. — Agora, se me dá licença, vou almoçar fora.

— Na casa da srta. Clarke?

— Na verdade ela é a sra. Clarke, mas é para lá mesmo que estou indo.

— Ela é casada?

— Divorciada, há cinco anos.

— Você a conhece há muito tempo?

— O suficiente.

O suficiente para quê? Ela não esperava de Rafe a mesma fidelidade que tinha lhe dedicado todos esses anos, mas também não gostava da ideia de conhecer uma de suas mulheres.

— Ela parece muito interessante.

— E é. Mas acho melhor não nos intrometermos nas vidas particulares um do outro. Se Janine é ou não interessante, definitivamente não é da sua conta.

Mas era! E isso incomodava Emily!

— Se você prefere assim... Divirta-se! .

Emily almoçou sozinha. Célia também tinha saído para algum lugar. Emily pensou que teria sido melhor ter almoçado na cozinha, como fizera no dia anterior, em vez de ficar sozinha naquela imensa sala de jantar. Sara não se cansava de rodeá-la, falando sem parar. Não era a conversa que a chateava e sim o assunto.

— Talvez o sr. Rafe finalmente se acomode. A srta. Clarke é uma pessoa adorável e o sr. Rafe sempre vai vê-la. Ela lhe deu muito apoio na época do acidente, era a única pessoa que o sr. Rafe permitia que o visitasse, e essas visitas eram muito frequentes.

— Parece que ela era colega de escola de Célia...

— Ah, sim. A srta. Janine já tinha vindo aqui algumas vezes.

— Eu não me lembro.

— Ah, claro, você era muito pequena. Mas quando foram chegando à adolescência, seus caminhos se separaram.

Provavelmente por ser tão inteligente, Janine deve ter percebido os defeitos de caráter de Célia, pensou Emily.

— Bem, obrigada, Sara. Não quero café. Vou até o escritório terminar um serviço.

— Não dá para fazer isso amanhã? De qualquer forma o correio nem abre hoje, e está um lindo dia lá fora.

Emily observou o tempo pela janela. Estava realmente um sol forte, brilhando num céu lindíssimo.

— Pode ser que eu vá nadar um pouco.

— Não logo após a refeição, espero.

— Claro que não, bobinha, eu vou até o clube e fico deitada na borda da piscina até fazer a digestão. Em todo o caso, vou ficar no escritório na próxima meia hora, caso alguém me procure.

Dez minutos mais tarde Trisha telefonou e Emily lhe garantiu que a encontraria no clube dentro de quinze minutos. Não levou muito tempo para pegar suas coisas e caminhar aquela pequena distância entre sua casa e o clube. Trisha estava na piscina.

— Terminou seu serviço?

Trisha estava muito sorridente em seu biquini azul.

— Não totalmente. E Mark?

— Nadando. Carl está com ele também, exibindo um olho roxo.

— Azar dele, ninguém manda sair em defesa de senhoras desprotegidas.

Ela ainda não tinha certeza de como reagiria ao ter que encarar Carl novamente, mas afinal iria ter que fazê-lo a qualquer momento. Além disso, já tinha que encarar Rafe depois de uma situação muito mais embaraçosa que aquela de Carl estar saindo com Célia. Se ela encontrou forças para enfrentar Rafe, com Cali isso seria bem mais fácil. Na verdade, não haveria nada demais, pois já o tinha visto de longe com Mark, e não pôde deixar de rir do seu olho roxo.

— Tudo bem, tudo bem, pode rir à vontade. Mas deveria ter visto como ficou o outro cara — disse o rapaz.

— Já soube, Rafe me contou.

— Que tal cair na água?

A água estava morna e refrescante e Carl conseguia ser uma boa companhia, mesmo preferindo Célia a ela. Emily estava fazendo piadas sobre o olho roxo de Carl e rindo muito quando percebeu que Rafe contornava a piscina com as mãos nos ombros de Janine, levando-a até uma mesa. Carl percebeu sua mudança de expressão.

— Alguma coisa errada? — perguntou ele.

— Não, nada. Acho que já me cansei de ficar na água.

- Você está bem? Parece muito pálida.
- Não, não é nada, vou sair um pouco.

Emily nadou até a escadinha da piscina e, quando foi dar o impulso para sair, percebeu que Carl tinha razão, ela estava mesmo se sentindo estranha, com tontura. Talvez Rafe estivesse certo ao dizer que ela não estava totalmente recuperada da viagem.

Assim que ficou em pé Emily notou que Rafe e Janine estavam sentados à mesa bem em frente a ela, com seus copos de bebida nas mãos. Sentiu-se muito infeliz ao ver que Janine passava as mãos nos pêlos do braço direito de Rafe, e ele delicadamente levou suas mãos até os lábios.

Aquilo foi o limite máximo para o mal-estar de Emily. Ela passou a não enxergar nada à sua frente; tudo o que percebeu foi que gritou ao sentir a cabeça batendo no concreto. Depois foi uma escuridão total.

CAPÍTULO VI

Emily começou a recobrar os sentidos quando ouviu vozes à sua volta e alguns rostos. Chorou quando percebeu que não conhecia ninguém.

— Saíam do caminho, pelo amor de Deus, saíam do caminho! — gritava uma voz autoritária.

A multidão se abriu para dar passagem a Rafe, que parecia um demônio vindo em direção a Emily.

— *Você* está bem? — perguntou com carinho, ajoelhando-se ao lado dela.

— Oh, Rafe, me abrace...

— O que está havendo com você? — disse ele, abraçando-a com força, sem se importar com as pessoas que os rodeavam.

— Acho que escorreguei.

Rafe examinou a cabeça de Emily com delicadeza para verificar o ferimento.

— Teremos que levá-la para o hospital.

— Oh, não! Por favor!

— Sim, mocinha — disse ele, entregando as chaves do carro a Janine, — Vá abrindo o carro, Janine, Temos que dar assistência a essa menminha teimosa.

— Deixe-me em paz!

— Claro que não. E pare de se debater...

— Se você me puser no chão, posso muito bem ir andando.

— Não vai andando a lugar nenhum. E agora comporte-se.

— Mas eu estou em condições de andar.

— Talvez esteja, talvez não, e eu não vou deixá-la experimentar para ter certeza. No momento tudo o que tem a fazer é permanecer quietinha aqui nos meus braços.

Rafe sorriu agradecido a Janine quando ela abriu a porta do carro para que pudesse acomodar Emily.

— Estava meio assustada, só isso... Agora já estou bem.

— Acho que quem vai decidir isso é o médico. Pode continuar mentindo, mas fique quietinha como uma boa menina.

Rafe abriu a porta da frente para que Janine entrasse e foi interpelado por Trisha.

— Você acha que ela fica boa logo?

— Pelo que ela está dizendo, acho que sim, mas eu lhe dou notícias assim que voltarmos do hospital.

- Obrigada — agradeceu ela, acenando para Emily.
- Não sei por que estamos fazendo todo esse espalhafato, estou perfeitamente bem. — Mas sentia uma terrível dor de cabeça.
- Janine virou-se no banco e olhou para Emily.
- Acho que você deveria deixar o médico dar uma olhada, só para ter certeza de que não há nada de errado.
- Acha? Não há nada o que achar. Depois de um tombo desses a única coisa sensata a fazer é deixar que um médico a examine — disse Rafe.
- No momento não estou nem um pouco interessada em parecer sensata.
- Janine sorriu para ela, um sorriso encorajador e amigável.
- Claro que não. Não seja tão duro com ela, Rafe.
- Ela não passa de uma menina teimosa e endiabrada, que deveria levar umas boas palmadas.
- Rafe! Será que não dá para ser um pouco mais amável?
- Poupe sua amabilidade, Janine, ela não precisa disso. Nesse momento Emily sentiu que precisava de alguma coisa, talvez um ombro onde encostar e chorar. Rafe estava sendo extremamente rude com ela, e o único apoio que estava recebendo vinha justamente da mulher com quem ele provavelmente iria se casar. Que irônica e humilhante era aquela situação!
- A humilhação persistiu quando chegaram ao hospital e Rafe insistiu em carregá-la de novo. O rosto de Rafe estava tenso bem como suas mãos, que apertavam com força a pele de Emily, que ainda estava usando biquini. Entraram pela porta de emergência.
- Você me paga por isso! — disse ela, apertando a nuca de Rafe. Janine tinha ido estacionar o carro.
- E como pretende fazer isso? Colocando outro sapo na minha cama?
- Emily corou ao lembrar-se de sua atitude infantil de vingança quando tinha onze anos e Rafe a havia deixado enciumada. Ela achou uma ótima ideia colocar um sapo sob seu travesseiro. Mas Rafe não pensou da mesma forma e deu-lhe umas boas palmadas no traseiro.
- Não, um sapo não, mas vou encontrar um meio.
- Você ainda não cresceu, Emily. Imagine que pode até ter sofrido uma fratura, e sua única preocupação no momento é se vingar por eu tê-la trazido no colo. É ridículo!
- E você é um arrogante! Essa é só uma das coisas que eu detesto em você.
- Gostaria de saber quais são as outras...
- Pode deixar que eu faço uma lista e lhe entrego.
- Espero ansiosamente que o faça. Agora, com licença que eu vou procurar alguém para examiná-la. Não saia daqui.
- Não pretendo. Mas, em todo caso, pode deixar que sua namorada será um ótimo cão de guarda. Ela parece sempre pronta a fazer o que você manda.
- Rafe deu um leve sorriso, mas seus olhos não escondiam a raiva que sentia.
- É isso mesmo, garota. Ela não é nada parecida com você. Talvez seja por isso que eu goste tanto dela.
- Odeio você!
- Não acredito. Bem que gostaria, pois já estou farto desse seu comportamento imaturo, ainda me amando por ser seu tutor e me odiando pelo que eu lhe faço sentir como mulher.
- Oh, Rafe, desculpe-me por ter demorado tanto, foi difícil conseguir uma vaga para o carro. Mas você ainda não encontrou ninguém para atendê-la?
- Ainda não, mas já estou providenciando.

Como era domingo, havia só o pessoal de plantão. Alguns minutos depois apareceu um médico.

— Rafe! — O jovem médico estendeu a mão para ele. — Prazer em vê-lo. Nada de errado com você, espero.

— Não, é com ela. Sou seu tutor e ela teve um pequeno acidente.

— Você teve uma escoriação feia aqui! Poderia me acompanhar por favor, para examiná-la melhor?

— Claro... — Emily sorriu, provocante.

Tentou evitar que Rafe a carregasse novamente, mas foi inútil. Emily estava se sentindo muito pouco segura com seu biquini enquanto o médico a examinava. Ainda mais que Rafe permanecia em pé ao lado dele o tempo todo, assistindo a todos os seus movimentos. Janine tinha preferido ficar na sala de espera.

— Eu devia ter-lhe trazido uma saída de banho.

— Você estava vivendo muito intensamente seu papel de grande herói para se lembrar disso.

— Você deve perdoá-la pelo mau humor, David. Emily achou que não era necessário vir até aqui e está meio chateada.

— Mas fez muito bem em irazê-la. Você terá que ir até o raio X e permanecer aqui em observação por uns dias, srta. Stanford. Sinto muito.

— Oh, não! Rafe, por favor, não me faça ficar aqui.

— Isso é mesmo necessário, David? Posso lhe assegurar que, em casa, saberemos tomar todos os cuidados, mantendo-a em absoluto repouso.

— Bem, em casos como esse é praxe manter o paciente internado por alguns dias.

— Mas tente fazer uma exceção no caso de Emily. Acho que seria melhor, principalmente porque, se ela ficar contra a vontade, irá lhe causar muitos problemas. Será o tipo de paciente desobediente e caprichosa; em casa posso, lhe garantir que saberemos mantê-la quieta.

— Se o raio X não acusar nada, acho que posso permitir que ela vá para casa. Mas insisto em que seja mantida em observação dia e noite.

— Farei isso pessoalmente.

— Bem, nesse caso prefiro ficar aqui.

Ela estava mentindo; adoraria passar dias e noites com Rafe ao seu lado. E, pelo jeito com que Rafe a olhava, parecia que ele adivinhava seus pensamentos.

O médico apontou para uma cadeira na outra sala e pediu-lhe que se sentasse.

— O senhor teria um robe, ou algo parecido, para eu vestir? Sinto-me meio ridícula aqui de biquini.

— Garanto-lhe que não está ridícula...

— Você tem um robe, David? — Rafe perguntou depressa, num tom meio ríspido.

— Vou ver se consigo encontrar um — disse, saindo da sala.

— Você tem que ficar se insinuando desta forma? — perguntou Rafe, aproveitando a ausência do médico. — David não tira os olhos de você.

— Não tenho culpa se você se esqueceu de me trazer uma saída de banho.

— Aqui está! — David Byne entrou na sala, trazendo um traje próprio para operações.

— Sinto muito, mas foi o único que consegui.

Rafe pegou a pequena túnica de suas mãos e colocou-a sobre os joelhos de Emily.

— Desde que possa cobri-la, não importa o que seja.

— Vamos fazer logo esse raio X e aí talvez você possa levar a srta. Stanford para a cama.

— Parece-me uma boa ideia — murmurou Rafe.

— Também acho... — disse o médico, insinuante.

O Dr. Byne estava flertando cinicamente com Emily.

— Será que dá para terminarmos logo com isso, David? Está ficando tarde.

— Parece que não há fratura — disse o médico, examinando as chapas de raio X.

— Sabia que não, tinha certeza — afirmou Emily, triunfante.

— Você não sabia de nada. Agora vamos para casa, direto para a cama, moça.

Emily sorriu provocante para o médico.

— Muito obrigada pela ajuda, doutor.

— Por nada. Agora leve esses remédios, e amanhã, quando você sentir uma terrível dor de cabeça, tome dois de uma vez — disse ele, segurando-lhe as mãos enquanto lhe entregava os remédios. — E permita-me dizer que você iluminou um dia que tendia a ser muito monótono. Você é minha segunda paciente hoje.

— Mas isso não é bom? — perguntou, sorridente.

— Bom, mas monótono. E você, Rafe, não acha que já está na hora de fazer um *check-up*?

— Não tenho tido tempo. Você me segura aqui no hospital quase o dia todo com todos aqueles testes.

— Que *check-up* é esse? — perguntou Emily.

— Nós temos esperanças de reconstituir o osso íliaco de Rafe.

— Já lhe disse, David, que não tenho tempo.

— Mas acho que você deveria encontrar esse tempo. Você sabe que estamos só aguardando que você se encontre no estado de saúde ideal para fazermos a operação.

— Mas o processo todo poderia levar meses. Emily o interrompeu:

— Com certeza é preferível, a continuar sentindo dor.

— Você tem sentido dores?

— Um pouco.

— Muita dor, doutor, muita — corrigiu Emily.

— Nós lhe avisamos, Rafe, que se a dor aumentasse você deveria nos procurar imediatamente. Acho que já está na hora de fazermos a operação.

— Para que eu me torne um completo paralítico? Não! Prefiro continuar como estou.

— Mas a tendência é piorar. Só não fizemos a operação quando você estava internado por causa da gravidade de seus outros ferimentos. Talvez você não resistisse a uma operação tão delicada.

— E você acredita que agora eu posso resistir?

— Se você quiser...

— O que está querendo dizer?

— Que você não tinha muita vontade de sobreviver da última vez.

— Mas sobrevivi, não?

— Não porque você quis, mas porque nós não o deixamos morrer — respondeu o médico, indiferente à atitude ríspida de Rafe.

Emily mal podia acreditar no que estava ouvindo: Rafe tinha querido, morrer! Mas por quê? Ele tinha todos os motivos para querer viver.

— E o que o faz pensar que estou diferente agora?

— Não estou certo de nada, só espero que esteja diferente. Ouça, Rafe, a operação tem muita chance de ter sucesso. Essa dor que anda sentindo é só o começo do que ela poderá vir a ser, acredite-me.

— E também poderia me deixar aleijado para a vida toda... Mas vamos esquecer isso agora, David. Eu vou pensar a respeito.

— Não demore muito para pensar. Quanto mais tempo demorar, menores serão as possibilidades da operação ser bem-sucedida.

— Vou pensar, prometo. No momento o que eu quero é levar Emily para casa.

- Está bem, fique de olho nela.
- Pode deixar. Pode me emprestar isso por um minuto?
- Perguntou Rafe, apontando para uma cadeira de rodas.
- Não sei por que, mas Emily não quer que a leve no colo.
- Eu também não acho que seria uma boa ideia, por causa do seu problema.
- Pois é... sempre problemas.
- E você sabe a solução para isso.
- Não dá para você esquecer de vez em quando que é um médico?
- Com alguém como você por perto é até muito fácil.
- Podemos ir então, Rafe? Estou com uma terrível dor de cabeça.
- Claro. Assim que acomodar Emily no carro eu trago a cadeira de rodas de volta.
- Você fala como se eu fosse uma mercadoria a ser desembarcada.
- Não me provoque, Emily, não me provoque!

O silêncio entre eles durante a volta para casa era constrangedor. Foi Janine quem começou a conversar com Rafe para aliviar a tensão, mesmo porque Emily estava muito fraca para participar de qualquer conversa. Mesmo assim estava acordada e pôde observar a intimidade que havia entre eles.

Rafe levou Janine para casa primeiro, saindo do carro e acompanhando-a até a porta. Emily evitou olhar pela janela para não ver as despedidas carinhosas entre eles. Não tinha ainda conseguido esquecer a cena dos dois na mesa da piscina.

- Demorou um bocado, hein? — ironizou Emily.
- Não seja mal-educada, Emily, e, por favor, acene para Janine como uma boa menina.
- Não aceno coisa nenhuma!
- Mas o que é que ela fez para você?
- Nada. Podemos ir agora? Estou ficando com frio.
- Podemos ir, desde que se despeça de Janine. Você pode ficar zangada comigo, mas isso não é motivo para ser grosseira com uma amiga minha.

Era exatamente o fato de Janine ser amiga de Rafe que estava fazendo com que Emily agisse daquela forma. Se tivessem se conhecido sob outras circunstâncias, provavelmente teria gostado dela.

- Está bem. Faça qualquer coisa para ir para casa.
 - Qualquer coisa? — perguntou ele, sorrindo pelo espelho retrovisor.
 - Vá para o inferno! — disse ela, enquanto acenava para Janine com entusiasmo.
- Rafe arrancou forte com o carro, a ponto de Emily virar-se bruscamente no banco de trás. Ela imediatamente se arrependeu de suas palavras e se aproximou de Rafe, colocando as mãos em seus ombros e acariciando-o.
- Desculpe-me, Rafe, eu não queria dizer...
 - Esqueça! E, por favor, acomode-se em seu banco e pare de me tocar dessa forma; eu não sou de pedra.
 - Sinto muito — disse ela, recostando-se novamente.
 - Tudo bem, mas não se esqueça de que eu não estou aqui para você ficar testando seu charme feminino. Eu não resisti o suficiente da última vez.
 - Não, mas foi culpa minha, eu...
 - Eu sei que foi culpa sua! Mas esta noite deve pelo menos ter servido para lhe mostrar que eu sei dizer não a você. Eu não preciso de você! Tenho minha própria vida para cuidar.
 - E isso inclui Janine Clarke?
 - E se incluir? O que você tem com isso?
 - Nada.

A não ser, é claro, que não iria suportar a ideia de ver Rafe casado com outra mulher. Nesse momento ela achava que teria sido ótimo se tivesse ficado grávida há três anos; se tivesse sido assim, hoje Rafe seria só seu.

— Acho bom que pense assim.

Emily recusou a ajuda de Rafe para sair do carro; era muito difícil para ela sentir aquele corpo tão perto sem revelar a atração que sentia por ele.

Sara veio correndo em sua direção.

— O que foi que andou fazendo agora? Está com uma aparência terrível.

— Obrigada, Sara, era exatamente o que eu gostaria de ouvir.

— Bem, mas é verdade! O que aconteceu?

— Ela explica mais tarde, Sara. Agora, tenho que levá-la para a cama. Enquanto isso você pode preparar algo quente para ela.

— O que você prefere, uma sopa?

O que ela queria mesmo era deitar e dormir, mas não quis magoar a empregada; recusando seus préstimos.

— Sim, uma sopa está ótimo.

Emily começou a subir as escadas, mas de repente suas pernas não a sustentaram mais.

— Oh, Rafe!

— Sua criança tola! Pare de ser tão independente e apóie-se em mim um pouco.

— Mas você disse...

— Eu sei o que disse, mas no momento estou falando como seu tutor — disse ele, colocando-a delicadamente na cama. — Você precisa de alguma ajuda para se trocar ou consegue fazer isso sozinha?

— Pode deixar que eu me viro, obrigada — respondeu, enquanto tentava desamarrar a parte de cima do biquini.

— Parece que você não vai conseguir, deixe que eu faço isso.

— Não! *Você* não deve fazer isso, Rafe, não deve!

No momento ela não tinha condições de dominar sua atração por ele. Estava fraca e sensível.

Rafe ajoelhou-se na cama e ficou mais perto dela.

— Você precisa tirar isso e não me parece em condições de fazê-lo sozinha.

— Eu posso esperar por Sara, ela deverá estar aqui em um minuto.

— Ou talvez não. Eu já a vi nua antes, Emily, por que ficar tão envergonhada?

— Bem, porque... e se entra alguém aqui?

— E daí? Eu só estou ajudando você.

— Está bem, então.

Rafe ajudou-a a tirar a parte de cima do biquini muito lentamente.

— Acho que você tem razão. Eu não deveria estar fazendo isso.

Emily se recostou no travesseiro, enquanto Rafe a observava com seus irresistíveis olhos azuis.

— Por que não? Como você disse, já me viu nua antes.

— Mas não assim, não assim.

— Não entendo o que quer dizer.

Ela tentou se levantar para ajeitar o travesseiro, mas sua cabeça tombou para trás.

— Não sei que medicação foi aquela que o médico me deu, mas estou muito fraca.

— Foram sedativos, e parece que começaram a fazer efeito. Ah, meu bem, o que é que eu faço agora? Tenho que tirar sua roupa...

Mas assim que ele a tocou, Emily sentiu-se excitada e ofereceu-se a ele.

— Oh, Rafe, eu quero você!

Ele tentou empurrá-la, mas a essas alturas ela já enfiava as mãos por baixo de sua camisa.

— Pare com isso, Emily! Pare, por favor.

— Beije-me. Beije-me, Rafe!

— Não posso! Ouça bem, eu não posso!

— Ontem à noite você queria.

— Droga de sedativos! Estão deixando você fora de si.

— Estão me deixando como realmente sou. Estão fazendo com que eu consiga dizer coisas que normalmente não teria coragem. Eu quero você, Rafe, quero que faça amor comigo como fez antes de eu partir.

— Você vai se arrepender quando voltar a si.

— Então quer dizer que você vai ficar? Você vai ficar comigo esta noite, Rafe?

Rafe se afastou para os pés da cama.

— Não, não vou ficar com você e pare de me tentar! Sara deverá entrar aqui a qualquer momento. O que eu digo se ela não surpreender juntos?

— Não sei... O que poderia dizer?

— Não vou dizer nada, não será preciso. Vou sair daqui imediatamente.

Ela o agarrou com força.

— Não me deixe, Rafe, por favor...

— Você tem que parar com isso, Emily, eu já disse que não!

— Sr. Rafe! — Sara estava em pé na porta, carregando uma bandeja. — O senhor não deveria estar falando com ela desse jeito, ela não está bem.

— Ela está muito bem. Ajude-a a mudar de roupa. Estarei no escritório. Se precisar, de mim, me chame — disse ele, olhando para Emily.

Sara estava ocupada arrumando as coisas em cima da mesa-de-cabeceira.

— Por que iria precisar do senhor? Não é a primeira vez que coloco Emily na cama por ela não estar se sentindo bem.

— Não estava falando com você, Sara — respondeu ele, olhando para Emily.

— Mudou de ideia, Rafe?

— Talvez.

— Mais tarde?

— Não! Nem mais tarde nem nunca — disse e saiu do quarto. Sara olhou para ele, surpresa e sem entender nada.

— Que bicho mordeu o sr. Rafe?

— Não ligue, Sara, sabe como Rafe muda de humor de uma hora para a outra.

Quando Emily foi se sentar, o lençol caiu e deixou seus seios à mostra.

— Opa! Parece que estou meio fora de controle. Sara apressou-se em cobri-la novamente.

— Você não deixou que o sr. Rafe a visse assim, não é mesmo?

— Claro que sim, Sara, foi ele quem ajudou a me despir.

— Ele? Oh, não, claro que não. O sr. Rafe não faria uma coisa dessas.

Os sedativos estavam fazendo com que Emily se sentisse meio entorpecida.

— Agora trate de tomar sua sopa.

Sara esperou que ela tomasse a sopa e a ajudou a vestir a camisola. Pegou então a bandeja.

— O sr. Rafe não estava ajudando você a se despir, estava?

— Se você diz que não, Sara.

— Mas estava?

— Acho que não.

Ela não ouviu Sara sair do quarto. Já estava envolvida por fantasias, onde Rafe a abraçava e cobria de beijos.

Quando acordou estava escuro, e por um momento pensou que estava sozinha: sentiu uma terrível dor de cabeça. Percebeu que havia alguém no canto do quarto, mas quando foi se virar soltou um gemido de dor.

— Rafe?

A luz do quarto foi acesa cruelmente.

— Não, não é Rafe. Ele tem o hábito de vir visitá-la em seu quarto à noite? — Era Célia.

— Claro que não, eu só pensei...

— Você pensou que fosse meu querido irmão. Estou curiosa para saber por que pensou que fosse ele.

— Rafe disse que eu iria ter alguém do meu lado dia e noite por algum tempo. Eu simplesmente pensei que você fosse ele.

— Não ficaria muito bem a presença de Rafe no seu quarto a esta hora da noite.

— Que horas são?

— Três horas. Você dormiu horas a fio.

Célia pegou um copo d'água e dois comprimidos no criado-mudo.

— Mandaram lhe dar isto quando você acordasse. Emily tomou os dois comprimidos e voltou a deitar a cabeça no travesseiro.

— É muito gentil de sua parte ficar aqui comigo.

— Não tive outra escolha, a não ser que quisesse enfrentar a fúria de Rafe.

— Você nunca se preocupou com isso antes.

— E não me preocupo mesmo, mas hoje preferi evitar, já que ontem tivemos uma grande discussão.

— Não por minha causa, imagino?

— Você também foi um dos motivos, você e seu namoradinho. Agora durma, Etníy, prefiro o silêncio a ouvir a sua voz.

— Entendo,

— Entendo! Por que você não passou só uma semana aqui e não foi embora logo? Oh, não, você teve que causar todas essas confusões na casa. E não é porque estou aqui com você que eu a detesto um pouco menos. Só fico pensando em como será viver com Rafe aqui depois que você for embora.

— Você é muito má.

— E tem mais! Eu sei o que houve entre você e Rafe há três anos, eu sei tudo.

— O que quer dizer?

— Eu sei daquela noite do seu aniversário de dezoito anos, vocês dois na cabana... sei tudo, Emily.

— Como?

— Rafe me contou. Ele me contou como você se jogou em cima dele e ele perdeu o controle.

CAPÍTULO VII

— Eu não acredito em você! Célia sorriu calmamente.

— Mas é a verdade, Emily. Confesso que fiquei chocada na época, mas afinal ele é homem, e eu compreendo.

— O que ele lhe disse?

— Não precisou contar muito, só o que aconteceu. Eu já vinha desconfiando de alguma coisa, há algumas semanas, pelo jeito como você ficava se expondo, se insinuando.

Uma vez que moravam na mesma casa, foi tudo muito fácil para você. Aquela festa de aniversário foi a oportunidade ideal.

— Não fiz tudo sozinha, sabia? Rafe também participou.

— Eu não sou boba, Emily. Um homem não chega a esse ponto sem ser devidamente encorajado. E você soube fazer isso muito bem. Graças a Deus que não ficou grávida.

— É verdade... — Emily agora estava sendo sincera.

— Você teria Rafe amarradinho a você hoje em dia. E ele vem sentindo um complexo de culpa desde então, pois era seu tutor e acha que agiu mal. Por que você acha que ele sofreu aquele acidente? Simplesmente porque não conseguia se concentrar, só por isso.

— Mas James me contou que havia um vazamento no tanque de gasolina.

— Sim, havia. Mas você também sabe como Rafe sempre foi muito cuidadoso com essas coisas. Em condições normais ele teria prestado mais atenção. Foi puro descuido de sua parte e, em consequência disso, ficou com essa cicatriz para o resto da vida.

— Você deveria ter falado, Célia, eu tinha o direito de saber que Rafe estava doente.

— Você não tem direito algum. Você foi a causa desse acidente, por isso não havia lugar para você ao lado dele.

— Você está errada em me acusar. Não creio que o que houve entre nós tenha influenciado Rafe a esse ponto. Acho que nem pensou em mim desde que fui embora, nunca respondeu minhas cartas.

— O que ele poderia dizer? Que sentia muito? Isso ele já tinha dito. Ele queria que você começasse uma vida nova na América e talvez encontrasse um marido por lá. Mas suas cartas não revelaram nada nesse sentido, o que serviu para aumentar ainda mais seu complexo de culpa. Agora você sabe o motivo de eu ter lhe mandado um telegrama solicitando sua presença. Você tinha uma semana para provar a Rafe que não precisa dele! E, no entanto, não é bem isso o que você está fazendo.

— Ele já sabe que não preciso dele!

— Não diga bobagem! O incidente de hoje prova o contrário. Até que Rafe se livre desse sentimento de responsabilidade, ele não terá condições de construir sua própria vida.

— Não estou impedindo Rafe de fazer nada do que ele quer.

— Está, sim. Ele acha que, enquanto não estiver certo do seu futuro, não poderá fazer seus próprios planos.

— E o que você sugere? Que me case com o primeiro que aparecer?

— De preferência.

— Vou ver o que posso fazer! — respondeu Emily, furiosa.

— O que está havendo aqui?

A porta do quarto se abriu e Rafe entrou, usando um pijama azul.

— Há horas que estou ouvindo as suas vozes. Será que ninguém mais dorme nesta casa?

— Quando se permite... — respondeu Célia.

— Do que estão falando tanto?

— Trivialidades, conversa de mulher — disse Célia.

— A esta hora? São quase quatro da manhã. Rafe se aproximou da cama de Emily.

— Como está se sentindo?

— Estou bem.

— Você quer dormir um pouco, Célia? Eu estou acordado agora, posso ficar com ela.

— Assim, de pijama?

— Por que não?

— Você não pode ficar aqui desse jeito. Sara já está escandalizada com algo que viu hoje. Não quero nem falar a respeito do que você fez para chocá-la.

— Sara está sempre escandalizada com alguma coisa. Agora vá você para a cama, que eu fico aqui.

— Vocês podem ir dormir os dois. Eu não preciso de ninguém aqui, não há nada de errado comigo.

Rafe ignorou a observação de Emily.

— Vá para a cama, Célia. Emily pegará no sono em alguns minutos se pararmos com esse falatório, e ela precisa descansar.

— E você, não precisa descansar? Tem que trabalhar de manhã.

— Eu cuido de mim.

— Está certo, você já é grandinho o suficiente para tomar suas próprias decisões e cometer os seus próprios erros.

— É isso mesmo.

— Boa noite, Emily. Gostei da nossa conversa.

Emily virou para o outro lado, sentindo que as palavras de Célia eram um aviso. Mas ela não podia demonstrar a Rafe que não precisava dele porque precisava, e muito. Há três anos que vivia por viver, passando daquela fase de menina para mulher, que Rafe insistia em dizer que ainda não havia passado. Se ele soubesse!

Mas ele sabia que ela o desejava; no meio da loucura dos sedativos, tinha deixado isso bem claro. E havia aquela relação com o fato de Sara estar escandalizada com alguma coisa. Deus do céu, sim, agora ela se lembrava de que havia contado a Sara que Rafe tinha tirado seu biquini.

— Você disse alguma coisa para Sara? Sobre nós, quero dizer. Eu sei que a gente sempre tem o passado como referencial, mas gostaria que você guardasse esse segredo.

— Assim como você fez?

— O que está tentando dizer? Ela apagou a luz do abajur.

— Estou exausta, Rafe, quero dormir.

Virou-se para o lado da parede para que ele não pudesse vê-la. Dormir era a última coisa que pretendia.

— Não vai dormir enquanto não me contar o que disse a Sara. — Eu não disse nada. E que, quando fui me sentar, o lençol caiu e ela viu...

— Viu que estava nua e chegou à conclusão de que eu estava tentando seduzi-la.

— Nao, não foi bem isso, eu...

— Sim, vamos, você o quê?

— Eu contei para ela que você tinha me ajudado a tirar o biquini.

— Você fez isso?

— Não tive culpa, Rafe, aqueles sedativos me deixaram meio dopada, não sabia o que estava falando.

— E, eu percebi isso pelas coisas que estava dizendo para mim antes de Sara entrar.

A respiração de Rafe estava muito perto dela. Emily sentiu novamente muita vontade de se entregar a ele.

— Mas eu disse verdades, Rafe, disse exatamente o que estava sentindo,

— Diga de novo.

— O quê. que eram verdades?

— Não, repita as coisas que disse antes. Rafe estendeu seu corpo ao lado de Emily.

— Diga novamente que você me deseja — disse ele, beijando-lhe o pescoço e a nuca.

— Nós não devemos.

— Por que não? Eu lhe dei uma chance, Emily, há três anos. E isso já é o suficiente.

Você disse há pouco que ainda me quer; pois bem, eu também quero você e não vou negar isso para mim mesmo. Você já é uma mulher para decidir com quem quer dividir sua cama. E eu quero dividi-la com você.

Os carinhos de Rafe foram ficando cada vez mais audaciosos, Emily tremia.

— Não, Rafe, não podemos fazer isso. Por mim e por você.

— Eu não estou fazendo nada que um dos dois não esteja querendo. Ajude-me a me despir, Emily, para poder ficar mais perto de você.

— Não, eu...

— Foi você quem me chamou aqui, Emily. Eu estive o tempo todo acordado, pensando nas razões para não vir aqui, em por que eu deveria dizer não ao seu convite. Não funcionou. Meu racional não funciona quando penso em fazer amor com você; parece que isso é tudo o que importa.

— Mas, Rafe, você disse...

— Para o inferno com o que eu disse! Você é tão linda, querida! — Rafe jogou o paletó do pijama no chão. — Quando eu a ajudei a se despir, tive que me esforçar muito para tirar as mãos de você.

As mãos de Emily passeavam pelo corpo de Rafe, sentindo suas inúmeras cicatrizes.

— Oh, meu querido, não consigo acreditar que esse seu corpo lindo esteja todo retalhado assim.

Emily disse mais uma vez o que não devia e percebeu isso pela mudança nos movimentos de Rafe.

— Eu vivo tentando me esquecer disso. Bem, prepare-se para um choque, Emily, que eu vou acender as luzes.

Ela cobriu-se com o lençol antes que Rafe o fizesse. Agora podia ver suas cicatrizes.

— Deus do céu, Rafe, como você deve ter sofrido!

— Elas me machucam todos os dias, mas isso não é tudo. Um pouquinho mais e eu não poderia mais sentir desejo por você.

Rafe vestiu o pijama com um sorriso desolado no rosto.

— Rafe, diga-me, se eu não tivesse voltado, você teria se casado com Janine Clarke?

— O que a faz pensar que eu ainda não pretendo casar com ela? Janine faz parte de um outro lado da minha vida, onde você não deve se meter.

— Mas você queria fazer amor comigo há pouco e agora está me dizendo que se casaria com ela.

— Eu poderia...

— Você está dizendo que, mesmo a gente tendo se amado no passado, mesmo que tivesse se amado hoje, você não se casaria comigo?

— Não.

— Nem se fizessemos amor agora? — Os olhos de Emily se encheram de lágrimas e a dor que sentia era enorme.

— Nós nos desejamos, Emily, mas é só isso. Além do mais, não posso me livrar dessas cicatrizes, e não tenho intenção de fazer amor no escuro o resto da vida. Você pode sentir repugnância por elas, mas Janine não se importa com elas. de forma alguma.

— Então ela já as viu?

— Sim.

— Todas elas?

— Todas — disse, num tom sarcástico.

Emily ficou imaginando Rafe fazendo amor com aquela mulher. Ela, Emily, não significava nada para ele! Poderiam fazer amor milhares de vezes, e ela continuaria não significando nada para ele, a não ser um objeto de desejo. Não poderia ter recebido insulto pior.

— Eu odeio você, Rafe! Eu odeio você, e o farei pagar por isso, nem que seja a última coisa que faça na vida.

Ele riu da sua fúria.

- Terei prazer em assistir à sua tentativa.
- Eu juro, Rafe, encontrarei uma forma de fazê-lo pagar por isso.
- Eu não teria essa certeza.
- Você verá Rafe, juro que verá.

Rafe ainda estava rindo quando fechou a porta. Emily recostou-se no travesseiro, seu corpo ainda dominado de desejo por ele. Não podia mais suportar essa situação. Rafe a excitava e depois não a satisfazia. Seu único consolo era pensar que ele também devia estar frustrado. Mas, será que estaria mesmo? Qualquer coisa e ele poderia recorrer a Janine Clarke.

Ela teve certeza de que Rafe havia estado com Janine quando o viu entrando pela porta da frente às oito horas da manhã. Estava com um ar cansado e a barba por fazer.

- O que você pensa que está fazendo? — ele perguntou.
- O que parece óbvio: descendo as escadas.
- Não fique nervosinha comigo, garota! E pare de andar por aí seminua. — Ele olhava descaradamente para suas pernas bronzeadas, valorizadas pelo short branco.
- Eu vou andar por aí completamente nua se sentir vontade.
- Ah, entendo. E o começo da tal vingança. Então é melhor avisá-la de que isso não me excita nem um pouco. Eu conheço inúmeras mulheres e não basta olhar para elas para desejá-las. Tenho certeza de que sabe o que eu estou querendo dizer.
- Eu não me vesti assim para chamar sua atenção — respondeu.
- Espero que ninguém mais a veja desse jeito.
- Eu sempre me vesti assim, e você nunca disse nada.
- Bem, estou dizendo agora. Você cresceu um pouco desde que usava essas roupas. Você está simplesmente indecente!
- Pode ser, mas estou me sentindo ótima.
- Volte já para o seu quarto e tire essa roupa.
- Não vou me trocar!
- Ninguém está pedindo para se trocar, quero que vá para a cama.
- Rafe, você está brincando. A essa hora da manhã? Tem certeza?
- Não estou lhe fazendo nenhum convite, quero só que vá se deitar, pois, por ordens médicas, você só poderá se levantar amanhã.
- Como fui boba de ter pensado isso. Você deve estar exausto depois da noite, não é mesmo?
- O que quer dizer?
- Quero dizer que Janine Clarke já deve ter aproveitado o melhor de você hoje. Eu exijo pelo menos ser a primeira do dia.
- Emily pretendia ir à cozinha, pois estava faminta.
- Vá para a cama, moça, antes que eu perca a paciência.
- Não me venha dando ordens, Rafe, já estou farta de ficar deitada. Agora vou tomar meu café da manhã e depois vou à praia.
- Você não vai a lugar nenhum. O médico disse que deveria ficar na cama, e é lá que você vai ficar.
- Tudo o que ele disse foi que eu deveria descansar e ficar em observação. Eu vou descansar na praia, e se você está tão preocupado comigo, fique lá me observando.
- Tenho que trabalhar.
- Tem certeza de que conseguirá? Teve uma noite agitada.
- Eu ainda encontraria forças para colocá-la no colo e lhe dar umas palmadas. Não sei se sabe, mas seu rosto está...
- Já me olhei no espelho, obrigada.

Na verdade Emily tinha levado um grande susto com sua aparência, ao ver aquele olho roxo.

— Dói muito?

— Só quando dou risada. Claro que dói, que pergunta!

— Calma, eu sei que você não está bem, mas...

— Estou, sim. Sinto-me apenas um pouco zonza, mas fora isso estou ótima e não vou voltar para a cama.

— Eu sou responsável por você, portanto vai fazer o que eu mandar.

— Tente me levar à força.

— E o que pretendo fazer.

Rafe a tomou nos braços; Emily estava muito fraca para reagir.

Quando foi colocá-la na cama, Rafe, pálido, começou a tremer.

— Você está bem, Rafe?

— Eu... eu estou bem, sim. Só peço que não discuta mais comigo.

— Você está mais velho do que imaginava, Rafe. Se passa mal depois de uma noite de amor, é mau sinal.

— Talvez você esteja certa. Agora, com licença...

Emily estava estranhando a atitude de Rafe, por não ter discutido, contra-argumentado. Deu-se conta então de que ele estava certo. O esforço que fez para se vestir e descer as escadas a tinha cansado demais.

Pouco depois Sara trouxe uma bandeja com o café da manhã. Parecia ouvir um murmúrio lá fora, como um tumulto.

— Sara, o que está havendo? Parece que ouvi a voz do Dr. Byne. Ele não veio aqui para me ver, veio?

— Continue comendo. Não, ele não veio para ver você; o sr. Rafe é que não está se sentindo bem.

— O que houve com ele?

— Bem, se soubéssemos não teríamos chamado um médico. Desculpe-me, estou nervosa; primeiro você, depois o sr. Rafe. Só falta a srta. Célia ficar doente.

— Rafe se machucou?

— Desmaiou. Eu fui até seu quarto ver o que estava acontecendo por ele não ter descido para o café, como de costume, e o encontrei desmaiado.

— Quero vê-lo.

— Não vai fazer nada disso.

— Mas eu preciso, Sara. Preciso saber o que aconteceu.

— Quando o médico nos disser o que é, eu lhe informo. Por enquanto fique aí onde está. Você e o sr. Rafe esquecem-se de que não são parentes e ficam indo e vindo um ao quarto do outro. Não está certo, se as pessoas ficarem sabendo...

Então Sara se lembrava do que havia acontecido na noite anterior! Ela não imaginava, porém, quanto eles desejavam um ao outro.

— Mas não interprete mal, Sara, não houve nada, você não pensaria que...

— Ultimamente não tenho certeza de nada. Mas, de qualquer forma, acho que o sr. Rafe tem mais juízo.

— E eu, não?

— Você sempre teve uma queda pelo sr. Rafe. Ainda bem que ele a ignorou. Acho bom você não ir ao quarto dele agora. O médico ainda está lá.

Como Sara era esperta! Enxergava muito mais longe do que normalmente demonstrava. Mas, felizmente, não tinha percebido o que havia acontecido entre ela e Rafe.

Emily pensou que não teria coragem de encarar Sara se ela soubesse o que tinha havido entre eles na noite anterior.

— Está bem, Sara, eu não vou insistir. Mas assim que tiver notícias me conte. E pode deixar que, na hora do almoço, eu desço, estou lhe dando muito trabalho.

— Vou fazer o que o médico mandar. Se ele disser que é para você ficar na cama, é isso o que vai fazer.

Alguns minutos mais tarde o Dr. Byne entrou no quarto.

— Como está Rafe?

— Com um pouco de repouso logo estará bem — disse ele puxando uma cadeira para perto da cama.

— Mas o que houve exatamente?

— É o osso da bacia, é claro. Pelo jeito ele vem sofrendo bastante ultimamente, sem contar nada a ninguém. Eu percebi ontem no hospital que ele estava muito tenso, mas como a paciente era você...

— Mas ele vai ficar bom?

— Desta vez, sim, mas terá que fazer a tal operação.

— Será que o fato de ele ter me carregado para cima e para baixo tem alguma relação com a sua recaída?

— Pode ser, mas ele vem se excedendo há algumas semanas, pelo que percebi. Eu queria levá-lo para o hospital, mas por algum motivo obscuro essa família tem aversão a hospitais. Ele tem que se operar logo, Emily, do contrário será tarde demais. Se seu corpo se adaptar a essa deformação da bacia, não poderemos fazer mais nada.

— Mas por que não fizeram com que se operasse antes?

— Porque sempre se recusou. Só podemos aconselhá-lo, não podemos obrigá-lo. Sabemos que ele está sofrendo, mas Rafe não é fácil de convencer.

A conversa foi interrompida com a entrada de Sara no quarto. Parecia embaraçada.

— O sr. Rafe me mandou aqui. Ele acha que não fica bem vocês ficarem sozinhos. Emily sabia que Rafe não tinha gostado da forma com que o médico a tinha examinado no dia anterior, por isso aquela sua reação não a surpreendeu.

David Byne olhou para Emily de um jeito galanteador.

— Talvez ele esteja certo. Mas acho que está tudo bem com a sua saúde.

— Então posso sair da cama?

— Bem...

'— Por favor, Dr. Byne, eu quero ver Rafe.

— Ele vai dormir umas quatro horas com a medicação que lhe dei. Acho que a melhor coisa que você tem a fazer é ficar na cama até o fim do dia e depois ir ver Rafe. Ele precisa descansar, e descansar seria a última coisa que eu faria se você estivesse no meu quarto.

— Dr. Byne! — exclamou Sara.

— Estou brincando, Sara, só brincando.

— Espero sinceramente que sim.

O dia parecia que não ia acabar nunca para Emily, que tinha permissão para ver Rafe só à noite. Ela havia passado o dia todo na expectativa desse momento, para finalmente sofrer uma decepção quando chegou a tão esperada hora.

— Você vai ter que deixar a sua visita para amanhã...

— Por quê, Sara? O que houve?

— O sr. Rafe está num sono profundo. Ele acordou tarde, comeu alguma coisa, tomou de novo aqueles comprimidos e agora dorme como um bebê. E é melhor mesmo que ele durma em vez de ficar aguentando falatório de mulher.

— Eu não ia ficar falando. Mas será que não dá só para ir lá e ficar um pouco?

— Com que propósito? Ele nem vai saber que você esteve lá. Não, Emily, ele não vai acordar até amanhã. É melhor não ir.

Emily acatou as ordens de Sara como uma garotinha obediente. Ficou pensando em como passar as próximas horas. Por que não poderia ir ao quarto de Rafe e ficar sentada a seu lado por algum tempo? Seria bom para que ela tomasse consciência de seu estado real, e como ele estava dormindo não iria se sentir constrangido.

Uma vez decidido isso, Emily levantou-se imediatamente, vestiu jeans e camiseta e foi até o quarto dele. Sara estava certa, ele dormia como um bebê. Parecia mais terno quando dormia, mais próximo da imagem daquele Rafe que tinha feito amor com ela.

Emily sentou-se ao lado da cama e sentiu-se muito bem por poder olhar para Rafe à vontade, sem inibições. Estava bem próxima a ele quando foi surpreendida por aqueles enormes olhos azuis abertos.

— Olá! O que está fazendo aqui? Aposto que Sara não sabe disso.

— Ganhou a aposta!

— Eu imaginava. Que horas são?

— Onze horas.

— Por que você não vem comigo?

— Onde?

— Aqui na cama. Estou muito cansado para fazer qualquer coisa, e você me faria companhia.

— Bem, mas...

— Não hesite, Emily, aceite que eu estou precisando de companhia esta noite.

Não poderia haver melhor argumento: se Rafe precisava dela, iria ficar com ele.

— Há o paletó de um pijama aí em cima da cômoda, vista-o.

Emily trocou-se rapidamente e entrou embaixo das cobertas. Tremeu ao sentir os braços de Rafe puxando-a para perto de si.

— Não se preocupe, não vai acontecer nada. Teria um péssimo desempenho se tentasse alguma coisa nesta noite. Além de cansado, meu osso está me matando de dor.

Emily apalpou o local de seu corpo onde ele disse que doía e sentiu os músculos rígidos.

— Pare com isso, Emily. Se não se comportar, vai ter que sair daqui.

— Prometo que me comporto.

Logo em seguida Emily percebeu, pelo ritmo de sua respiração, que Rafe já estava dormindo. Mas levou muito tempo para dormir, todo o tempo atenta ao fato de se encontrar nos braços do homem que amava.

Emily acordou com um barulho e deu um pulo na cama. Era Sara, derrubando a bandeja do café e olhando para os dois com uma expressão de horror.

CAPITULO VIII

Emily primeiro corou, depois empalideceu. Queria se explicar o quanto antes, uma vez que Sara já ia se retirando sem dizer uma palavra.

— Sara! — Rafe chamou-a.

Ela se virou para atendê-lo, com evidente desaprovação.

— Sim, senhor.

— Quero que você seja a primeira pessoa a nos cumprimentar. Os braços de Rafe pousaram sobre os ombros de Emily, enquanto ela tentava se recobrar do choque.

— Ermily e eu vamos nos casar.

— Ah, então quer dizer que pretendem se casar...

— Sim, embora tenhamos antecipado a noite de núpcias.

- Nota-se!
- Deixe de ser tão moralista, nós nos deixamos levar pelo momento, entende?
- Pode ser, mas espero que esse casamento aconteça o quanto antes. Não vão querer que todo mundo fique sabendo quanto foram impetuosos.
- Como? Ah, sim. — Rafe compreendeu a insinuação. — Mas vamos nos casar no próximo fim de semana, Sara, no sábado.
- Emily não conseguiu disfarçar sua surpresa com toda aquela conversa.
- Oh, não, Rafe, eu.,.
- Isso é novidade para Emily também, Sara, ainda não tínhamos conversado sobre casamento,
- Eu sei que não é da minha conta, sr. Rafe, mas...
- Não é da sua conta mesmo, Sara. Vamos nos casar no sábado e esperamos contar com a sua presença. Agora, se nos dá licença.
- Tenho que dar uma arrumada nessa bagunça primeiro. Olhe só, vou ter que lavar o carpete, está cheio de café e açúcar.
- Emily pulou da cama em direção a Sara.
- Deixe-me ajudá-la,
- Você deveria usar mais alguma coisa, meu amor, não estamos vestidos de acordo para receber visitas.
- Oh, desculpe, me esqueci.
- Não se desculpe para mim, estou achando ótimo, mas acho que Sara ficará menos embaraçada se você for até o banheiro se vestir.
- Não seria possível me sentir mais embaraçada do que já estou, sr. Rafe, mas de qualquer forma já vou me retirar; limpo o carpete mais tarde.
- Oh, Sara! — O olhar de Emily implorava compreensão.
- Está bem, Emily, eu não faria as coisas desta forma, mas desde que sejam felizes juntos é o que importa.
- Assim que ficaram a sós, Emily interpelou Rafe:
- Por que fez isso? Por que dizer a Sara que íamos nos casar? Pode ter resolvido as coisas no momento, mas já imaginou a confusão que vai dar quando o casamento não acontecer?
- Mas vai acontecer.
- A expressão do rosto de Rafe mudou, e ele jogou as roupas de Emily sobre a cama.
- Vista-se, por favor. Seu plano funcionou, pode parar de representar agora.
- Do que está falando?
- Foi uma idéia inteligente, e eu cai feito um bobo.
- Caiu como? — Emily estava confusa.
- Bem, acho que terá que acomodar suas roupas aqui — disse ele, indicando o guarda-roupa.
- Não estou entendendo nada.
- Já disse que pode parar de representar. Já conseguiu a sua vingança. Eu vou me casar com você, não vou? Subestimei você, meu anjo. Na verdade, você aprendeu muitas coisas na América. Espero que tenha aprendido, além de caçar um marido, a satisfazê-lo.
- Rafe!
- Não imaginava que você fosse capaz de tamanha baixeza. Espero que esteja preparada para arcar com as consequências do que fez. pois pretendo fazer uso de todos os meus direitos como marido.
- Não podemos nos casar. Rafe, não assim.
- Você fez com que não nos restasse outra escolha.

- Eu fiz?
- Eu lhe disse que não me casaria com você de jeito algum. E você veio até o meu quarto com a séria intenção de alcançar esse objetivo.
- Mas foi você quem me convidou para vir para a cama, certo?
- Mas você não tinha que ter permanecido aqui. Poderia ter saído do quarto silenciosamente nesta manhã, sem que ninguém a visse. Mas não, isso não iria beneficiá-la de forma alguma. Bem, não pense que este casamento vai ser fácil para você. Fui trapaceado e vou fazer da sua vida um inferno.
- Rafe, por favor, ouça...
- Cansei de ouvi-la, agora ouça você. Talvez você não tenha tido a intenção de me obrigar a casar com você. Talvez só quisesse me desmoralizar um pouco na frente dos empregados, mas agora não vejo outra opção a não ser o casamento. E você mesma sabia disso. Chegou a me perguntar o que achava que Sara iria pensar se nos visse juntos. Bem, agora você já sabe. Ela é quase parte da família, como você, e portanto não irei magoá-la.
- E eu?
- Você fez a cama e agora tem que deitar nela, literalmente. Já que vai ter que dormir comigo, Emily, é melhor ir tentando se livrar dessa aversão que sente pelas minhas cicatrizes.
- Isso está errado, Rafe. Você está se casando comigo por razões erradas.
- Eu não estaria me casando com você se não tivesse sido forçado a isso. Agora saia, que tenho que me vestir. Tenho muito trabalho pela frente.
- Mas não pode trabalhar, você desmaiou ontem.
- Isso foi ontem, hoje estou ótimo — disse ele, batendo a porta do banheiro.
- Emily estava transtornada. O que ele pensava que ela era? Vestiu-se rapidamente. Se Rafe queria que ela dormisse com ele, ela o faria, mas não como ele pretendia.
- Rafe estava pensando que o casamento era a vingança dela, mas logo iria perceber que essa vingança tinha apenas começado. Ele achava que esse casamento ia ser para valer, e até a noite de núpcias ela o deixaria pensar assim. Mas daí para a frente ele iria ver.
- Com essa decisão, Emily encontrou forças para tomar um banho e se vestir antes de ir tomar o café. Assim que se aproximou da sala de jantar, começou a ouvir vozes alteradas. Sara ia saindo com um ar assustado.
- A srta. Célia acaba de receber a notícia do casamento. Parece que não gostou nada, por isso acho melhor você não entrar.
- Eu não esperava mesmo que ela ficasse feliz, mas terei que encará-la, mais cedo ou mais tarde.
- Emily tomou coragem e dirigiu-se à sala de jantar, parando na porta alguns instantes sem ser notada. O rosto de Célia estava vermelho, ela parecia mesmo fora de si.
- Se queria dormir com ela, por que não o fez longe dos olhos dos empregados? Devia ter ido a um hotel, ou mesmo àquela cabana, como já fez uma vez.
- Emily foi se aproximando.
- Ah, aqui está ela. Entre, Emily, você pode participar da conversa, afinal é você o assunto principal. — Célia estava enraivecida.
- Célia, vamos mudar de assunto, está bem? Emily e eu vamos nos casar e isso é tudo.
- Tudo? Não acho que seja tudo. Ela o enganou, Rafe, fez você de bobo, aproveitando-se desse desejo ridículo que sente por ela. Mas quanto tempo isso vai durar? Você não pensa que é o único homem na vida dela, pensa? Você é um entre muitos.

- Mas eu fui o primeiro, Célia, disse tenho certeza.
- E quantos você acha que vieram depois disso? Você viu aquela escova de cabelos filetada a ouro que ela tem no quarto? Ela diz que foi um presente de despedida que lhe deram.
- E foi mesmo.
- De um homem?
- Emily corou, lembrando-se do prazer que sentiu quando recebeu o presente de Josh.
- Sim, mas...
- Está vendo? Acho que não precisamos de mais provas, ela não passa de uma interesseira sem escrúpulos.
- Jamais repita tal coisa, entendeu? — disse Rafe, irritadíssimo com a irmã.
- Sim, eu entendo que você se preocupe mais com o corpo magro de Emily do que com a sua própria dignidade.
- Eu nunca vou deixar de preservar minha dignidade, fique sabendo.
- Vocês são desprezíveis, os dois. Se você for mesmo se casar com ela, eu não fico nesta casa nem mais um minuto.
- Faça como quiser, o casamento vai acontecer.
- Como eu disse naquela primeira noite em que Emily chegou, vocês merecem um ao outro.
- Emily caminhou em direção a Célia.
- Tente compreender, Célia, nós...
- Ah, eu entendo. Você planejou tudo desde o começo, você sempre quis ser a patroa na casa. Bem, agora vai ser. Pena que para isso tenha que se casar com um homem mutilado e cheio de cicatrizes.
- Emily se enfureceu e gritou:
- Saia daqui! Saia daqui!
- E o que pretendo fazer, e para nunca mais voltar.
- Você nunca mais terá permissão para voltar se eu tiver alguma autoridade aqui.
- E terá, Emily, terá toda a autoridade. Um homem de meia-idade apaixonado por uma garotinha! Quero só ver por quanto tempo... — disse, saindo da sala.
- Assim que Célia saiu, Emily voltou-se para Rafe. Ele parecia arrasado, seus olhos estavam cheios de lágrimas e suas mãos tremiam.
- Calma, Rafe, não ligue, ela não tinha intenção...
- Ela tinha intenção, sim, mediu bem as suas palavras. E engraçado descobrir o que a minha própria irmã pensa de mim. Um homem mutilado e cheio de cicatrizes! Será que vale a pena esta sua vingança para se tornar esposa de um homem assim, Emily?
- Vale a pena... — disse Emily, baixinho. Ela faria qualquer coisa para se casar com o homem que amava.
- Aquela escova filetada a ouro, de quem você ganhou?
- Foi presente de despedida de um rapaz.
- Que rapaz?
- Josh.
- Josh Richardson? Então jogue fora.
- Oh, não, Rafe, é muito bonita, eu...
- Livre-se dela, já disse. E de todos os badulaques que seus namorados lhe deram. Eu não vou querer que minha mulher fique colecionando presentes de outros homens.
- Não, Rafe, não é bem assim. Josh era apenas um amigo.
- Tão amigo que você chegou a admitir que ele poderia ser o pai de seu filho, caso estivesse grávida.

— Eu só disse isso para chocar você, para descobrir se você se sentia atraído por mim. E, naquela vez, você não reagiu.

— Por que deveria reagir ao fato de você ter me dito o nome de um dos seus amantes, se deve ter havido vários? Mas não quero saber o nome de todos.

— Você está enganado, Rafe, não houve mais ninguém.

— Você pensa que eu sou bobo? Meu corpo pode estar arrasado, mas meu cérebro está ótimo, em perfeito estado. Eu conheço você, Emily, conheço seu apetite sexual. E não acredito que pudesse passar três anos sem fazer sexo.

— Por favor, Rafe, não faça isso conosco.

Emily estava profundamente magoada. Era verdade que, toda vez que Rafe se aproximava dela, tudo o que queria era cair em seus braços. Mas isso não acontecia com os outros homens.

— Não faça isso conosco? Você será minha esposa e haverá só um dever que eu quero que cumpra, e você sabe qual é. Portanto, não precisa começar a usar a primeira pessoa do plural para tudo.

Assim que se viu só, Emily se serviu de uma boa xícara de café, pois precisava muito de um conforto. Estava para se tornar esposa de Rafe, mas isso não seria agradável nem para um nem para outro. Ela já podia visualizar Rafe na primeira noite. Seria uma experiência frustrante!

Assim que terminou de tomar o último gole de café, ouviu uma porta bater e, logo em seguida, o ruído de um motor de carro.

Sara entrou na sala, ofegante.

— Era a srta. Célia. Ela foi embora. Eu sabia que não iria aceitar seu casamento com o sr. Rafe.

— Acho que ela tem seus motivos para sentir ciúme.

— Só ciúme? Eu nunca vi ninguém com tanto ódio. Gostaria de comer alguma coisa? Que tal ovos com bacon?

— Não, obrigada, Sara. Vou até o escritório ver se termino de datilografar umas cartas.

— Mas você vai trabalhar hoje? Acaba de ficar noiva.

— E Rafe acaba de sair para trabalhar; não tenho escolha.

— Mas você tem muito o que fazer, comprar o vestido de noiva e tudo o mais.

— Você não espera que eu me case de véu e grinalda, depois do que testemunhou nesta manhã...

— Você pode ter sido um tanto impetuosa, mas o amor faz isso com as pessoas. Você tem todo o direito de usar véu e grinalda; aliás, eu acho que as pessoas da cidade vão ficar desapontadas se usar algo diferente.

— As pessoas da cidade?

— Sim, quando se casar na igreja, no sábado..

— Mas nós não vamos...

— O sr. Rafe disse que sim.

— Bem, se ele disse, então vamos. Se precisar de mim, estarei no escritório.

Emily passou o resto do dia sozinha. Assim que terminou o serviço no escritório foi dar uma volta no jardim, quando então apareceu Sara anunciando a chegada de Trisha.

— Eu queria ter vindo ontem, mas telefonei e o sr. Rafe me disse que você teria que permanecer em repouso por alguns dias. Por isso resolvi vir hoje, assim que terminei de dar aulas.

— Seria bom ter tido a companhia de uma amiga.

— E Célia?

— Ela foi embora, depois de uma certa discussão em família. Foi muito desagradável.

Trisha hesitou um pouco, tentando escolher as palavras certas para dizer o que tinha em mente.

— Essa discussão em família teria alguma coisa a ver com o boato que corre, por aí de que você e Rafe vão se casar?

— Pelo jeito as notícias correm rápido por aqui.

— Então quer dizer que é verdade? Não posso acreditar.

— É sim, Trisha, Rafe e eu vamos nos casar no sábado.

— Meio às pressas, não? As pessoas vão comentar.

— Não posso impedir que o façam, mas iriam comentar de qualquer forma, mesmo que esperássemos um ano. Só que, como as suspeitas são infundadas, logo cessam os rumores. Porque não têm fundamento mesmo, sabe, Trisha?

— Então, por que a pressa?

— Não há motivo para esperar mais. Eu sempre amei Rafe, você sabe disso.

— E ele ama você, Emily?

Ela estava torcendo para que Trisha não lhe fizesse tal pergunta.

— E uma pergunta estranha para se fazer a uma noiva às vésperas do casamento. Não, Trisha, ele não me ama.

— Mas, então, por quê...

— Por que está se casando comigo? Porque acha que deve. Emily se viu obrigada a contar tudo o que aconteceu a Trisha. Trisha não pôde evitar uma risada.

— Não consigo imaginar a cara de Sara ao surpreender vocês dois juntos, na cama! Emily também riu lembrando-se da cena.

— Mas na hora, nem eu nem Rafe achamos engraçado.

— Mas não acredito que ele não a ame! Por que iria se casar com você, se não a amasse? Somente Sara ficou sabendo, não haveria nenhum escândalo.

— Rafe não pensa assim. E há outros motivos para ele querer se casar comigo. Atração física, por exemplo.

— Mas ele não iria...

— Sim, iria, já até me informou sobre o que espera desse casamento. Mas não importa, o que eu quero é que ele se case comigo. Aos poucos eu vou lhe ensinando a me amar.

Rafe não apareceu para jantar. O lugar mais provável onde ele estaria jantando era a casa de Janíne Clarke. Emily comeu silenciosamente, sofrendo com a ideia.

Tomou seu café no terraço. Estava indignada com o fato de Rafe fazê-la passar por isso. Ele não sabia o que significava sofrer por alguém, mas logo iria saber. Ela olhou esperançosa quando ouviu a porta se abrindo, mas era Sara.

— Já terminei o café, obrigada.

— Está aí uma pessoa que quer ver a srta. Célia. Eu lhe disse que ela não estava, mas ele quer saber quando volta e eu não soube o que dizer.

— Quem é?

— O sr. Logan.

Então era Carl procurando por Célia!

— Mande-o entrar, Sara, eu falo com ele.

Carl estava muito elegante, com uma jaqueta marrom de veludo e uma camisa bege. Sorriu entusiasmado ao ver Emily.

— Sente-se. Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigado. Eu tinha um encontro com Célia, mas sua empregada acaba de me dizer que ela saiu.

— Pois é, ela foi embora, Carl. Partiu esta manhã e não esperamos que volte.

— Você quer dizer que ela foi embora para sempre?

— Sinto muito, mas é isso mesmo. Ela saiu muito apressada e nem deve ter-se lembrado de que tinha um encontro. Com certeza irá lhe telefonar.

Emily não tinha certeza do que dizia, mas esperava que Célia tivesse a decência de se comunicar com o pobre rapaz.

— Acho que agora você aceita algo para beber. Dirigiu-se ao bar e serviu uma boa dose de uísque a Carl, que o engoliu de uma só vez.

— Está melhor, agora?

— Mas não entendo. Célia não falou nada sobre partir quando saímos ontem à noite.

— E que foi mesmo uma decisão repentina. Na verdade, eu não sei bem como explicar... Bem, Célia não gostou da ideia de me ver casando com seu irmão.

— Então foi esse o motivo?

— Tente compreender como ela se sentiu, Carl, afinal ela era a dona da casa, e não deve ser fácil aceitar outra mulher na mesma posição.

— Mas, mesmo assim...

— Mas ela vai voltar, Carl, tenho certeza. — Então você vai se casar com seu primo?

— Ele não é meu primo, não somos nem mesmo parentes. Eu já existia quando meu pai se casou com a tia de Rafe.

— Bem, acho melhor ir agora.

— Não, fique e me faça companhia.

— Não, eu...

— Oh, fique, sr. Logan. Minha noiva deseja tanto sua companhia, que seria uma pena desapontá-la.

Rafe estava parado na porta, com um sorriso cínico nos lábios.

— Não se preocupem comigo, façam de conta que eu não estou aqui.

— Rafe!

Emily estava chateada por Carl, imaginando o que ele poderia estar sentindo.

— Você está intimidando nosso visitante.

— Não é a mim que ele está visitando. Se você quer convidar seus ex-amores para virem aqui, não espere que eu venha a entretê-los.

— Tudo bem, Emily, já ia mesmo saindo — disse Carl. — Boa noite, sr. Savage, boa noite, Emily.

Emily o acompanhou até a porta.

— Sinto muito, Carl, mas Rafe está chateado com a partida da irmã.

Ela mentia. Sabia muito bem que o motivo da raiva de Rafe era tê-los encontrado a sós no terraço.

— Eu entendo, se fosse ele também sentiria ciúme.

— Obrigada.

Todo seu bom humor se acabou quando teve que encarar Rafe novamente.

— Quantos homens você tem, Emily?

— Não o suficiente.

— Acho que tem mais que o suficiente.

— Que ridículo você ficar acusando as pessoas. Foi uma visita inocente, se comparada com a que você fez hoje.

— E quem você acha que visitei?

— Janine Clarke.

— Sim, é verdade, mas foi só para dizer adeus. Daqui para a frente eu vou estar muito ocupado na minha própria cama para sair por aí.

Emily ficou muito embaraçada.

— Eu já vou dormir, boa noite — disse.

— Aproveite bem suas noites sozinha, pois a partir de sábado estará muito ocupada.

Emily subiu as escadas, furiosa. Pensou em como Rafe ficaria desapontado na noite de sábado e estava louca para assistir à sua decepção.

CAPITULO IX

O casamento atraiu uma multidão à igreja local, mas os poucos convidados não se misturaram aos curiosos que lá estavam. Tudo tinha sido preparado com relativa facilidade por Rafe, que chegou ao extremo de encomendar ele próprio o vestido de Emily.

Era um belo vestido branco de seda pura, com um recorte no busto, deixando seu colo à mostra. Na cabeça ela trazia um delicado arranjo de pérolas, de onde caía um véu também branco, que terminava no fim da saia.

Emily não pôde esconder sua surpresa quando a costureira chegou com o vestido para as provas, na quinta-feira. Não podia nem mesmo acreditar que era para ela, só se convencendo quando soube que o comprador fora Rafe.

Ela não mencionou o vestido e nem falou sobre outros detalhes do casamento com Rafe. Deixou que ele se incumbisse de tudo. Ele também parecia muito pouco entusiasmado. Limitara-se apenas a informá-la sobre a hora em que deveria chegar à igreja.

Desde aquela noite em que tinha sido agressivo com Carl Logan, pouco tinham se falado, e quase não se viram.

Mas naquele momento estavam se casando, com a bênção do padre e a presença de todos os amigos que tinham ido levar os votos de felicidades. Não havia familiares nem dele nem dela. Os Martson eram os amigos mais próximos.

Quando chegaram em casa, Emily estava exausta de tanto sorrir e agradecer aos cumprimentos. Tinha havido uma recepção para uns trinta convidados, no salão do hotel, e Emily notou muitos olhares curiosos dirigidos a ela.

Agora tudo já tinha terminado e eles estavam de volta à casa. Rafe foi imediatamente ao escritório, não deixando a Emily nenhuma outra escolha a não ser ir para o seu quarto e mudar de roupa. Mas uma surpresa a aguardava lá: não havia nenhuma de suas roupas nos armários.

Ficou furiosa e foi para o quarto de Rafe, onde encontrou todas as suas roupas penduradas nos cabides e dobradas nas gavetas. Isso aumentou sua raiva, e nem se preocupou em se trocar; foi direto para o escritório e entrou sem bater.

Rafe olhou surpreso para ela. Ainda estava com a calça cinza e a camisa que usara na cerimônia do casamento, mas já sem a gravata e o paletó.

— Sim?

— Todas as minhas roupas foram transferidas...

— Para o meu quarto, eu sei.

— Você sabe, então?

— Para onde mais poderiam ter ido? E lá que você vai dormir de agora em diante.

— Sim, mas...

— Por que tanto alvoroço, Emily? Sara fez o que achou melhor.

— Isso é bem típico da sua arrogância: agir pelas costas. Eu mesma poderia ter mudado as roupas esta noite.

— Mas será que o faria? E esse o problema.

— Faria, sim. E eu não gosto de outras pessoas mexendo nos meus pertences, nem mesmo Sara.

- Está com medo de que ela tenha encontrado coisas que não devia? Como, por exemplo, cartas comprometedoras de velhos amantes?
- Claro que não.
- Por falar em velhos amantes, você não vai encontrar a escova que ganhou de Josh entre os seus pertences.
- Não?
- Eu pedi a Sara que desse fim nela.
- Você fez o quê? Não tinha esse direito, Rafe, não tinha...
- Tinha todo o direito! Você é minha esposa, Emily, minha, entendeu? E não vou permitir que guarde lembranças de outros homens.

A raiva estampada nos olhos de Rafe fez com que Emily temesse pelo sucesso de seu plano para aquela noite, quando iria lhe participar que não haveria vida sexual entre eles. Ele poderia ficar furioso e possuí-la à força.

- Você nunca vai entender, não é. Rafe? Nunca vai entender que não houve outros homens.
- Mas nunca vou poder ter certeza disso, vou? Tudo o que sei é que fui o primeiro, mas nunca saberei se houve outros homens.
- Eu garanti a você...
- Depois dos truques que usou para forçar este casamento, não sei se posso confiar na sua palavra.
- Não usei truque algum...
- Não sei então como poderia chamar o que fez. E agora vá tirar esse vestido, por favor.
- Foi você quem escolheu — disse ela, tirando a grinalda e jogando-a sobre a mesa. — Tudo o que fiz foi usá-lo. E agora, o que quer que eu vista? Uma camisola bem curtinha ou uma longa, decotada? O que agrada mais?
- Você é quem sabe. Mas não acho que seja necessário vestir coisa alguma.

Emily bateu a porta atrás de si com ódio. Seu único consolo era pensar na vingança que tinha preparado para aquela noite. Ela ia dar a Rafe uma lição que ele jamais se esqueceria.

Durante o jantar não abriu a boca, divertindo-se antecipadamente com o que aconteceria mais tarde.

Sara tossiu antes de entrar para servir o café, deixando óbvio o que pensava. Rafe e Emily não puderam deixar de rir.

- Sara é uma romântica. Ela está tratando o nosso casamento como se fosse o grande romance do século — disse Rafe, brincando.
- Talvez para ela seja — respondeu Emily com sarcasmo.
- Bem, desde que ela esteja feliz...
- E você. não está? Pense bem, Rafe, você vai ter uma mulher na sua cama todas as noites.
- Mas não exatamente a mulher que eu escolhi.
- Mas não ligue, Rafe, farei o possível para compensá-lo.
- Acho bom.
- Bem, eu já vou. Vejo você mais tarde.
- Onde vai?
- Para a cama.
- Apressada, não?

- Sim, ela estava com pressa, mas não pelo motivo que ele imaginava.
- Estou muito cansada, Rafe, estive muito ocupada nos últimos dias.
- Sara vai pensar que você está louca para ir para a cama comigo.

- Se pensar, engano dela. Estou só cansada.
- Não se explique, isso é até bom para o meu ego.
- Boa noite, Rafe.
- Com certeza será uma boa noite. Estarei no quarto dentro de mais ou menos meia hora. Tenho ainda algum trabalho para fazer.
- Por mim não precisa se apressar.
- Não vou me apressar. E se estiver dormindo quando eu chegar, acordo você. Não vou deixar que perca nossa noite de núpcias.
- Não vou dormir, aguardarei ansiosamente.

Sim, ela estava ansiosa para comunicar a Rafe que seria sua esposa só no papel. Era estranho se dirigir ao quarto de Rafe, saber que poderia usar seu chuveiro, esticar-se naquela cama enorme sem ter medo de chocar ninguém. Se Rafe soubesse que ela tinha a intenção de transformar aquela cama no inferno particular dele...

Emily tinha sido sarcástica ao se referir à roupa que deveria usar para dormir, mas na verdade tinha comprado uma camisola longa e transparente para aquela noite. Era branca e mostrava bem suas curvas, com um decote bastante ousado. Queria ver como Rafe iria resistir.

Deitou-se na cama, mal podendo esperar pelo momento em que ele viesse tentar alguma coisa. Pegou uma revista, mas não conseguia se concentrar.

Passaram-se duas horas e Rafe não apareceu. Emily ficou imaginando o que teria acontecido. Seus pensamentos foram subitamente interrompidos ao ouvir passos subindo as escadas e aproximando-se do quarto.

Rafe olhou para ela demoradamente quando entrou e foi direto para o banheiro. Abriu o chuveiro e, em dez minutos, estava de volta, usando um robe branco.

- Não pretendia demorar tanto. Estou surpreso que ainda esteja acordada.
- Eu vou ao banheiro, voltarei num minuto.

O que ela queria mesmo era desfilar na frente de Rafe com aquela camisola transparente e audaciosa, para que ele a visse em todos os detalhes. Voltou para o quarto bocejando e com um andar insinuante demais.

- Estou mais cansada do que pensava...

CAPITULO X

Era o dia do aniversário de Emily e ela nunca tinha se sentido tão deprimida em toda a sua vida. Fazia quatro dias que estava casada com Rafe, quatro dias e quatro noites de agonia, e não estava certa se quem estava sendo mais punido era Rafe ou ela.

Emily sabia que Rafe estava sofrendo com sua atitude, pelo jeito como ele a olhava. Todas as noites era a mesma coisa: ou Rafe se trancava no escritório, ou então saía e só voltava de madrugada. Não se falavam quando ele entrava no quarto. Ele simplesmente trocava de roupa e se deitava ao lado dela.

O problema era que Emily estava se machucando mais do que ele. Era ela quem tinha de se controlar para não confessar quanto o amava e desejava.

E no dia do seu aniversário Rafe não tinha se preocupado nem mesmo em cumprimentá-la. A mesa do café da manhã estava cheia de cartões e presentes enviados pelos amigos e Emily os abriu, um a um, até constatar que nenhum deles era de Rafe.

Limpou as lágrimas quando a porta se abriu. Rafe entrou com uma carta na mão.

- Bom dia. Eu tenho uma carta aqui que gostaria que respondesse.
- Mas a correspondência está em dia — disse ela, se defendendo.

— Eu sei, mas esta chegou hoje. Ah, e também quero ter certeza de que estará presente ao jantar desta noite.

— Claro que sim! Se você quiser...

— Eu vou receber algumas pessoas e seria estranho se minha mulher não estivesse presente.

— Ah, entendo. — Rafe não tinha dado a mínima atenção ao fato de ser seu aniversário; não tinha sequer notado os cartões e presentes.

— Talvez você preferisse a sra. Clarke como anfitriã.

— Talvez. Mas, como eu disse, seria muito estranho se você não estivesse presente.

— Eu estarei presente, não se preocupe.

— Ótimo. Vou para o escritório. Assim que puder, venha dar uma olhada na correspondência...

— Está certo.

Emily esperou que ele saísse para começar a chorar compulsivamente. Como poderia continuar a viver na mesma casa que Rafe, dividir a mesma cama, e não receber a menor palavra de carinho dele?

Ela o amava muito e não estava suportando mais toda aquela farsa. Mas como poderia lhe dizer que lamentava muito tudo aquilo? Só havia um meio, mas mesmo assim não estava certa, uma vez que havia Janine.

— O que é isso, Emily? Nada de lágrimas. Hoje é seu aniversário e tem que ficar feliz

— disse Sara.

— Como posso me sentir feliz se Rafe me diz que se arrependeu de ter casado comigo?

— Não acredite. Você sabe que ele gosta de você.

— Oh, sim, gosta de mim, mas não se preocupa em esconder que tem uma amante.

— Agora está sendo injusta. O sr. Rafe jamais faria isso com você.

— Faria, sim, se eu o tivesse forçado a isso, se eu o tivesse empurrado para os braços de outra mulher. E foi o que eu fiz, Sara, mandei-o longe de mim. E eu sei que você sabe; todos os empregados devem saber.

— Bem, eu...

— Não se preocupe em negar, Sara, o humor de Rafe anda insuportável nos últimos dias, o que não aconteceria se tudo estivesse maravilhoso entre nós.

— Todo casamento passa por uma fase de adaptação.

— É verdade... — concordou Emily, percebendo que tinha falado demais. — Eu vou até o escritório ajudar Rafe. Por favor, leve essas coisas para cima que agora não tenho tempo.

— Você não gostaria que eu fizesse um arranjo com os cartões? Eu poderia...

— Não, obrigada.

Naquela noite Emily se vestiu com um cuidado especial para que Rafe se sentisse orgulhoso dela. Colocou um vestido amarelo esvoaçante e escovou bem os cabelos.

Rafe entrou no quarto quando ela terminava de aplicar um brilho nos lábios.

— Você está linda!

— Estou, Rafe? Estou mesmo?

— Você sabe que está.

— Mas eu quero que você ache e me diga.

— Para quê? Para poder me dizer não mais uma vez?

— Não, eu...

— Mas não se preocupe. Tudo o que eu quero no momento é tomar um banho e me arrumar para o jantar. Você já deixou bem claro o que espera deste casamento, e eu

quero que saiba que por mim está ótimo. Espere por mim aqui, Emily, assim nós desceremos juntos para receber os convidados.

Em poucos minutos ele estava de volta, vestindo uma camisa marrom e um terno bege. A presença de Emily não parecia inibi-lo.

— Recebi um telefonema de Célia hoje.

— E mesmo?

— Parece que está precisando de dinheiro. Eu sempre soube que ela era uma mercenária. Pedi desculpas. Eu sei que foi diplomacia, pois nas mesmas circunstâncias ela repetiria tudo o que disse.

— Onde ela está morando?

— Alugou um apartamento em Londres. Acho que aquele tipo de vida é mais próprio para o temperamento dela do que este aqui.

Ouviram soar a campainha.

— Deve ser nosso primeiro convidado — disse, enquanto vestia o paletó e dava uma última olhada no espelho.

— O primeira? Quantos convidados teremos?

— Uma dúzia, mais ou menos.

— Uma dúzia?

— Não precisa entrar em pânico, você conhece todos.

— Conheço?

— Agora, sorria. Não quero que pensem que nossa aparência cansada se deve a outra coisa que não à paixão de recém-casados, mesmo sabendo que, no fundo, é um reflexo de toda a nossa frustração.

— Rafe!

— Agora não, Emily, sorria para os nossos convidados. Emily ensaiou um sorriso antes de abrir a porta da sala, mas o sorriso tornou-se espontâneo ao ver Trisha e seus pais. Mark Logan estava em pé atrás de Trisha, parecendo não ter certeza de estar sendo bem-vindo.

— Por que você não me contou que Trisha e sua família vinham jantar conosco?

— Porque eu queria que pensasse que tinha me esquecido do seu aniversário, queria que sentisse um pouco da insegurança que tenho sentido. Há mais pessoas vindo aí, aliás, e esta é a sua festa de aniversário.

— Oh, Rafe! — Lágrimas caíam-lhe dos olhos.

— Vá cumprimentar seus convidados, Emily, eles estão esperando.

A noite passou de uma forma maravilhosa para ela; sua única queixa foi quase não ter visto Rafe. Ela estava muito ocupada recebendo os convidados, evitando que alguém percebesse a tensão entre eles.

Depois do jantar, Rafe, entregou a Emily uma pequena caixa. Ao abri-la, viu que era uma pulseira de ouro, maravilhosa. Isso lhe deu chance de dar um longo beijo em Rafe.

No final da noite Emily estava cansada mas feliz. Todos os convidados já tinham ido embora e a casa estava em silêncio. Ficou surpresa quando ouviu o telefone tocar.

— Quem poderá ser, a esta hora?

— Eu atendo.

Assim que ouviu o nome de Janine, Emily deixou-se cair numa poltrona. O que aquela mulher estaria querendo numa hora dessas? Será que não se envergonhava? Rafe tinha estado em casa o dia todo, provavelmente não tinha tido tempo de ir vê-la, e agora ela estava pedindo satisfações.

Emily não ficou por perto para ouvir Rafe falar com ela.

Seus planos de lhe dizer que queria mudar a vida que vinham levando tinham ido por água abaixo. Ela saiu de casa silenciosamente e foi para a cabana, pelo atalho de pedras. Não queria dormir ao lado de Rafe, sabendo que ele iria se encontrar com a amante no dia seguinte.

Estava uma noite quente e, ao chegar à cabana, Emily suava e respirava com dificuldade. Tirou então a roupa e entrou no mar. Era a primeira vez que tomava banho de mar nua e a sensação era ótima.

A lua estava brilhando e iluminava a casa no alto da colina. Emily estava absorta em seus pensamentos quando de repente avistou Rafe nadando em sua direção. Deus do céu, o que iria fazer agora?

— Que diabos está fazendo, mulher?

— Pensei que fosse óbvio.

— Você sabe o que eu quis dizer. Vir até aqui já foi imprudência, mas nadar sozinha é loucura.

— Eu estou muito bem aqui.

— Não, não está. E agora saia da água que eu preciso falar com você.

— Não! Acho que podemos conversar aqui mesmo.

— Não seja tola. Se você está preocupada por estar nua, relaxe, porque eu também estou. Agora nade até a margem, já está na hora de levarmos um papo sobre nosso casamento.

Emily estremeceu. Então ele queria terminar com tudo, pôr um ponto final naquele casamento que não o satisfazia.

Sentiu-se envergonhada ao sair nua da água, mas Rafe não tinha essas inibições, estava à vontade.

— Vamos até a cabana, assim você pode se vestir. Emily cobriu-se com um lençol enquanto Rafe vestia a calça.

A única luz da cabana era a de uma vela. Se Rafe pretendia terminar com tudo, Emily sabia que não iria suportar.

— Você veio por aquele caminho das pedras novamente! Já lhe disse inúmeras vezes que é perigoso, mas você nunca me ouve. Tive medo de encontrá-la arrebitada entre as rochas.

— Desapontado?

Rafe respirou fundo e lentamente.

— Acho que nunca lhe dei nenhum motivo para pensar que gostaria de vê-la machucada.

— Bem, nos últimos dias...

— Acho que posso ser perdoado pelos últimos dias. Ando tratando mal a todos, não só a você.

— Inclusive Janine Clarke? — perguntou, não resistindo à oportunidade de citá-la.

— O que está querendo dizer?

— Estou perguntando se você tratou mal a sua amante também.

— Minha o quê?

— Não venha com joguinhos pra cima de mim, Rafe, eu sei que você a tem visitado.

— E como sabe disso?

— É que, quando você vem para a cama, eu sinto o perfume que ela usa. E ainda espera que eu corresponda a alguma coisa!

— Um momento! Então quer dizer que você acha que eu tenho feito amor com Janine e depois voltado para casa para fazer o mesmo com você?

— Sim, é isso mesmo.

— Meu Deus! Que tipo de animal você pensa que eu sou?

- Eu não acho que você seja...
- Não acha que eu seja um animal? Então o que eu seria, um atleta sexual? Eu posso achar Janine muito atraente, mas não fui e não estou indo para a cama com ela. Você acha que eu estaria nesse mau humor se fosse assim?
- Mas eu... você...
- Eu quero *é* você, Emily. E você sabe quanto. Por que iria procurar outra mulher? Talvez outra mulher me desse algum alívio, mas a verdade é que é você que está no meu sangue, nas minhas entranhas. E isso há três anos...
- Há três anos?
- Eu a deixei partir uma vez, mas você voltou, e agora eu não conseguiria me separar de você novamente. Eu não toquei outra mulher desde que você partiu; não consegui. Agora você é minha mulher, mas mesmo assim não posso tê-la.
- Você poderia me ter agora, não há nada impedindo.
- Oh, há sim, há os seus olhos acusadores.
- Rafe, você me ama?
- Você me quer de joelhos, não quer?
- Não, eu...
- Eu ficaria, se soubesse que isso ia fazer com que você me amasse, que sentisse um décimo do que eu sinto por você.
- Você me ama, Rafe?
- Sim, eu a amo. Desde que você tinha quinze anos de idade.
- Desde os quinze anos?
- Sim, e desde aquela época tenho sentido as piores agonias.
- Mas você me mandou embora depois... depois daquilo.
- Claro que sim. Não achei justo prender você a um homem que tinha idade para ser seu pai, quis que tivesse uma chance de escolha.
- Mas por quê?
- Porque era a sua juventude que estava em jogo, e eu já tinha ganho de você o presente mais precioso que um homem pode desejar.
- Sim, a minha virgindade era o que eu tinha de melhor para dar a você, Rafe.
- Verdade?
- Você foi tudo para mim por tanto tempo que eu aprendi a amá-lo, mas nunca ouvi uma palavra de amor da sua boca, jamais recebi um carinho seu. Tínhamos sido amantes, mas pelo que percebi isso não tinha significado nada para você. Senti vontade de morrer.
- E agora? O que sente agora?
- Sua resposta foi se levantar e caminhar em direção a Rafe, cobrindo seu rosto de beijos. Estava o tempo todo ciente de que a sua nudez estava provocando aquele homem.
- Agora tudo o que eu quero é que você faça amor comigo. Amor, entendeu, como há três anos.
- As mãos de Rafe tremiam ao tocar o corpo de Emily.
- Será que você não vai se virar e ir embora depois de alguns beijos? Desta vez eu acho que não conseguiria me controlar.
- Isso nunca mais vai acontecer. Eu amo você, Rafe, e quero que tudo o que é meu seja seu.
- Tudo?
- Tudo...
- Oh, Emily! — Ele beijou seu pescoço e levou-a até a cama. — Nunca mais eu vou deixá-la partir, Emily, nunca!

— Eu nunca vou permitir que me deixe partir. Mas vamos logo, meu amor, conversaremos mais tarde.

— É, mais tarde...

Agora Emily estava deitada nos braços de Rafe, com a cabeça encostada em seu ombro. Tinham acabado de fazer amor e fora maravilhoso!

— Rafe, por que você contou a Célia o que tinha acontecido aqui há três anos?

Isso era uma coisa que estava intrigando Emily, principalmente agora que ela sabia que Rafe já a amava naquela época. Comentar com outra pessoa sobre a noite que passaram juntos não era a atitude de um homem apaixonado.

— Mas eu não contei... pensei que você tivesse contado.

— E quando Célia e eu fomos íntimas a ponto de trocar tais confidências?

— Então, se não fui eu nem você, como... Ah, acho que sei. Depois do acidente eu passei alguns dias delirando, e posso ter mencionado isso.

Emily riu, aliviada.

— Eu tinha certeza de que você tinha contado porque ela

— Sim?

— Ela me disse que tinha sido você.

— Eu acho que Célia foi embora bem a tempo.

— Se você me amava, por que me recebeu de volta com tanta frieza?

— Por causa disso. Porque eu sou como Célia diz, mutilado e cheio de cicatrizes.

— Você não é, não! As cicatrizes não significam nada para mim. Mas você me disse que doem, Rafe, é verdade?

— Não.

— Não acredito. Acho que você deveria fazer aquela operação.

— Por quê?

— Porque o médico disse que você precisa, e porque você vai querer brincar com as crianças... jogar futebol, tênis, etc.

— Que crianças?

— Nossos filhos, Rafe. Você não imagina como eu sempre quis ter filhos seus.

Principalmente quando fizemos amor pela primeira vez.

— Teria sido ótimo, pois seríamos obrigados a nos casar. Você não sabe como eu fiquei feliz por Sara nos ter surpreendido juntos. Eu queria você para mim, mas não sabia que me amava, pensei que fosse só desejo, e não sabia o que fazer. Quando você me disse tão displicentemente que poderia estar grávida de Josh Richardson, eu tive ímpetos de surrá-la. Imaginar que qualquer homem pudesse conhecê-la tão intimamente me deixava louco. Então surgiu uma chance de me casar com você, e eu a agarrei com as duas mãos.

— Ah, meu querido, eu também desejava tanto isso!

— Você diz que sim, eu acredito. Mas, se foi assim, por que você não...

— Por que eu não?

— Não importa. O que importa é que agora eu tenho você.

— Por favor, Rafe, continue o que estava falando.

— Por que você não veio me ver quando sofri o acidente? Eu quis morrer por você não ter vindo. Pensei que fosse morrer mesmo, e, por ter sobrevivido, desprezei você.

— Eu não vim porque não soube do acidente. Nada me seguraria na América, se eu soubesse.

— Mas você...

— Eu não sabia, Rafe, por favor, acredite. Você pensou que Célia tinha me escrito, mas ela não escreveu. No último domingo ela admitiu que não tinha escrito porque achava que eu não tinha o direito de saber.

— Achava que você não tinha o direito? Ela sabia que eu a amava e a queria perto de mim... ela me negou a paz que você poderia me dar.

— Ela fez o que achou melhor.

Naquele momento de felicidade, Emily conseguia ser mais compreensiva.

— Melhor para quem? Não para mim, certamente. E todo aquele tempo eu achava que você não estava nem se importando comigo, no momento que eu mais precisava de você. Deve ter sido chocante para você quando me viu. Ah, meu Deus, eu poderia estrangular Célia pelo que ela fez para nós.

— Você não me chocou, Rafe, suas cicatrizes nunca me impressionaram. Você é quem pensava assim. Eu me senti muito envergonhada naquela noite que viemos aqui, e o fato de eu ter apagado a vela não teve nada a ver com as suas cicatrizes. Eu queria ficar com você, mas fazia tanto tempo que me senti acanhada..

— Você não se sentiu envergonhada poucos minutos atrás. Aliás, você não parecia estar sentindo vergonha nenhuma.

— Mas agora eu sei que você me ama. E pare de me gozar!

— Você é adorável — disse ele, abraçando-a com força.

— Rafe! O que Janine Clarke significa para você?

— Com ciúme, meu amor?

— Sim.

— Não há motivo. Janine Clarke tem sido uma grande amiga para mim nos últimos meses, mas isso é tudo.

— Vocês pareciam tão íntimos. Ela até telefonou para você áquela hora da noite.

— Foi por isso que você saiu correndo?

— Eu não consegui ficar ouvindo vocês marcando um encontro.

— Não estávamos marcando encontro. Janine vai viajar por alguns dias e queria saber se a festa-surpresa tinha sido um sucesso.

— Mas você foi vê-la naquela noite em que nos desentendemos. Eu o vi chegando em casa na manhã seguinte, lembra-se?

— Em primeiro lugar, eu não estava vindo da casa de Janine naquela manhã. Tinha passado a noite aqui na cabana. Aliás, eu passei muitas horas na cabana, enquanto você, estava na América, lembrando todos os detalhes daquela nossa noite, a ponto de quase ficar louco.

Então era esse o motivo da cabana estar tão bem conservada!

— Mas você disse que ela conhecia todas as suas cicatrizes.

— Você está mesmo enciumada, hein? Janine viu as cicatrizes quando eu estava no hospital. Os ferimentos eram recentes e eu não podia cobri-los. Quase não usava roupa no hospital.

— Dessa eu não gostei! Já posso imaginar todas aquelas enfermeiras rodeando você...

— Eu não estava em condições de me aproveitar delas.

— Se bem o conheço, acho que você daria um jeito de tirar proveito em qualquer situação.

— Você devia ser punida por isso.

A punição foi uma série de carinhos.

— De uma coisa você pode ter certeza, Emily. Aquele seu telegrama avisando que ia chegar transtornou a minha vida. Fiquei dias sem conseguir fazer nada e por isso havia tanto serviço acumulado quando você chegou. Eu visitava Janine frequentemente porque ela sabia o que eu sentia por você, e era a única pessoa com quem eu podia conversar.

— Você lhe falou sobre mim?

— Só que a amava muito, e isso era tudo o que ela tinha que saber.

- Mas eu vi você beijando as mãos dela.
- Na piscina, eu sei. Mas só porque ela é uma ótima ouvinte e acabava de ouvir as minhas confidências... sobre você, é claro.
- Quer dizer que eu levei aquele tombo à toa?
- Se o motivo foi esse, sim.
- Ainda bem que vocês não tiveram um caso, porque eu gosto dela.
- Ela é uma ótima pessoa. Mas agora vamos parar de falar dos outros e vamos nos concentrar em nós mesmos. Onde gostaria de passar a lua-de-mel?
- Aqui.
- Aqui? Mas...
- É perfeito. Ah, por favor, Rafe. Nós vamos poder nadar, tomar sol, fazer amor... principalmente fazer amor.
- Você dizendo, parece tentador.
- E será, a partir de agora.
- Mostre-me.
- E o que pretendo.

F I M